

(DES)FRAGMENTO INDUSTRIAL

Centro de Artes como revitalizador da Fábrica José Domingos Barreiro

Ana Carolina Mendes de Almeida

(Licenciada)

Relatório Tese Final Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Equipa de Orientação

Professor Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco

Professor Doutor Arquiteto José Manuel Aguiar Portela da Costa

Júri

Presidente: Professora Doutora Luísa Maria da Conceição dos Reis Paulo

Vogal: Professor Doutor Carlos Luis Faria Lemonde de Macedo



Lisboa, dezembro, 2018

(DES)FRAGMENTO INDUSTRIAL

Centro de Artes como revitalizador da Fábrica José Domingos Barreiro

RESUMO

A zona oriental de Lisboa entrou num período de declínio e estagnação, que se faz sentir até aos dias de hoje, iniciado com o encerramento das atividades industriais localizadas no *Caminho do Oriente*, percurso assim designado por Deolinda Folgado e Jorge Custódio. Este percurso, compreendido entre duas grandes centralidades da cidade – Baixa Pombalina e o Parque das Nações – apresenta uma oportunidade de intervir num fragmento da cidade marcado pela forte presença industrial.

O presente exercício surge como proposta de atuação no processo de revitalização de um quarteirão industrial no qual está inserida a fábrica José Domingos Barreiro, localizada na freguesia de Marvila. O complexo de edifícios selecionados sofrerá uma reabilitação, de forma a adaptar-se às necessidades da sociedade moderna, através de um novo programa - Centro de Artes.

A proposta para a fábrica visa, através de uma abordagem de arquitetura moderna e de materiais contemporâneos, recuperar a memória de um equipamento industrial, intervindo de forma a que se estabeleçam relações intergeracionais com esta freguesia envelhecida e a transforme assim numa nova centralidade que promova uma relação de continuidade no Caminho do Oriente, unindo os dois polos atuais.

Palavra chave:

Património Industrial; Caminho do Oriente; José Domingos Barreiro; Centro de Artes

Título

(DES)FRAGMENTO INDUSTRIAL

Subtítulo

Centro de Artes como revitalizador da Fábrica José Domingos Barreiro

Nome

Ana Carolina Mendes de Almeida

Equipa de Orientação

Professor Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco

Professor Doutor Arquiteto José Manuel Aguiar Portela da Costa

Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura

Universidade de Lisboa

Lisboa, dezembro 2018

ABSTRACT

The western part of Lisbon went into a period of decay and stall, caused by the shut down of the industrial activities located in the Caminho do Oriente (Western Route), as designated by Deolinda Folgado and Jorge Custódio, that has had its effect felt up to modern days. The path that connects two main cores of the city -Baixa Pombalina and Parque das Nações- presents an opportunity to intervene in this fragment of the city, strongly shaped by the presence of its industrial heritage.

The current exercise occurs with the proposition of revitalizing an entire industrial block in which is inserted the factory José Domingos Barreiro, located in Marvila. The selected group of buildings will be rehabilitated in order to adjust to modern society's needs through a new program- Arts Center.

The proposition for the factory aims, through modern architecture and contemporary techniques, to recover the memory of this industrial equipment, obsolete in current days, and to create bonds with this town that break through generational barriers.

Thus, is proposed though an Arts Center in the factory José Domingos barreiro a new center point that promotes continuity in the Western Route- Caminho do Oriente- and unites the current main core points.

Keywords:

Industrial Heritage; Caminho do Oriente; José Domingos Barreiro; Art's Center

Title

(DES)FRAGMENTO INDUSTRIAL

Sub-title

Revitalization of the José Domingos Barreiro factory with an Arts Center

Name

Ana Carolina Mendes de Almeida

Advisors Team

Professor Architect António Pedro Moreira Pacheco

Professor Doctor Architect José Manuel Aguiar Portela da Costa

Master in Architecture

Faculdade de Arquitetura

Universidade de Lisboa

Lisbon, december 2018

AGRADECIMENTOS

A todos os professores que me influenciaram neste percurso, em especial ao Professor Carlos Macedo e Ljiljana Cavic pela ajuda nesta fase tão importante.

À minha mãe pelo exemplo de força e dedicação, por nunca ter permitido que alguma vez me faltasse o chão. Fica a promessa de uma vida cheia de sucessos em forma de agradecimento.

Aos meus avós, Elisa e Mário, por todo o amor. Pelas bases e valores que transmitem diariamente, fica o desejo de que a memória nunca me atraíçoe para recordar tudo o que vivemos juntos. Ser-vos-ei eternamente grata.

À minha família materna por serem o meu porto de abrigo.

Aos meus amigos a vossa sincera amizade, em especial ao Guedes, Marina, João Maria, Baltazar, Rafa, Ricardo e Patrícia . À Sofia, pela bonita amizade e constante companhia.

Ao Daniel, por ser um exemplo de dedicação e sucesso, pela amizade e carinho. Por ser o companheiro excepcional que tem sido.

À Luísa, Armando e Pedro pelo carinho.

À Boneca, Ringo e Lili por me terem dado tanto, guardo-os com amor. À Dra. Ângela, por ter cumprido a sua promessa do primeiro ao último dia, é um ser humano especial. À Dra. Filipa, pelas suas palavras.

Por fim, ao meu pai por ser a lembrança mais bonita que levo na vida.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

I	CONTEXTO	5
	01. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	7
	01.1 INDUSTRIALIZAÇÃO	13
	01.2 PÓS- INDUSTRIALIZAÇÃO	23
	0.1.2.1 MARVILA	23
	0.1.2.2 MARVILA ATUAL	24
II	PATRIMÓNIO	31
	0.1 CAMINHO DO ORIENTE	33
	0.2 REABILITAÇÃO	47
	0.2.1 REABILITAÇÃO DE PATRIMÓNIO INDUSTRIAL	53
	0.2.2 LISBOA CAPITAL DO NADA	55
	0.3 REFERÊNCIAS	59
	REAL VINÍCOLA	61
	MIEC + MMAP	67
	FÁBRICA DOS LEÕES	73
III	QUARTEIRÃO	79
	01. CONTEXTUALIZAÇÃO	81
	02. FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO	89

IV	PROPOSTA	99
	FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO	101
	01. SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E BIBLIOTECA	103
	02. HABITAÇÃO TEMPORÁRIA	107
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
	BIBLIOGRAFIA	117
	ANEXOS	121

ÍNDICE DE FIGURAS

01. Cartografia de Lisboa, 1589

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

02. Carta de Lisboa, 1856 a 1858

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

03. Doca do Poço do Bispo

EDUARDO PORTUGAL
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

04. Palácio de Cristal, maio de 1852

[HTTPS://WWW.PINTEREST.PT/PIN/420875527648993903/](https://www.pinterest.pt/pin/420875527648993903/)

05. Estação de comboios Liverpool Street Station

[HTTPS://WWW.PINTEREST.PT/PIN/335236765985917091/](https://www.pinterest.pt/pin/335236765985917091/)

06. Percurso caminho de ferro

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

07 e 08. Vila Dias

ALBERTO CARLOS LIMA
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

09. Alto das Chagas, lado sul, 1900

AUTOR DESCONHECIDO
[HTTP://LISBOA-E-O-TEJO.BLOGSPOT.COM/2018/01/IGREJA-DAS-CHAGAS.HTML](http://lisboa-e-o-tejo.blogspot.com/2018/01/igreja-das-chagas.html)

10. Pátio do Palácio dos Condes de Figueró

RALPH DELGADO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

11. Fotografia aérea da zona oriental de lisboa, 1950

AUTOR DESCONHECIDO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

12. Lisboa, 1949

EDUARDO PORTUGAL
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

13. Pátio do Palácio da Mitra, 1945

MÁRIO TAVARES CHICÓ
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

14. Palácio da Mitra, 1945

MÁRIO TAVARES CHICÓ
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

15. Comboio a vapor, 1925

EDUARDO PORTUGAL
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

16. Cais de Santa Apolónia, 1959

ARNALDO MADUREIRA
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

17. Rua Vale Formoso de Cima, vindo do Poço Bispo, 1961

ARTUR JOÃO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

18. Vista do empreendimento Prata Living e a sua envolvente

<https://www.pratalivingconcept.com/pt/empreendimento/>

19. Pontos de Referência em Marvila

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

20. Imagem Ilustrativa do empreendimento PRATEATO

[HTTP://WWW.ORIENTRE.PT/EMPRESAS/PRATEATO-OS-NOVOS-DESIGN-LOFTS-MARVILA](http://www.orientre.pt/empresas/prateato-os-novos-design-lofts-marvila)

21. Imagem ilustrativa do empreendimento Prata Living

[HTTPS://WWW.PRATALIVINGCONCEPT.COM/PT/GALERIA](https://www.pratalivingconcept.com/pt/galeria)

22. Vista para a Fábrica José Domingos Barreiro, da Praça David Leandro da Silva

AUGUSTO JESUS FERNANDES
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

23. Indústrias da zona Oriental de Lisboa

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

24. Vista aérea da zona Oriental de Lisboa, 1994

PUERTO MADERO
[HTTPS://WWW.SKYSCRAPERCITY.COM/SHOWTHREAD.PHP?T=1236241&PAGE=12&LANGID=5](https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1236241&page=12&langid=5)

25. Demolição das fábricas da zona oriental de Lisboa, 1999

ANTÓNIO PEDRO FERREIRA
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

26. Edifício do Pavilhão de Portugal

PEDRO MOURA PINHEIRO
<https://www.archdaily.com/583307/ad-classics-expo-98-portuguese-national-pavilion-alvaro-siza>

27. Edifício do Pavilhão de Portugal

PAULO GUERRA
<https://www.archdaily.com/583307/ad-classics-expo-98-portuguese-national-pavilion-alvaro-siza>

28. Gravura do Mosteiro dos Jerónimos

JOÃO ARTUR LEITÃO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

29. Construção das vias de acesso à Exposição do Mundo Português

AUTOR DESCONHECIDO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

30. Fábrica de Gás de Belém, implosão da primeira chaminé, 1950

JOSÉ SARMENTO DE MATOS
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

31. Fábrica de Gás de Belém, implosão da primeira chaminé, 1950

JOSÉ SARMENTO DE MATOS
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

32. Fábrica de Gás de Belém, implosão da segunda chaminé, 1950

JOSÉ SARMENTO DE MATOS
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

33. Fábrica de Gás de Belém, implosão da segunda chaminé, 1950

JOSÉ SARMENTO DE MATOS
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

34. Praia da manhã, 1938

EDUARDO PORTUGAL
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

35. Areal em frente a Xabregas, 1940

EDUARDO PORTUGAL
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

36. Destruição da II Guerra Mundial, cidade de Caen

[HTTPS://WWW.PINTEREST.PT/PIN/342273640408133849/](https://www.pinterest.pt/pin/342273640408133849/)

37. Ilustrações do progresso da Victoria London Docks

[HTTP://WWW.LONDONSROYALDOCKS.COM/LONDONS-ROYAL-DOCKS-HISTORY](http://www.londonsroyaldocks.com/londons-royal-docks-history)

38. Ilustração da Abbeville, 1852

JOHN RUSKIN
[HTTPS://WWW.GOOGLE.PT/SEARCH?Q=ILUSTRAÇÃO+DA+ABBEVILLE,+AUTOR+JOHN+RUSKIN,&CLIENT=OPERA&HS=OO1&TBM=ISCH&SOURCE=IU&ICTX=1&FIR=KSVPN_MVSZ5DOM%253A%252CGTDY91WMRH07VM%252C_&USG=__Y7TXEUTE8LYHLGKFENHZKOVUVM8%3D&SA=X&VED=0AHUKEWJMNauKx9TBaHwJUBQKHSDPBm8Q9QELTAA#imgrc=__](https://www.google.pt/search?q=ilustração+da+abbeyville,+autor+john+ruskin,&client=opera&hs=oo1&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=KSVPN_MVSZ5DOM%253A%252CGTDY91WMRH07VM%252C_&usg=__Y7TXEUTE8LYHLGKFENHZKOVUVM8%3D&sa=X&ved=0AHUKEWJMNauKx9TBaHwJUBQKHSDPBm8Q9QELTAA#imgrc=__)

39. Ilustração da Fisher Street, 1837

JOHN RUSKIN
[HTTPS://BR.PINTEREST.COM/PIN/107945722293201979/](https://br.pinterest.com/pin/107945722293201979/)

40. Ilustração da Basílica de Saint-Denis, 1860

EUGÈNE VIOLLET-LE-DUC
[HTTPS://UPLOAD.WIKIMEDIA.ORG/WIKIPEDIA/COMMONS/7/7E/SAINT-DENIS_%28BASILIQUE%29_VIOLLET-LE-DUC_%28PROJET%29.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7E/Saint-Denis_%28Basilique%29_Viollet-Le-Duc_%28Projet%29.JPG)

41. Le Château de Pierrefonds

EUGÈNE VIOLLET-LE-DUC
[HTTP://WWW.LAROUSSE.FR/ENCYCLOPEDIE/PERSONNAGE/EUGÈNE_VIOLLET-LE-DUC/149093](http://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/eugene_viollet-le-duc/149093)

42. Central Tejo

MARINA TAVARES DIAS
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

43. Estação St Pancras, Camden, London, 1895

<https://www.pinterest.pt/pin/300756081336017759/?!p=true>

44. Destruição da Estação St Pancras

<https://www.pinterest.pt/pin/530017449881740636/>

45. Ilustração da planta de cobertura da Casa da Arquitectura - Centro Português de Arquitectura

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

46. Casa da Arquitectura fachada interior

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/884700/REAL-VINICOLA-NIL-CASA-DA-ARQUITECTURA-GUILHERME-MACHADO-VAZ](https://www.archdaily.com.br/br/884700/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaaz)

47. Casa da Arquitectura fachada interior

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/884700/REAL-VINICOLA-NIL-CASA-DA-ARQUITECTURA-GUILHERME-MACHADO-VAZ](https://www.archdaily.com.br/br/884700/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaaz)

48. Entrada da Casa da Arquitectura

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/884700/REAL-VINICOLA-NIL-CASA-DA-ARQUITECTURA-GUILHERME-MACHADO-VAZ](https://www.archdaily.com.br/br/884700/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaaz)

49. Casa da Arquitectura fachada exterior

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/884700/REAL-VINICOLA-NIL-CASA-DA-ARQUITECTURA-GUILHERME-MACHADO-VAZ](https://www.archdaily.com.br/br/884700/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaaz)

50. Esquema da organização da Casa da Arquitectura

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

51. Interior da Casa da Arquitectura, edifício C

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/884700/REAL-VINICOLA-NIL-CASA-DA-ARQUITECTURA-GUILHERME-MACHADO-VAZ](https://www.archdaily.com.br/br/884700/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaaz)

52. Interior das escadas de acesso ao edifício C

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/884700/REAL-VINICOLA-NIL-CASA-DA-ARQUITECTURA-GUILHERME-MACHADO-VAZ](https://www.archdaily.com.br/br/884700/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaaz)

53. Pátio visto do exterior

FOTOGRAFIA DA AUTORA

54. Interior do pátio

FOTOGRAFIA DA AUTORA

55. Ilustração da planta de cobertura do MIEC+MMAP

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

56. Vista geral do MIEC+MMAP

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/788825/MIEC-PLUS-MMAP-ALVARO-SI-ZA-PLUS-EDUARDO-SOUTO-DE-MOURA](https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-si-za-plus-eduardo-souto-de-moura)

57. Vista da entrada do MIEC+MMAP

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/788825/MIEC-PLUS-MMAP-ALVARO-SI-ZA-PLUS-EDUARDO-SOUTO-DE-MOURA](https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-si-za-plus-eduardo-souto-de-moura)

58. Vista da cobertura do MIEC+MMAP

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/788825/MIEC-PLUS-MMAP-ALVARO-SI-ZA-PLUS-EDUARDO-SOUTO-DE-MOURA](https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-si-za-plus-eduardo-souto-de-moura)

59. Escadas principais do MIEC+MMAP

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/788825/MIEC-PLUS-MMAP-ALVARO-SI-ZA-PLUS-EDUARDO-SOUTO-DE-MOURA](https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-si-za-plus-eduardo-souto-de-moura)

60. Cafeteria

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/788825/MIEC-PLUS-MMAP-ALVARO-SI-ZA-PLUS-EDUARDO-SOUTO-DE-MOURA](https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-si-za-plus-eduardo-souto-de-moura)

61. Corredor de distribuição do Museu

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/788825/MIEC-PLUS-MMAP-ALVARO-SI-ZA-PLUS-EDUARDO-SOUTO-DE-MOURA](https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-si-za-plus-eduardo-souto-de-moura)

62. Módulo expositivo

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/788825/MIEC-PLUS-MMAP-ALVARO-SI-ZA-PLUS-EDUARDO-SOUTO-DE-MOURA](https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-si-za-plus-eduardo-souto-de-moura)

63. Ilustração da planta de cobertura do Complexo de Artes e Arquitectura da Universidade de Évora

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

64. Vista exterior do Complexo

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-175470/REUTILIZACAO-DA-ANTIGA-FABRICA-DOS-LEOES-DEPARTAMENTO-DE-ARQUITETURA-E-ARTES-VISUAIS-S-LASH-INES-LOBO-ARQUITECTOS-PLUS-VENTURA-TRINDADE-ARQUITECTOS](https://www.archdaily.com.br/br/01-175470/reutilizacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-departamento-de-arquitetura-e-artes-visuais-s-lash-ines-lobo-arquitectos-plus-ventura-trindade-arquitectos)

65. Alçado do edifício de Construção Nova

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-175470/REUTILIZACAO-DA-ANTIGA-FABRICA-DOS-LEOES-DEPARTAMENTO-DE-ARQUITETURA-E-ARTES-VISUAIS-S-LASH-INES-LOBO-ARQUITECTOS-PLUS-VENTURA-TRINDADE-ARQUITECTOS](https://www.archdaily.com.br/br/01-175470/reutilizacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-departamento-de-arquitetura-e-artes-visuais-s-lash-ines-lobo-arquitectos-plus-ventura-trindade-arquitectos)

66. Pré-existência e Reabilitação

[HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-175470/REUTILIZACAO-DA-ANTIGA-FABRICA-DOS-LEOES-DEPARTAMENTO-DE-ARQUITETURA-E-ARTES-VISUAIS-S-LASH-INES-LOBO-ARQUITECTOS-PLUS-VENTURA-TRINDADE-ARQUITECTOS](https://www.archdaily.com.br/br/01-175470/reutilizacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-departamento-de-arquitetura-e-artes-visuais-s-lash-ines-lobo-arquitectos-plus-ventura-trindade-arquitectos)

67. Exterior do núcleo C

FOTOGRAFIA DA AUTORA

68. Esquema da organização do Complexo

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

69. Interior das oficinas

FOTOGRAFIA DA AUTORA

70. Vista exterior da Reabilitação do Complexo

<https://www.archdaily.com.br/br/01-175470/reutilizacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-departamento-de-arquitetura-e-artes-visuais-slash-ines-lobo-arquitectos-plus-ventura-trindade-arquitectos>

71. Vista interior de uma sala de aula

<https://www.archdaily.com.br/br/01-175470/reutilizacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-departamento-de-arquitetura-e-artes-visuais-slash-ines-lobo-arquitectos-plus-ventura-trindade-arquitectos>

72. Pormenor da Carta das linhas de fortificação de Lisboa - 1835

<http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.com/2013/05/rua-do-acucar-ii.html>

73. Fábrica Abel Pereira da Fonseca, alçado principal. 1966

AUGUSTO DE JESUS FERNANDES
<https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/tag/abel+pereira+da+-fonseca>

74. Cais da Fábrica Abel Pereira da Fonseca

<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/12/>

75. Interior do Armazém vinícola da Fábrica Abel Pereira da Fonseca

<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/12/>

76. Fábrica Abel Pereira da Fonseca

<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/12/>

77. Fernando Pessoa nos Armazéns Abel Pereira da Fonseca

<http://nunonobre.com/2018/04/04/a-poesia-de-pessoa-e-o-vinho-de-abel>

78. Rua Zófimo Pedroso

EDUARDO PORTUGAL
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

79. Ilustração do Palácio Patriarchal de Marvila

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

80. Lápide Romana, encontrada na Azinhaga do Poço de Cortes, 1944

EDUARDO PORTUGAL
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

81. Planta da Fábrica José Domingos Barreiro com base na carta topográfica da linha de defesa da cidade de Lisboa de 1837

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

82. Planta da Fábrica José Domingos Barreiro com base na cartografia de Filipe Folque

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

83. Planta atual da Fábrica José Domingos Barreiro

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

84. Azinhaga em Marvila

EDUARDO PORTUGAL
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

85. Praça David Leandro da Silva, ao fundo a Fábrica José Domingos Barreiro

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

86. Rua do Vale Formoso de Cima, 1961

ARTUR JOÃO GOULART
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

87. Cinema Popular na Rua Direita de Marvila

VASCO GOUVEIA DE FIGUEIREDO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

88. Rua do Vale Formoso de Cima, vindo do Poço Bispo, 1961

ARTUR JOÃO GOULART
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

89. Carta publicitária, 25 de setembro de 1915

<http://leiloes.cfportugal.pt/26leilaoCFP/0487%20A%200490%20CAR-TAS%20PUBLICITARIAS/SLIDES/0489.HTML>

90. Fachada Principal da Fábrica José Domingos Barreiro

FOTOGRAFIA DA AUTORA

91. Fachada Principal da Fábrica José Domingos Barreiro

FOTOGRAFIA DA AUTORA

92. Pormenor da fachada principal

FOTOGRAFIA DA AUTORA

93. Pormenor da fachada principal

FOTOGRAFIA DA AUTORA

94. Fachada do Pátio interior da Fábrica José Domingos Barreiro

FOTOGRAFIA DA AUTORA

95. Fachada tardoz da Sede da Fábrica José Domingos Barreiro

FOTOGRAFIA DA AUTORA

96. Pormenor dos portões

FOTOGRAFIA DA AUTORA

97. Tipo de vão da fachada da rua Fernando Palha

FOTOGRAFIA DA AUTORA

98. Placa da Rua Fernando Palha

FOTOGRAFIA DA AUTORA

99. Tipo de vão da fachada da rua Fernando Palha

FOTOGRAFIA DA AUTORA

100. Portão da fachada da rua Fernando Palha

FOTOGRAFIA DA AUTORA

101. Pormenor do interior do edifício da Sede da Fábrica José Domingos Barreiro

FOTOGRAFIA DA AUTORA

102. Pormenor do teto do interior do edifício da Sede José Domingos Barreiro

FOTOGRAFIA DA AUTORA

103. Interior do primeiro armazém

FOTOGRAFIA DA AUTORA

104. Interior do primeiro armazém

FOTOGRAFIA DA AUTORA

105. Arco de ligação entre armazéns

FOTOGRAFIA DA AUTORA

106. Piso superior do armazém

FOTOGRAFIA DA AUTORA

107. Vãos com vista para a Praça David Leandro da Silva

FOTOGRAFIA DA AUTORA

108. Ilustração da planta de cobertura do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

109. Ilustração da Fachada Principal da Fábrica José Domingos Barreiro

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

110. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

111. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

112. Planta piso 0

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

113. Referência visual para as estantes da Biblioteca

<https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura>

114. Planta piso 1

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

115. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

116. Ilustração da entrada para a praça do Centro de Artes, pela Rua Fernando Palha

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

117. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

118. Planta tipo do quarto individual, i.s. partilhada

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

119. Planta tipo do quarto individual, i.s. individual

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

120. Planta tipo do quarto individual, com kitchenette

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

121. Ilustração corredor de distribuição dos quartos

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

122. Ilustração relação das áreas da zona comum

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

123 e 124. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

125. Referência Visual para os vãos do auditório e bar.

<https://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto>

126. Ilustração do vão do auditório e bar

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

127. Ilustração do vão do auditório e bar

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

128. Ilustração da fachada da Praça proposta

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

129. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

130. Referência Visual para o percurso do Armazém da Galeria

<https://www.archdaily.com.br/br/624682/palazzo-zen-o-office-architects>

131. Ilustração do corte do percurso do Armazém da Galeria

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

132. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

133. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

134. Referência Visual para os pátios

<https://www.archdaily.com.br/br/763908/we-architecture-e-creo-arkitekter-pro-poem-um-novo-centro-medico-em-moscou>

135. Planta piso 0, armazém 7

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

136. Esquema representativo do pátio

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

137. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

138. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

139. Referência Visual para o parque de estacionamento

<https://www.archdaily.com.br/br/767755/arranjos-de-superficie-do-parque-de-estacionamento-da-praca-d-diogo-de-menezes-miguel-amuda-arquitectos-associados>

140. Ilustração do corte do parque de estacionamento

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

141. Ilustração da relação interior-exterior

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

142. Ilustração da relação parque-rua

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

143. Ilustração do corte da Avenida Infante Dom Henrique

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA

INTRODUÇÃO

Se analisarmos a forma como Lisboa se veste podemos reconhecer nela a influência de distintas correntes artísticas, arquitetónicas, políticas. Tem na sua cronologia gravadas vivamente as marcas do tempo, entrelaçadas de forma harmoniosa e tão característica desta cidade, de tal forma que a definem na sua essência. Um porto do mundo que beija o Atlântico e que graças a este posicionamento tão favorável o expôs às infinitas influências que este possibilita. O jardim à beira mar plantado, com flores trazidas de além-fronteiras que adornam a malha da cidade com a beleza da multi-culturalidade.

Lisboa é um palco do mundo, e arquitetónicamente falando, são em si visíveis os diferentes dialetos que se têm vindo a criar no que toca à linguagem da arquitetura. Nela estão presentes vestígios dos vários períodos da história e onde cada um destes momentos vem adicionando ao longo dos séculos mais um capítulo à riquíssima história desta cidade.

“A cidade é, sem dúvida, um excelente testemunho e uma boa narradora da sua própria história.”¹

O presente trabalho tem como premissa a reabilitação de património industrial, resultante do período que se manifestou pela primeira vez em Lisboa na primeira metade do século XIX. Como consequência da pós-industrialização, os edifícios provenientes das várias indústrias que se foram instalando ao longo do Caminho do Oriente ficaram esquecidos e apresentam nos dias de hoje avançados estados de degradação.

O tema deste trabalho foi iniciado na disciplina de Laboratório de Projeto V tomando como princípio – **Construir (no e com o) Construído** – a preservação das memórias industriais por meio de uma intervenção reabilitadora nestes edifícios obsoletos evitando assim a sua destruição total e potencializando mecanismos originadores de novas vivências.

Um exercício de reflexão sobre a importância do legado cultural arquitetónico industrial e sobre a relevância deste para as gerações atuais e futuras – será durante o decorrer desta proposta de intervenção tomada a ação de estabelecer um fio condutor que una duas épocas cultural e socialmente diferentes.

Esta escolha teve por base a eleição do edifício da antiga fábrica de armazenamento e venda de vinhos, José Domingos Barreiro, pela sua arquitetura carismática, onde a proposta de reabilitação incidirá.

¹ FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge. *Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. página 6

Para uma melhor compreensão deste tema - património industrial, e do impacto que estes dois períodos tiveram no território da cidade- será abordado no primeiro capítulo deste trabalho, **Contexto**, a história da industrialização e pós-industrialização em Lisboa, seguido de um breve enfoque em Marvila, freguesia onde o objeto de intervenção se situa, sendo este um aspeto importante a ter em consideração quando se propõe intervir num determinado objeto pertencente a uma época específica - industrialização.

O segundo capítulo, **Património**, desenvolve-se no seguimento do primeiro assunto abordado, e como este foi impulsionador das várias mutações ocorridas territorialmente e socialmente no Caminho do Oriente. Posteriormente serão apresentadas as bases necessárias sobre o tema da reabilitação de património, para uma proposta coesa e coerente, onde seja premissa a preservação da identidade e características do objeto no qual se propõe intervir. Neste caso particular, um edifício fabril, compreendido pelos armazéns e sede da Fábrica José Domingos Barreiro - que será denominado daqui em diante como Quarteirão.

Depois de entendidas as normas necessárias de reabilitação e do conhecimento do panorama em que vai incidir o projeto, são estudados três exemplos dentro deste tema da reabilitação, e do património industrial, que servem de apoio prático à proposta arquitetónica que será depois apresentada. A escolha dos casos de estudo foram tidas em conta as semelhanças de programa, intervenção e morfologia arquitetónica. Por ordem de assunto, Casa da Arquitectura, Museu Internacional de Escultura Contemporânea e Museu Municipal Abade Pedrosa e o Departamento de Arquitectura e Artes Visuais da Universidade de Évora.

Quarteirão, terceiro capítulo, como já foi referido anteriormente compreende-se pelo quarteirão que engloba a totalidade dos edifícios referentes à antiga fábrica de armazenagem de vinhos. Neste capítulo será feita uma análise mais concreta e focada na leitura do edifício, uma análise mais detalhada do objeto, do estado de preservação em que se encontra nos dias de hoje. Só assim será compreendido o verdadeiro valor arquitetónico dos edifícios.

Por fim, **Proposta**, como o próprio nome indica será a proposta feita para a fábrica José Domingos Barreiro, tem como premissa a adaptação deste complexo industrial às necessidades atuais da sociedade moderna. Vendo o ambiente frágil em que está inserido torna-se urgente uma intervenção, não só a preservação arquitetónica como da história que carrega, para que, socialmente falando consiga apoiar as variadas faixas etárias presentes na envelhecida freguesia de Marvila enquanto é simultaneamente atrativa a um público jovem através da criação de um Centro de Artes e residências tem-

porárias para estudantes que o frequentem.

Necessário à compreensão de todas as decisões tomadas ao longo deste processo, são apresentadas as várias fases em que está dividido este projeto através da descrição pormenorizada da intervenção. Em simultâneo são apresentados desenhos e esquemas gráficos, elaborados durante o trabalho, para uma melhor compreensão visual da intenção tida. Consecutivamente, são expostos os projetos que serviram de referência visual, paralelamente aos casos de estudo, para as restantes decisões necessárias à intervenção completa desta proposta de reabilitação de património industrial.

I

CONTEXTO



O1. Cartografia de Lisboa, 1589

01. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

As primeiras populações que ocuparam o território que se viria a tornar Lisboa estabeleceram-se junto ao rio Tejo de forma a beneficiar dos seus recursos naturais. A cidade *"nasceu no cume e nos flancos de um abrupto monte que domina a margem do Tejo"*² foram muitos os povos que passaram por Lisboa até 1147, quando a cidade foi reconquistada aos mouros.

*"Com o decorrer dos séculos e aumento da população, houve a necessidade de expansão para além dos limites das muralhas do castelo. Nos altos de São Francisco, Carmo, Trindade, Graça, São Vicente de Fora, entre os séculos XVII e XIV fundaram-se conventos importantes, à volta dos quais se foram estabelecendo pequenos núcleos urbanos."*³

Os tempos áureos da expansão marítima e a excelente localização da cidade de Lisboa fizeram com que o crescimento continuasse ao longo da frente de rio, sem seguir nenhum plano de organização. Na zona oriental da cidade de Lisboa o ambiente era considerado predominantemente rural, dominado por solares senhoriais, grandes quintas, e conventos. Muitas destas quintas possuíam o seu próprio cais onde atracavam as embarcações que transportavam os produtos agrícolas que forneciam o comércio alimentar de Lisboa.

Esta realidade veio a sofrer alterações com o terramoto de 1755, depois da destruição de grande parte da cidade de Lisboa. As obras de reconstrução foram dirigidas por Marquês de Pombal, autor do novo desenho para a cidade, desta vez planeada segundo um sistema funcional e reticulado formando quarteirões entre si e apresentando um grande cuidado estético a nível das fachadas e uniformidade entre edifícios.

A extinção das Ordens Religiosas, em 1835, levou à nacionalização e consequentemente venda das propriedades episcopais, algumas delas tendo sido adquiridas pela burguesia que nelas construíam as suas casas de campo.

*"A segunda metade do século XIX marcou o início de uma fase de crescimento importante. As manchas rurais no centro da cidade cobriram-se de construções, e os limites de propriedades de antigas cercas e quintas foram coincidindo com os limites dos novos bairros."*⁴

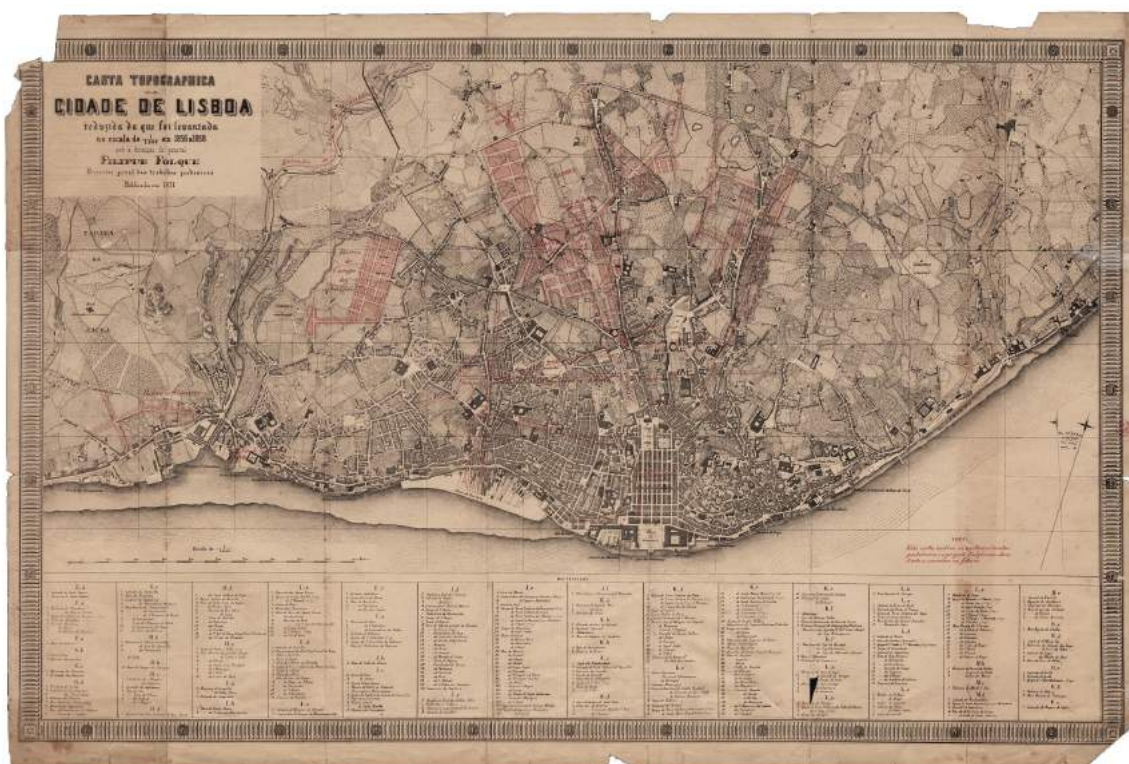
2 GRAÇA, João Carrilho da. *Carrilho da Graça*: Lisboa. 2015. página 51

3 Idem

4 Idem, página 56

Outras, por sua vez, foram abandonadas e consequentemente aproveitadas para a instalação de negócios manufatureiros e pequenas fábricas, os terrenos agrícolas por sua vez foram utilizados para construir as primeiras fábricas e vilas operárias que albergariam os respectivos funcionários.

Portugal encontrava-se à beira de um período propulsor do seu desenvolvimento que teria um profundo impacto no seu carácter.



O2. Carta de Lisboa, 1856 a 1858

*" E por Xabregas, Beato e Grilo – alfobre de
Mosteiros -, sítios onde as fábricas, os armazéns,
os cais e as pontes se sucedem e confundem
gritando trabalho;
E pelos tristes rincões populares a
Cavaleiro da orla marginal, e pelo côrego nobre do
Duque de Lafões, e pela ala ribeirinha onde os
Patriarcas tiveram paços – ambiente setecentista
sumido pelo fumo das chaminés;
E pelo Poço do Bispo, com o seu bate-bate
de arcos de aduelas, e por Marvila, ribamar entre
hortas, que teima em substituir;
E, enfim, por esta área onde o eco do
passado se afoga no tumulto ruidoso do resfolegar
das máquinas, e onde o sino foi substituído pelo
silvo das oficinas;
Por Lisboa ribeirinha do lado de onde vem
O sol que ilumina as velas brancas das faluas, esta
Lisboa que tem por tôda a parte um braço de
Armas, uma nau ingénua, e um eco santificado das
primeiras gerações."*





04. Palácio de Cristal, maio de 1852

01.1 INDUSTRIALIZAÇÃO

Nos finais do século XVIII em Inglaterra dá-se a Revolução Industrial que viria a ser um movimento decisivo e motor de importantes e profundas alterações no mundo inteiro. Este período é caracterizado pela evolução dos meios de produção nas indústrias – novas técnicas e processos de produção com a utilização da máquina a vapor. A mecanização resultou no desenvolvimento da produtividade em todos os sectores.

“Através da extensa documentação do Arquivo Histórico do Ministério de Obras Públicas há notícia de uma gradual mutação dos espaços rurais em empreendimentos manufactureiros e fabris, estamparias sobretudo, mas também curtumes, refinação de açúcar, cerâmica comum, manufatura de alfinetes e outras.”⁵

Em Portugal as primeiras indústrias manufatureiras começaram a desenvolver-se na zona de Alcântara e Chelas na segunda metade do século XVIII. Estas duas zonas serviram de berço à implantação destas indústrias por possuírem características propícias ao seu desenvolvimento. Considerada periferia da cidade à época, a área disponível era superior comparada ao centro da cidade. Outro aspeto importante é a ligação destas zonas ao rio e aos cursos naturais de água, utilizada como recurso energético e meio de transporte de mercadorias.

“A linha férrea, além de estimular a localização industrial, contribuiu para a mudança da paisagem de Lisboa Oriental.”⁶

Vivia-se num ambiente de rápidas alterações territoriais e sociais onde pela ascensão económica e afirmação da industrialização, a pequena e média burguesia viram a sua grande oportunidade de investimento enquanto as classes mais baixas aumentavam as suas populações nas cidades de forma a responder à carência de mão de obra.

Com o aumento e avanço da própria produção também a necessidade de mão-de-obra cresce. Como consequência, são milhares as pessoas oriundas do mundo rural que face à rotura no sector agrícola, com poucos recursos financeiros e de baixa instrução chegam às grandes cidades à procura de trabalho, sozinhos ou acompanhados pelas suas famílias, com perspectivas de um futuro melhor.



⁵ FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge. Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. página 14.

⁶ Idem, página 15.

Este panorama revelou-se semelhante em várias cidades no território Europeu, com escalas diferentes de desenvolvimento em termos de área para fins industriais consoante o país ou a rapidez do próprio desenvolvimento industrial como aconteceu na Inglaterra e na Alemanha, onde o impacto da

industrialização e posteriormente da desindustrialização foi maior que em Portugal.

Um aspeto bastante característico deste novo período pode ser observado no método construtivo que viria a sistematizar a linguagem e soluções construtivas dos espaços- o uso do ferro como material base para os muitos edifícios desta era da industrialização.

O ferro ganhou todo esse protagonismo devido ao seu excelente desempenho a níveis de resistência bem como ao seu preço acessível comparativamente a outras soluções, tirando o protagonismo a métodos construtivos mais tradicionais. É de destacar grandes legados arquitetónicos que temos ainda presentes nos dias de hoje fruto deste tipo de construção em ferro, como mercados, pontes e viadutos, gares ferroviárias, entre outros.

As paisagens urbanas e rurais sofrem grandes alterações pelo aparecimento do caminho de ferro de forma a unir os pontos conectores das várias indústrias. Enquanto os comboios unem os espaços rurais ao urbano, nas próprias cidades começam a ser desenvolvidas estradas que as cobrem numa patine negra.



05. Estação de comboios Liverpool Street Station



06. Percurso caminho de ferro

Em Portugal a construção do primeiro percurso caminho-de-ferro, no ano de 1856, veio ligar Santa Apolónia ao Carregado impulsionando assim a industrialização da capital e as suas alterações no território, o caminho-de-ferro e as obras no Porto de Lisboa. É importante referir que este fenómeno veio unir toda a cidade facilitando a comunicação entre vários pontos, e trouxe a capacidade industrial da zona ribeirinha- apelidada de percurso do Caminho do Oriente- ao interior da cidade.

"O nascimento dessa industrialização é materializado em gigantes depósitos – vales artificiais, escombreyras, montanhas de sedimentos e escórias".⁷

Tal como aconteceu no resto da Europa, os operários recentemente chegados à cidade em resposta à nova oferta de trabalho existente nos complexos fabris em proliferação vêem-se em necessidade de serem alojados e procuram onde residir. O choque de realidades que se fazia sentir fortemente a nível económico impede-os de suportar as rendas praticadas, e embora o desenvolvimento de Lisboa promettesse um salário melhor, esta demonstrava-se desprevenida com a incapacidade de responder a esta necessidade dos migrantes, uma consequência do seu rápido crescimento demográfico.



07 e 08. Vila Dias

⁷ SILVA, Miguel Ângelo Soares Pinto da. *Património Industrial em Portugal: inclusão do passado em projectos contemporâneos*. 2012. página 170.



09. Alto das Chagas, lado sul, 1900

Num gesto derivado desta dura realidade, os palácios e conventos abandonados foram apropriados clandestinamente para servirem de habitação aos operários e as suas famílias. Era comum a coabitação de mais de uma família no mesmo espaço, que sem alternativas se sujeitavam a condições precárias.

Em resposta a esta problemática foram construídas habitações de baixo custo - Pátios⁸ e Vilas operárias- por parte da burguesia e empresários industriais com alguns recursos financeiros que ficavam encarregues de gerir o seu aluguer.

*"As vilas, usualmente correntezas de prédios com um ou dois pisos, onde se perfilam pequenas habitações similares de formas depuradas, irão, à semelhança dos Pátios, ser construídas nos espaços interiores dos quarteirões, ou em terrenos com baixo valor de mercado junto às zonas industriais, procurando em primeiro lugar uma maior rentabilização do terreno."*⁹

As primeiras Vilas surgiram associadas às empresas de indústria têxtil. Uma das primeiras a ser construída foi a Vila Flamiano, a cargo da Companhia de Fabrico de Algodões. Apresentou-se como inovadora para a época pelo cuidado em oferecer aos seus funcionários soluções habitacionais dignas e equipadas com estruturas de saneamento. O facto de algumas empresas oferecerem nos seus contratos uma resposta à procura de residência era uma mais-valia. As empresas que o faziam beneficiavam da fidelidade dos seus operários e reduziam o desejo de mudança laboral. Contrabalançando o salário com a solução residencial em resposta aos principais problemas e necessidades dos trabalhadores, criava-se assim uma dependência do empregador.

8 Os pátios resultam do aproveitamento de espaços vazios do interior de quarteirões já consolidados, em quintas de prédios da burguesia para a construção de habitações de baixo custo. Geralmente com áreas reduzidas - para um maior lucro- e com fraca qualidade construtiva.

9 Silva, Maria Margarida de Almeida Reis e. Pátios e Vilas da zona Ribeirinha Oriental: materialidade, memória e recuperação urbana. 2013. página 16 e 17.



10. Pátio do Palácio dos Condes de Figueró



11. Fotografia aérea da zona oriental de Lisboa, 1950.

"A industrialização traz profundas alterações aos hábitos duma freguesia rural que tinha visto as suas azinhagas atravessadas por burros carregados de hortaliças, onde o namoro se fazia encostados à fonte ou ao poço, as populações saíam ao nascer do sol para os trabalhos do campo, as festas faziam-se ao ar livre segundo o calendário agrícola e onde se vergavam à passagem dos senhores feudais que lhes davam o sustento."





13. Pátio do Palácio da Mitra, 1945

14. Palácio da Mitra, 1945



01.2 PÓS- INDUSTRIALIZAÇÃO

“Encerramento de muitas fábricas significa antes uma mudança de fisionomia da cidade, motivada pelas transformações de uma nova era a que damos o nome de sociedade de consumo”¹⁰

Observámos durante quase dois séculos de História as alterações ocorridas no território da zona Oriental de Lisboa. O corte abrupto que o caminho-de-ferro traçou, o crescimento da indústria e a construção das longas chaminés de tijolo mutaram a paisagem rural que outrora a caracterizou.

“Essa viragem estrutural transformou-se numa verdadeira revolução depois da implantação do caminho-de-ferro, seguido pelo reordenamento das instalações portuárias, que geraram as condições para que esta se transformasse no principal centro industrial de Lisboa.”¹¹

A partir dos anos oitenta a reconfiguração da economia e a adaptação da indústria para novos e diferentes modelos de produção ditaram o fim da era industrial. Este evento originou um declínio intrínseco da sociedade e economia da época, que inevitavelmente se refletiu no abandono de inúmeros edifícios fabris ao longo da cidade de Lisboa. As fábricas fecham e os grandes armazéns perdem a força face à concorrência na periferia da própria cidade, que oferece melhores condições de prosperidade e exposição a novas indústrias – a produção de fabril é substituída por uma economia de serviços.

As zonas de Marvila e Beato foram as mais afetadas com o encerramento das indústrias ali sediadas, que no seu tempo áureo tinham movido pessoas de todo o país e gerado inúmeros postos de emprego. Atualmente estas antigas zonas de grande movimento e trabalho encontram-se fragilizadas, desprovidas da sua identidade industrial que as caracterizou no último século.

0.1.2.1 MARVILA

Marvila é o resultado de todos os períodos pelos quais passou. São visíveis fragmentos de hortas, conventos e quintas; as azinhagas que se misturam escondidas por entre as novas e modernas estradas, as fábricas muradas que anseiam por uma nova vida, as habitações de pequena escala outrora



15. Comboio a vapor, 1925

16. Cais de Santa Apolónia, 1959

17. Rua Vale Formoso de Cima, vindo do Poço Bispo, 1961

10 MOITA, Irisalva. *O Livro de Lisboa*, Livros Horizonte. 1994. página 435

11 FERREIRA, António Mega. *Caminho do Oriente: Guia Histórico I*. Lisboa: Livros Horizonte. 1999. página 5

pertencentes aos operários, hoje vazias, que contrastam com os grandes conjuntos de habitação social, entre tantas outras características que definem a freguesia de Marvila como um aglomerado de histórias, desconexo e descontínuo.

Atualmente esta freguesia, uma das maiores do concelho de Lisboa, é fruto do esquecimento pós-industrial e carrega consigo o peso de ser considerada periférica.

A população residente desta freguesia cresceu significativamente no período industrial devido às migrações feitas dos meios rurais para a cidade. Apesar do crescimento observado durante esse período, nos anos seguintes à pós-industrialização o número da população residente começou a descer. Uma população maioritariamente ativa ou reformada, mais envelhecida e pouco jovem¹². Estes valores são indicadores da dificuldade em atrair novos residentes, da diminuição da população em idade ativa, do aumento dos habitantes com 65 anos ou mais e um crescimento acentuado dos habitantes acima dos 80 anos de idade e ilustram Marvila como uma freguesia envelhecida.

A sua essência precária mantém-se ao longo dos anos, apesar da sucessão de gerações esta situação encontra-se cristalizada. Atualmente Marvila, caracteriza-se por ser o ponto de atracção de público jovem ligado à indústria cultural, morada de várias residências, ateliers, fundamentalmente por ser um sítio onde os valores das rendas são inferiores às restantes zonas de Lisboa. Apesar do seu parcial abandono, a localização privilegiada suscita aos novos residentes vontade de permanecer em Marvila. Em oposição, a população mais antiga não vê estas alterações de paradigmas sociais com bons olhos tomando-se relutante à mudança. (Bourgard, 2016)

Esta resistência advém da incapacidade dos moradores de continuarem a permanecer num futuro próximo no local onde viveram toda a sua vida sujeitos a alterar a sua rotina e vivências no espaço devido às novas influências e alterações no território. (Bourgard, 2016)

0.1.2.2 MARVILA ATUAL

“Até há pouco tempo, era o ponto cardeal mais desprezado de Lisboa, mas, lentamente, começa a ganhar vida e pontos de interesse. Eis uma longa

12

Com base nos resultados dos Censos de 2011

série de desculpas para rumar ao bairro da moda e descobrir Marvila.”¹³

Não foram feitas, em Marvila, até recentemente grandes intervenções no território de forma a resolver os problemas existentes na freguesia, principalmente por não entrar nos planos feitos para melhoramentos urbanos dos quais fizeram parte as restantes freguesias da cidade. Marvila afigura-se como *“enclave de Lisboa que ficou entre a regeneração luxuosa do Parque das Nações e o atual boom da Baixa.”¹⁴*

A sua ocupação é marcada pelo contraste do fluxo de idas e vindas característico das horas de ponta que se fazem sentir nos inícios e finais dos dias laborais com as longas horas mortas nos restantes períodos do dia. Esta freguesia desenvolveu-se em redor da industrialização e por isso foi equipada com edifícios que servissem esse propósito. Nela não existem as características urbanas que promovem a proliferação social, circulação pedestre ou a existência de espaços pontuais de convívio dos seus residentes onde, até aos dias de hoje, servia apenas como área de passagem entre a área do Parque das Nações e a Baixa de Lisboa. A impessoalidade do movimento da cidade contrasta com as características dos bairros típicos da cidade de Lisboa e com a sua natureza de proximidade.

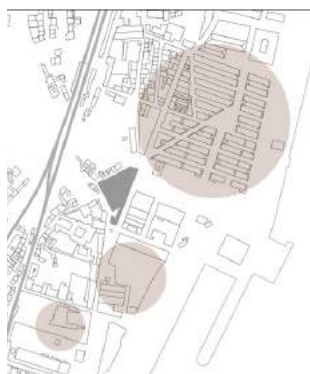
É identificado um ponto que se apresenta como hóspede de relações sociais complexas e características de uma centralidade e em torno do qual surgem estas benfeitorias. A Praça David Leandro da Silva pode ser vista como o epicentro deste crescimento e como um lugar de interação.

13 Time Out. <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/roteiro-perfeito-em-marvila>

14 Entrevista Rádio Renascença, Marvila. O lado invisível de Lisboa. Joana Bourgard, João Carlos Malta. Março de 2016



18. Vista do empreendimento *Prata Living* e a sua envolvente



19. Pontos de Referência em Marvila

20. Imagem Ilustrativa do empreendimento PRATEATO

21. Imagem Ilustrativa do empreendimento Prata Living

À sua volta são planeados novos e modernos condomínios inspirados no legado industrial como é o caso do *PRATEATO*, um projecto do atelier TEKS-TUDIO e do projecto *Prata Living* do arquitecto Renzo Piano, aprofundado mais à frente, que visam a criação de espaços habitacionais que vão de encontro às necessidades correntes dos cidadãos lisboetas.

A repopulação da zona fomenta a criação de serviços que sirvam os novos habitantes. Espaços laborais, de lazer e comodidades desenvolvem-se todos tendo como ponto de partida a praça ajardinada que é para este bairro um ponto de encontro.

Os edifícios industriais recebem empresas de CoWorking, ou partilha de espaço, atendendo às novas formas de trabalho por meio da tecnologia, num gesto em que analisado com sensibilidade se verifica a conclusão de um ciclo e o começo de outro. Espaços que inicialmente foram criados especificamente para albergar a tecnologia de ponta da época e o que dela adveio, hoje são, após anos de irrelevância, tomados pela mesma iniciativa que os criou, a visão de um futuro próspero.

O espírito empreendedor não termina aqui e surgem também modelos de negócio novos em áreas que não a tecnológica. Espaços de promoção de bem-estar físico complementam serviços laborais e promovem a luta ao sedentarismo. É neste caso específico feita referência ao armazém de Parkour ainda em frente à praça, um espaço pioneiro em Portugal que embora tenha como público alvo um nicho muito específico, revelou-se popular e um caso de sucesso.

Num âmbito menos inovador, mas muito caracterizador deste troço da freguesia há ainda uma série de espaços de galerias de arte e ateliers.

Seguindo para norte da praça junto à zona ribeirinha do Tejo iremos encontrar o projeto *Prata Living* de Renzo Piano em Marvila, já num avançado estado de construção depois de ter estado parado dezoito anos. O empreendimento com oito hectares implantado na antiga fábrica de Material de Guerra propõe perto de quinhentos espaços de habitação, restauração e serviços.

O plano urbano tem como diretrizes as linhas de força já estipuladas pelas pré-existências, mantém a escultura de José de Guimarães eliminando apenas a rotunda onde esta se encontrava. No interior do empreendimento é desenhada uma praça que resultará em mais um ponto de referência nesta freguesia.

Para além da massiva intervenção no espaço onde era a antiga fábrica de material de guerra, contribui com uma importantíssima e profunda reestru-

turação das vivências à beira rio, criando um percurso que é separado dos novos edifícios por espaços ajardinados. Toda esta preocupação não só a nível arquitectónico, mas também urbano devolve riqueza social a esta outrora esquecida parte de Lisboa, dá-lhe vida e onde viver.

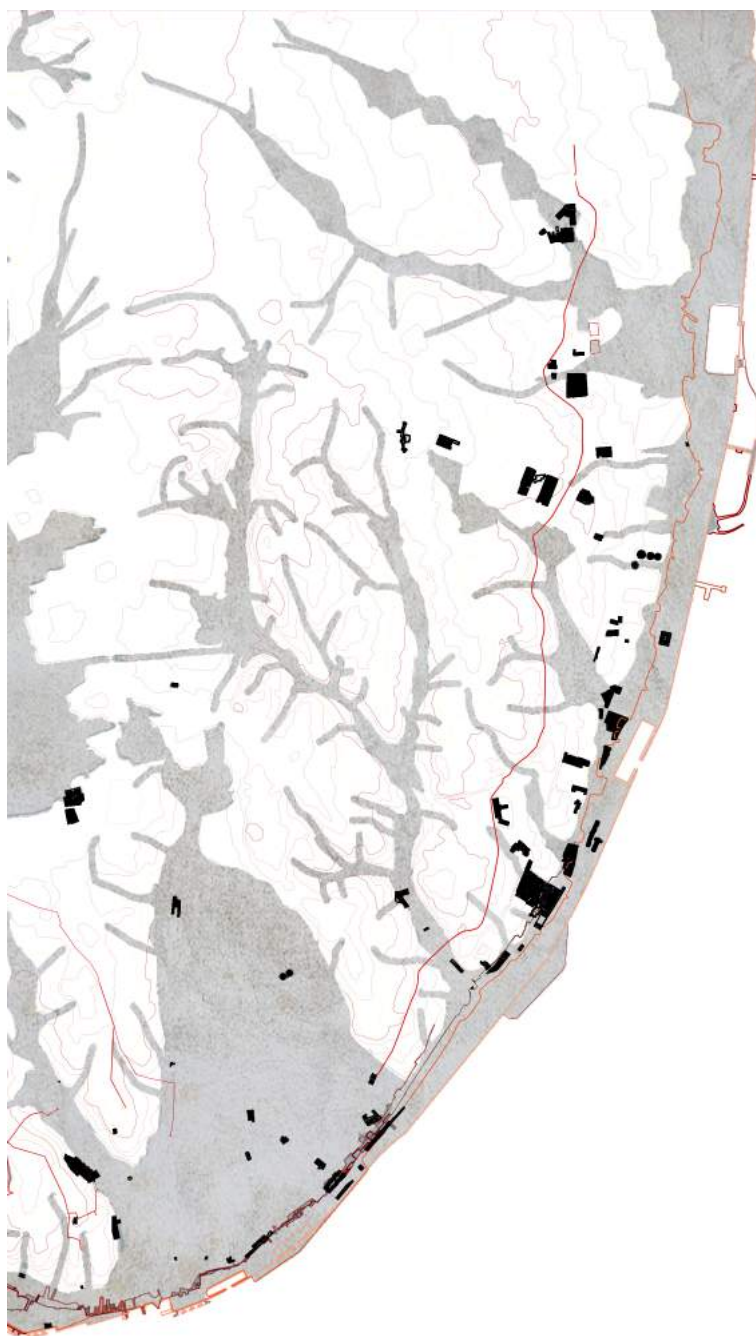
Da parte da Câmara Municipal de Lisboa é criado um Plano de Pormenor Eficaz - da Matinha - e um Plano de Pormenor em Elaboração - Parque Hospital Oriental - com o intuito de revitalizar e promover a ligação entre as freguesias a jusante, diminuir a densidade das novas construções e promover o espaço público e a ligação entre a cidade e o rio Tejo.



22. Vista para a Fábrica José Domingos Barreiro, da Praça David Leandro da Silva

"Não temos aqui enquadramentos perspéticos, ou praças com monumentos narrativos de uma história do poder. Temos pedaços desgarrados do passado ainda pacato das hortas, dos conventos e quintas; das azinhagas que conduziām ao rio que hoje se esconde; das fábricas e das lutas clandestinas, da linha do comboio ou dos fados."

II PATRIMÓNIO



23. Indústrias da zona Oriental de Lisboa

0.1 CAMINHO DO ORIENTE

Nas cidades a organização dos espaços públicos resulta das diversas características de ocupação de quem a vivência. Havendo zonas onde o convívio e o usufruto do espaço público é aproveitado as cidades tornam-se num elemento gerador de interação entre moradores e transeuntes.

O percurso que liga o Cais do Sodré aos Olivais foi deixado ao abandono depois da desativação dos muitos pontos industriais existentes nesta zona, num período pós-industrial. Em pleno período industrial, a zona Oriental de Lisboa serviu de abrigo às indústrias pesadas e poluentes que se encontravam sediadas na zona de Belém, depois de iniciada a estratégia de valorização da zona Monumental de Belém. Houve um processo de deslocação da indústria do centro da cidade e o percurso desta cada vez mais no sentido das periferias de Lisboa, onde os preços do solo são inferiores aos praticados no centro.

Esteve descaracterizado até 1997 quando houve uma preocupação da Câmara Municipal de Lisboa no planeamento e recuperação deste território para acolher a *Exposição Mundial de Lisboa*, mais conhecida como Expo'98, com o objetivo de afirmar Portugal, tanto no estrangeiro como a nível nacional, pela capacidade de planear e concretizar um evento desta dimensão.

A Expo'98 que tomou lugar em Lisboa entre 22 de Maio a 30 de Setembro de 1998, tendo como tema principal *Os Oceanos, Um património para o Futuro*¹⁵, surgiu pela vontade de celebrar um dos grandes feitos dos portugueses - os Descobrimentos - na comemoração dos 500 anos da Viagem Marítima de Vasco da Gama à Índia, em 22 de Maio de 1498.

Esta zona de características únicas e uma localização privilegiada tem cerca de 5km de frente ribeirinha que acompanha o Rio Tejo e uma vista que abrange a outra margem do rio. O projeto de organização do evento foi o estímulo para a intervenção em grande escala num território que até então se encontrava ao abandono e em avançado estado de degradação.

Como resultado de décadas de ocupação predominantemente industrial e da ausência de legislação ambiental, algumas instalações já se apresentavam como um grande perigo para possíveis visitantes. São exemplo antigas instalações de refinaria, depósitos de combustíveis, contentores, um matadouro, um depósito de material de guerra e grandes amontoados de lixo que tornava esta zona obsoleta.

O planeamento do espaço que iria albergar o evento da exposição incluiu



24. Vista aérea da zona Oriental de Lisboa, 1994



25. Demolição das fábricas da zona oriental de Lisboa, 1999

¹⁵ "O objectivo era propor uma nova ética nas relações do homem com o meio ambiente, tema que nos parecia central na agenda política do século XXI". Relatório Exposição Mundial de Lisboa 1998, Lisboa. Março 1999, página 18

a construção de equipamentos de apoio e a definição de um plano urbano. Foram construídos pavilhões com funções específicas com um período efémero, paralelamente a outros que seriam construídos com um carácter permanente, como o caso do edifício do *Pavilhão de Portugal* do conhecido arquiteto Álvaro Siza Vieira que viria posteriormente a ser classificado monumento de interesse público pelo IGESPAR em 30 de Março de 2010; os pavilhões da FIL; o *Pavilhão Atlântico* que alberga alguns dos maiores e mais importantes eventos do país, entre outros.

As bases do planeamento urbano serviram depois da Expo'98 para a construção de inúmeros projetos de habitação e serviços, dando à reabilitação um carácter permanente.



26. Edifício do Pavilhão de Portugal
27. Edifício do Pavilhão de Portugal



Esta intervenção numa memória industrial e abandonada até então, devia ter resultado numa proposta que tivesse tido como permissa a preservação da sua identidade e ligação com a restante cidade em que se insere. A valorização destas zonas frágeis passa pela intervenção numa grande escala onde é assegurada a sua continuidade com a envolvente, não sendo o Parque das Nações um bom exemplo disso mesmo, tendo acentuado o problema existente há décadas – afastamento da zona Oriental das centralidades que a circundam, não consolidando este fragmento territorial.

Este tipo de intervenção, e a esta escala na cidade, já havia acontecido em Lisboa e impulsionou uma nova postura face ao património industrial.

Portugal encontrava-se no período de governação do Estado Novo¹⁶ em 1940, durante a celebração do duplo centenário da Independência¹⁷ e da Restauração¹⁸ quando foi feita a Exposição do Mundo Português onde se

¹⁶ Regime político autoritário, tinha como representante António de Oliveira Salazar, vigorou em Portugal durante 41 anos, tendo terminado com a revolução de 25 de Abril de 1974.

¹⁷ Independência do Reino de Portugal em 1140.

¹⁸ Restauração da Independência do Reino de Portugal da Dinastia Filipina, em 1640.

assistiu a uma intervenção a nível nacional dos seus monumentos com o objetivo de enaltecer os feitos e triunfos do seu povo. O foco da intervenção foi a zona de Belém, recinto principal da exposição, pela sua relação direta com a história de Portugal na época heroica dos Descobrimentos.

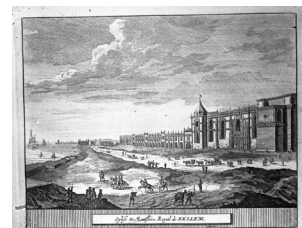
Belém foi então sujeita a inúmeras alterações que acabaram por lhe conferir uma identidade monumental, como nos tempos áureos da nação, ao invés da imagem que lhe era conhecida de localização de grandes depósitos de carvão que alimentavam a central elétrica ¹⁹ e de outras indústrias.

Esta intervenção passou pela seleção do edificado que seria aproveitado para integrar no novo planeamento urbano da zona, sendo que alguns edifícios foram demolidos por não serem de interesse à reabilitação, entre eles as habitações operárias.

Foi estrategicamente pensado e desenhado um plano urbano a cargo de um grupo de arquitetos chefiado por Cottinelli Telmo que interligava a monumentalidade de Belém com a frente ribeirinha devolvendo a relação direta entre ambas. Esta relação é importante referir porque é bastante característica da ocupação e vivências de Lisboa e dos que nela vêm a habitar ao longo dos séculos - hoje essa ligação tem uma barreira física causada pela linha do caminho de ferro que separa ambas.

Uma peça desta exposição que permanece até aos dias de hoje é a Praça do Império que enaltece o Mosteiro dos Jerónimos. Define-se pela sua estrutura formal assente num eixo simétrico com um lago ao centro revestido por brasões que representam os vários distritos de Portugal. Era delimitada em duas frentes por dois grandes pavilhões alinhados perpendicularmente ao Mosteiro dos Jerónimos que conjugavam com outros pavilhões construídos com o intuito de documentar a história, costumes, atividades económicas das regiões portuguesas e territórios ultramarinos. À exceção do Padrão dos Descobrimentos e do edifício que hoje é Museu de Arte Popular, todos os grandes edifícios cumpriram a sua natureza efémera e foram, após esta iniciativa, destruídos.

A ideia de monumentalidade e a preservação do património construído – independentemente do seu período de construção, idade, origem ou função - ganha um enorme destaque no país quando discutida a importância de relacionar o património como memória do passado e o futuro das cidades,



28. Gravura do Mosteiro dos Jerónimos

¹⁹ Central Tejo, era uma central termoelétrica propriedade das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade. Abasteceu de electricidade toda a região de Lisboa entre 1909 a 1972, e desde 1990 está aberta ao público como Museu da Electricidade.



29. Construção das vias de acesso à Exposição do Mundo Português

paralelamente ao desenvolvimento da própria sociedade. Dentro do grupo de monumentos, passam a fazer parte as estruturas industriais que se tornam úteis e necessárias para relatar outro lado da história de Portugal.

O projeto Caminho do Oriente contém um enorme peso na preservação do património industrial, através do levantamento exaustivo que foi feito, e da consciencialização da sociedade quanto às notoriedades deste tipo de edificado. Esta consciencialização é alcançada com o contributo de personalidades influentes e instruídas no assunto, *"descendentes de empresários e trabalhadores, técnicos, historiadores, responsáveis pelo Património"*¹⁹ tendo como foco *"salvaguardar o espólio móvel ainda existente nos bairros industriais de Lisboa Oriental e seu possível armazenamento em condições de segurança de modo a viabilizar a sua musealização num edifício fabril a proteger."*²⁰

O exemplo das intervenções na zona do Parque das Nações e em Belém aqui mencionadas servem para recordar a importância deste tipo de ações nos territórios que por não acompanharem a natural evolução da sociedade, se tornam obsoletos. Ao contrário destes casos, tenha como mote para a intervenção, a preservação dos testemunhos industriais pré-existente sem que com isso a solução passe pela sua destruição, e consequentemente a perda irreversível destes objetos. Marvila apresenta semelhanças tanto com Belém como com o Parque das Nações por ser um cenário pós-industrial fragmentado e compadecer de um futuro expectante, sendo fundamental a sua reabilitação pela sua importância e utilidade na leitura da história da cidade, ou até mesmo de Portugal. Os seus edifícios industriais terão de ser preservados e incorporados nos planos de revitalização da zona, por serem os vestígios vivos, ainda que entorpecidos, deste período tão distinto.

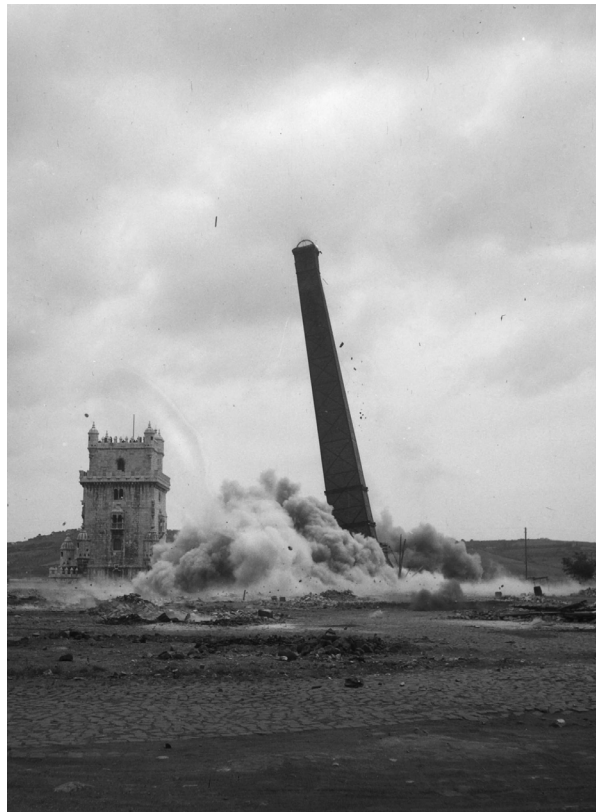
19 FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge. Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. página 12.

20 Idem.





31. Fábrica de Gás de Belém, implosão da primeira chaminé, 1950



32. Fábrica de Gás de Belém, implosão da segunda chaminé, 1950



33. Fábrica de Gás de Belém, implosão da segunda chaminé, 1950



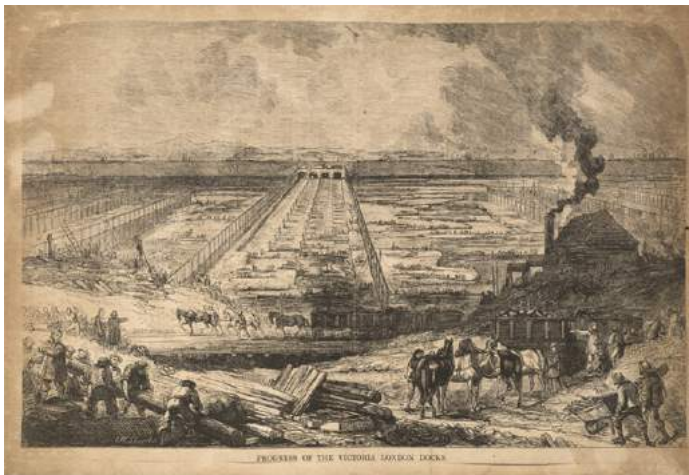
34. Praia da matinha, 1938
35. Areal em frente a Xabregas, 1940

"O sol, o rio, a luz e a cor dão lugar aos fumos, como os da fábrica de Pólvora de Chelas, o céu torna-se cinza, cheira a indústrias, os fumos e o barulho do comboio separa em definitivo a terra do rio, os miúdos já não chamam praia à Matinha, nem mar ao rio. A Matinha agora tem o gasómetro. Em vez dos ferreiros a cravarem ferraduras nas cavalgadas, são os tanoeiros a colocarem as cintas de ferro nas pipas. As quintas já não têm os nomes dos seus donos. Uma chama-se Quinta do Caminho de Ferro. Disse o poeta. Mudam-se os tempos/mudam-se as vontades."



36. Destruição da II Guerra Mundial, cidade de Caen

"O património edificado é, em si próprio, um recurso finito e insubstituível e a sua destruição é um dano irreversível."



37. Ilustrações do progresso da Victoria London Docks

0.2 REABILITAÇÃO

Os períodos que sucedem as grandes mudanças no mundo, por exemplo os anos pós-industriais, são os períodos onde se desenvolvem grandes propostas de reabilitação e revitalização urbana nas cidades.

*“As necessidades de renovação e revitalização das cidades colocaram-se com mais insistência no último quartel do século xx, com o envelhecimento de zonas de construção massiva no pós-guerra ou com o declínio das velhas zonas industriais e portuárias características das fases de industrialização pesada.”*²¹

A arquitetura acompanha a evolução da sociedade, adapta-se às suas novas exigências, tendo como compromisso a consolidação do tecido urbano nas cidades, resolvendo zonas obsoletas apoiando as populações mais desfavorecidas residentes nesses territórios. A estratégia de *revitalizar*²² os espaços abandonados no período pós-industrial das cidades passou por *“procurar a acessibilidade e o simbolismo das áreas centrais, contrariando as discontinuidades e os limites internos ao crescimento e à expansão da economia”*²³, evitando a segregação e o aumento da desigualdade entre moradores através de uma proposta que acompanhe o progresso da própria sociedade, valorize os espaços públicos e prevaleça a dinamização social e económica das zonas intervencionadas.

Um exemplo em Portugal foram as intervenções do Estado Novo face aos tecidos urbanos que eram vistos como impeditivos de evolução ou que apresentassem uma carência de planeamento e infraestruturas, é o caso de Belém, já abordado neste trabalho. Internacionalmente é exemplo o projeto de *London Docklands*, em Inglaterra. Antigos cais com grandes armazéns e bairros operários, entre outras infraestruturas industriais, beneficiaram de uma ação de revitalização tendo dela resultado *City New Town*, onde se sediam escritórios, armazéns multiusos, escritórios, centros comerciais, residências e hotéis.

*A “reabilitação urbana não implica uma intervenção igual em todos os edifícios, podendo implicar a demolição de alguns, o restauro estrito de outros, a construção de novos, etc., do mesmo modo que reabilitar um edifício pode implicar a demolição de alguns elementos e a construção de novos.”*²⁴

21 Moura, Dulce; Guerra, Isabel; Seixas, João; Freitas, Maria João. Cidades - Comunidades e Territórios. 2006. página 16.

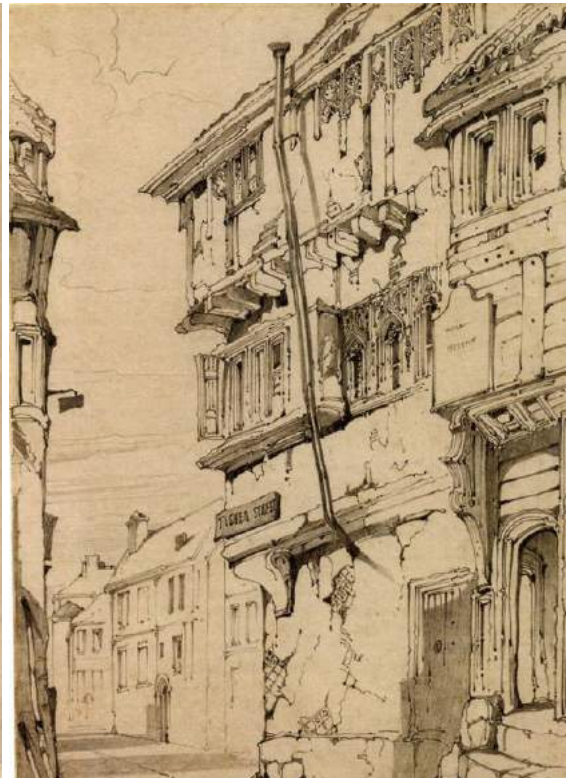
22 Revitalizar | v. tr. Vitalizar de novo. Revivificar, remogar.

23 Moura, Dulce; Guerra, Isabel; Seixas, João; Freitas, Maria João. Cidades - Comunidades e Territórios. 2006. página 17.

24 Idem, página 18.



38. Ilustração da Abbeville, 1852



39. Ilustração da Fisher Street, 1837

A reabilitação, surge com a necessidade de salvaguardar os edifícios com interesse a preservar de modo a garantir às gerações futuras o contato com a sua história. Os trabalhos feitos a nível da reabilitação, conservação ou o restauro de um determinado edifício, exige um comportamento medido e sustentado em normas que visam proteger a identidade da cidade pelos seus edifícios.

O património ao apresentar-se como um bem cultural que visa representar um determinado período histórico deve ser capaz de transmitir o seu valor e relevância face ao passar dos séculos. A ser capaz, demonstra ter intrinsecamente um valor de autenticidade – esta é definida através de uma tabela criada pelo ICOMOS, onde são apresentados os critérios a ter na avaliação de um edifício.

O conceito de autenticidade gera discussão por haver divergências de opiniões quanto à reabilitação do que se define como sendo património a preservar. No século XIX, destacam-se algumas figuras importantes para a alteração de pensamento face à reabilitação, e preservação de património, importantes para a definição de critérios de avaliação deste tema.

Viollet- Le- Duc²⁵ era defensor da preservação do património. A ser necessária a intervenção num edifício este devia ser sujeito a ações que lhe conferissem a sua condição ideal, ou seja, o edifício podia ser sujeito a alterações ou acrescentos que podiam não estar inicialmente propostos para o seu aspeto final.

John Ruskin²⁶, por sua vez, defendia a conservação do património em vez do restauro, por acreditar na preservação das marcas criadas pelo tempo e estas servirem de testemunho fiel do seu valor. A materialização do passado enriquece a história e enaltece o património, os edifícios atravessam os séculos e envelhecem de maneira natural – sendo importante controlar o processo natural de envelhecimento destes, tornando admissível possíveis medidas de intervenção, para impedir a sua destruição- ao contrário da restauração que deturpa a noção de temporalidade dos edifícios e provoca danos nos vestígios do passado do edificado.

Na última década de XIX surgem novas ideologias acerca da reabilitação do património, tendo como base as doutrinas defendidas em conferências anteriores. São os arquitetos e engenheiros posteriores aos anteriormente referidos que têm como princípio a definição moderna de restauro. Deste grupo, destaca-se Camillo Boito²⁷ que defende o equilíbrio das visões referentes

25 Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879) arquiteto francês.

26 John Ruskin (1819-1900) escritor, sociólogo e crítico de arte inglês.

27 Camillo Boito (1835-1914) arquiteto italiano.

ao restauro do património dos seus antecessores, ou seja, não descarta as ideias de Ruskin e de Viollet-le-Duc, mas admite em necessidade extrema de o edifício precisar de restauro, a possibilidade de intervenção. No entanto esta deve ser usada pontualmente, de modo a não descaracterizar o aspeto geral do edifício e falsear a sua realidade.

Depois de discutidos os diferentes ideais, é em 1931 na *Conferência Internacional de Atenas para o Restauro*, que se alcança um consenso sobre a restauração do património. A Carta de Atenas *"acolhe estes princípios, enunciando sinteticamente os princípios de Boito: Utilizar os monumentos respeitando o seu carácter; instaurar a conservação dos monumentos antes do restauro; abandonar a técnica da desmontagem e permitir a introdução no restauro de técnicas construtivas e materiais modernos, como por exemplo o aço e o betão armado."*²⁸

Em 1987 é elaborada pelo ICOMOS, como complemento à Carta Internacional Sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios (Veneza, 1964) que aborda a conservação e restauro de monumentos e em resposta à necessidade de garantir o testemunho presente nas *"cidades, grandes ou pequenas, e aos centros ou bairros históricos..."*²⁹, a Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas que visa a salvaguarda das cidades históricas face à ameaça da perda irreversível de património para a sociedade. Um dos princípios implícitos nesta carta é o cuidado e rigor a ter ao intervir num determinado local, *"evitando todo o dogmatismo, mas tendo em conta os problemas específicos, em cada caso particular."*³⁰

O interesse pelo património industrial em Portugal ficou corporizado através da criação de entidades especializadas na preservação do património, sendo uma delas a APAI – Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. Internacionalmente, houve inúmeros entidades comprometidas com a preservação desta categoria de património. É o caso da UNESCO³¹ e o TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage, organização mundial que se dedica à proteção e interpretação do património industrial.



40. Ilustração da Basílica de Saint-Denis, 1860
41. Le Château de Pierrefonds

28 SILVA, Miguel Ângelo Soares Pinto da. Património Industrial em Portugal: inclusão do passado em projectos contemporâneos. 2012. página 90.

29 Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas. ICOMOS. 1987

30 Idem.

31 United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – fundada em 4 de Novembro de 1946. É uma organização que tem como objetivo a contribuição para a paz, desenvolvimento humano e segurança no mundo, através de atividades culturais que visem promover o pluralismo, a diversidade, a autonomia e a participação na sociedade do conhecimento.



42. Central Tejo

0.2.1 REABILITAÇÃO DE PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

O termo Património Industrial ganha relevância durante a recuperação e construção do pós-guerra – Segunda Guerra Mundial. A perda de vários edifícios de carácter importante originou uma maior consciencialização do seu valor.

Este assunto torna-se discussão um pouco por todo o território Europeu e pelos Estados Unidos, de onde resultam noções mais concretas do valor destes vestígios industriais. Um marco importante para o Património Industrial foi a Carta de Nizhny Tagil (2003), onde se definiu que o património industrial engloba todo o tipo de edificado que esteja interligado a este período como por exemplo: *“edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação”*³². Ou seja, para a sua análise são tidos um conjunto de valores e processos que levam à identificação dos edifícios a preservar, desde que sejam *“vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico.”*³³

Em Portugal este tema ganha importância a partir do final da década de 70, e é no ano de 1985 através da *Exposição de Arqueologia Industrial realizada na Central Tejo*, em Lisboa, que se difunde a noção do combate à desvalorização desta temática. A exposição – *Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender* – decorreu entre Maio e Dezembro de 1985 e tornou-se um sucesso dentro e fora do país, depois de expor os inúmeros exemplos de monumentos industriais existentes em Portugal com necessidade de intervenção.

A Central Tejo foi o espaço que acolheu a exposição depois de sofrer alterações no seu interior, tornado espaço museológico o que outrora fora a fábrica de produção de energia eléctrica que alimentou toda a cidade de Lisboa e sua periferia.



43. Estação St Pancras, Camden, London, 1895

44. Destruição da Estação St Pancras

³² Carta de Nizhny Tagil sobre Património Industrial. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). Julho de 2003.

³³ Idem.

*“Quanto mais cavalos atrelares a um bloco de pedra, mais depressa conseguirás.
Pode ser que não sejas capaz de movê-lo, mas é possível que as correias se partam
e obtenhas um passeio alegre e vazio.”*

0.2.2 LISBOA CAPITAL DO NADA

"O território é, antes de tudo, o resultado da materialização das relações que se estabelece, no espaço e com o espaço pelas comunidades que o habitam, ou seja, é o conjunto das inter-relações social espacializadas." (Frémont, 1976)

Lisboa Capital do Nada, foi um projeto desenvolvido em Marvila no ano de 2001, pela equipa *Extra[muros]*, onde se ambicionou compreender e conhecer o espaço, e as pessoas que se apresentam como rosto deste lugar. Destaca-se pela importante iniciativa que contou com a participação de quarenta colaboradores que trabalharam em parceria com os habitantes da freguesia, durante trinta dias foram criados eventos de fotografia, arte, debates, entre outras com o objetivo de criar uma corrente de valorização, união das pessoas e assim combater a marginalização e isolamento que se faz sentir nesta freguesia.

Este projeto serviu como base de referência ao longo do desenvolvimento do trabalho final de mestrado por albergar objetivos e estratégias de intervenção idênticas às tidas em consideração na conceção deste. O destaque foi dado à valorização do local; *"quebrar a marginalização e o isolamento do lugar; promover uma nova imagem urbana"*³⁴, perante estes objetivos e da situação em que se encontrava Marvila – *"com problemas de acessibilidade, identidade, autovalorização, propôs-se durante um mês um reforço do querer do espaço público. A ouvir. Ou ainda a criar a intervir, a debater."*³⁵

O meio para combater este cenário, em que Marvila se encontrava, foi *"através da arte e de intervenções várias, mudar a imagem negativa que as pessoas em geral têm da Freguesia e dos seus moradores"*³⁶, e para *"ajudar a construir uma cidade activa, na qual os habitantes possam participar."*³⁷

A arte tem um papel de destaque, quando observado em territórios com carência de organização espacial e social. Este paradigma torna-se numa característica universal e transcendente de todos os indivíduos. *"Da mesma forma, designers, arquitectos e artistas, assim como representantes das diversas ciências envolvidas foram chamados a intervir de forma pessoal, eticamente responsável, intervenção no âmbito da qual era possível haver aprendizagem, partilha e negociação."*³⁸ É imposta na arte, e nos seus dife-

34 Caeiro, M.J. *Lisboa capital do nada – Marvila, 2001 - criar, debater, intervir no espaço público*, Almeida. 2007. página 11

35 Idem, página 13

36 Idem.

37 Idem.

38 Idem, página 10.

rentes meios de representação, um papel unificador e estrutural necessários ao desenvolvimento deste projeto, que apresentou-se como veículo transmissor das necessidades dos seus habitantes e interventores.

*"Numa sociedade cada vez mais submetida a lógicas de mercantilização, privatização, consumismo e segmentação social, os territórios do nada surgem como oportunidades para a reestruturação das relações sociais de proximidade, das solidariedades de base territorial e do sentido da comunidade, ao mesmo tempo que podem conduzir à construção de novas formas de territorialidade enriquecidas por práticas e aprendizagens colectivas, quer sociais, quer espaciais."*³⁹

*"A cultura surge como um dos recursos estratégicos para potenciar o envolvimento dos cidadãos na dinamização destes territórios, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento de uma sociedade onde o espaço público seja expressão de participação e de sentimento colectivos."*⁴⁰

Apesar dos muitos esforços tidos para esta proposta de intervenção, na freguesia de Marvila, foram muitas as ideias que não conseguiram ser postas em prática devido à complexidade da operação proposta em termos de área abrangida - à escala da freguesia - e à incompatibilidade com o prazo estabelecido. *"Mas houve equipas que se estabeleceram, preocupações que passaram a estar mais presentes, realidades que se deram a conhecer, problemas que se levantaram e sobretudo uma energia que se tornou mais activa, e tudo isso constitui como que um movimento que importa respeitar e para o qual é possível vislumbrar continuidade."*⁴¹

39 Caeiro, M.J. *Lisboa capital do nada – Marvila, 2001- criar, debater, intervir no espaço público*, Almeida. 2007. página 60

40 Idem, página 61

41 Idem, página 111.

0.3 REFERÊNCIAS

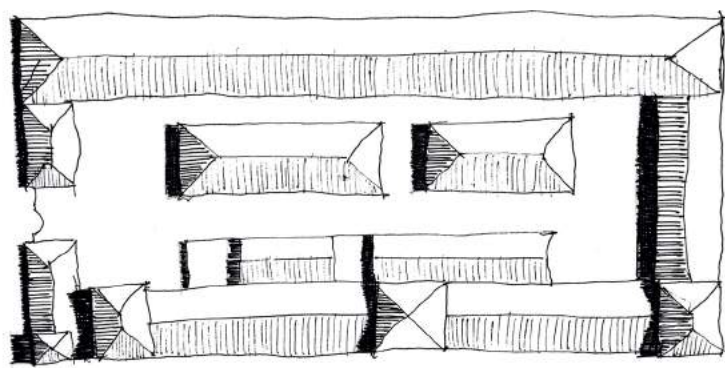
Este capítulo irá abordar obras arquitetónicas que serviram de referência para a execução projetual do Trabalho Final de Mestrado, onde cada uma delas apresenta características próprias e que se encarregaram de influenciar o resultado final apresentado. A lógica de apresentação das obras é estabelecida consoante as suas especificidades em relação à temática desenvolvida seguindo parâmetros como o programa para a proposta, a forma, a intervenção aliada à reabilitação, materialidades e técnicas construtivas.

Ao longo deste trabalho, as obras que são referidas foram visitadas pessoalmente pela autora de modo a interpretar e compreender as vivências dos espaços. Em cada um dos casos foram produzidos textos, esboços e fotografias que servirão de apoio aos textos explicativos.

O projeto Real Vinícola – Casa da Arquitectura, em Matosinhos, Portugal, apresenta-se como referência de reabilitação de um espaço outrora industrial que hoje admite um programa idêntico à proposta pensada para o quarteirão no Poço Bispo. A sua organização e localização na cidade é semelhante à zona de intervenção.

O Museu Internacional de Escultura Contemporânea e o Museu Municipal Abade Pedrosa (MIEC+MMAP), em Santo Tirso, Portugal, surge como referência para a área da reabilitação, pois trata-se da reabilitação de um edifício e ainda a construção de um novo corpo que resulta como conjunto num espaço expositivo. A sua análise facilita a compreensão do espaço, das fragilidades e estratégias que são necessárias ter em conta quando é pensada a junção de uma pré-existência a um novo edifício e a sua importância na requalificação do espaço urbano que a envolve.

O último caso de estudo é um exemplo físico de reabilitação muito semelhante ao último abordado. O Complexo de Artes e Arquitectura da Universidade de Évora com a reabilitação da Antiga Fábrica dos Leões, em Évora, Portugal, tem ainda a particularidade de conter um programa semelhante ao que se propõe – Centro de Artes.



45. Ilustração da planta de cobertura da Casa da Arquitectura - Centro Português de Arquitectura
portu

REAL VINÍCOLA

Casa da Arquitectura- Centro Português de Arquitectura

Guilherme Machado Vaz

Matosinhos, Portugal

2015/2017



46. Casa da Arquitectura fachada interior

47. Casa da Arquitectura fachada interior

48. Entrada da Casa da Arquitectura



O quarteirão da antiga instalação fabril Real Vinícola foi adquirido para reabilitação pela Câmara Municipal de Matosinhos em estado de abandono e devoluta após o seu cessar de funções. O projeto edificado entre os anos 1897 e 1901 é do arquiteto Guilherme Machado Vaz e da autoria do engenheiro Licínio Guimarães. A sociedade que detinha a propriedade entrou em falência levando ao fecho e consequentemente à progressiva degradação com o passar dos anos. Mais tarde, viria a servir de alojamento para a população ribeirinha e dos retornados das ex-colónias portuguesas de África, aquando da revolução que originou o fim da ditadura do Estado Novo.



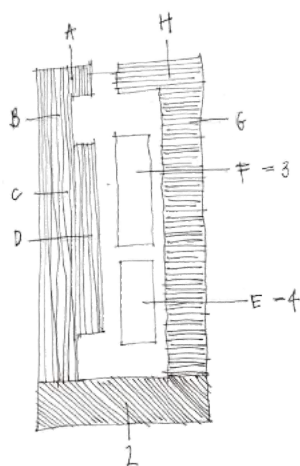
49. Casa da Arquitectura fachada exterior

Este complexo industrial tem cerca de onze mil metros quadrados, e foi o primeiro edifício com esta tipologia a ser construído na zona de Matosinhos. Os seus edifícios delimitam o perímetro do quarteirão em que se insere, criando no seu interior um pátio onde havia uma linha férrea que distribuía pelos seus armazéns as mercadorias. Cumpriam as funções de serviços administrativos, armazéns de vinho, oficinas de tanoaria, entre outros.

Mais tarde, com o plano de urbanização de Matosinhos Sul da autoria do arquiteto Siza Vieira, o quarteirão da Real Vinícola é avaliado como imóvel de valor cultural e patrimonial. É então proposto a reabilitação a respeito do edificado e dos seus usos, ganhando um novo carácter de natureza cultural pensada em prol dos habitantes da cidade, ao mesmo tempo que outros serviços lhe são atribuídos em paralelo, e dando-lhe rentabilidade e meios de sustentabilidade financeira.

A intervenção actuou com respeito pela linguagem original e característica dos edifícios deste complexo, o procedimento construtivo foi recriado com o uso dos mesmos materiais respeitando as técnicas, soluções e características arquitetónicas usadas originalmente, com especial detalhe para a recuperação dos revestimentos das fachadas e elementos decorativos.

*"No Quarteirão da Real Vinícola, a Casa da Arquitectura tem as condições físicas e técnicas necessárias à execução da missão a que se propõe. A Casa pode assim, em conjunto com outras entidades nacionais e internacionais, estabelecer uma rede alargada de arquivos de arquitetura, fomentando o intercâmbio de experiências, coleções, métodos de trabalho e técnicos especializados. Está também em posição privilegiada para assumir a responsabilidade de exibir ao público o trabalho desenvolvido pela rede, uma vez que a maioria dos arquivos atualmente em funcionamento em Portugal não dispõem de área expositiva própria."*⁴²



50. Esquema da organização da Casa da Arquitectura

51. Interior da Casa da Arquitectura, edifício C

52. Interior das escadas de acesso ao edifício C

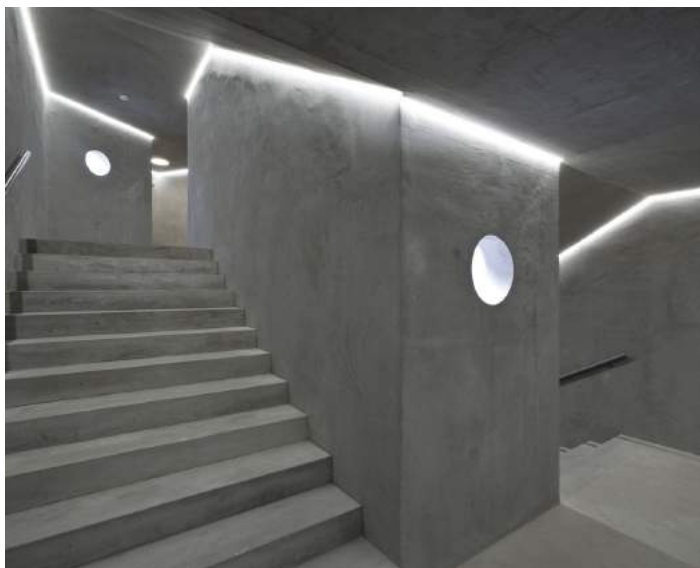
Constituído por oito núcleos, cada um com características únicas, recebe o total de cinco programas propostos nesta intervenção que lhes proporcionam novas funções.

O primeiro grupo de edifícios estabelece uma relação direta entre si e forma a Casa da Arquitectura- espaços que outrora eram confinados à administração (edifício B), armazém de pipas de vinho (edifício C) e o último de engarrafamento do vinho (edifício D).

As alterações feitas nos edifícios foram na ordem do cumprimento das legislações de segurança necessárias, bem como de outras para a implementação deste programa em específico.

O edifício C manteve a sua volumetria original e foram preservadas as asnas de estrutura da cobertura, sofreu alterações no interior necessárias para a substituição da laje do piso térreo e teve em si a construção de dois núcleos de escadas em betão que servem de comunicação vertical entre os pisos do edifício. O corpo das escadarias foi construído no exterior do edifício, e embora apresentem um grande volume na sua estrutura, foram desenhadas de forma a interagirem com a pré-existência da forma menos impactante possível.

Os volumes B e D mantiveram a sua volumetria original e sofreram alterações apenas no seu interior.



O volume D teve uma alteração particular e diferente dos restantes com a criação de dois pátios que agem como elementos geradores de novas vivências face ao espaço.

O segundo edifício pertence à Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM). As antigas oficinas de carruagens, cavaleriça, cocheira e arrecadação sofreram alterações na volumetria para compreender o atual programa. Também foi aqui necessária a intervenção na estrutura para a implementação de um novo piso e a introdução de elementos de reforço e melhoramento do isolamento acústico do edifício.

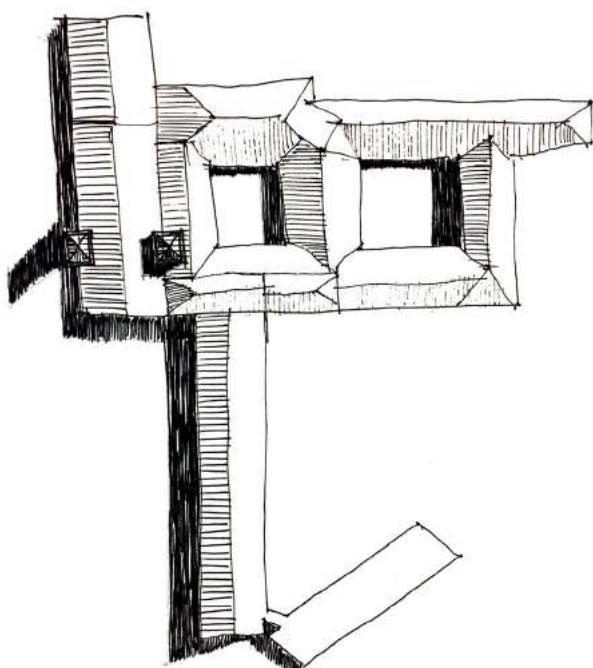
De seguida, no eixo central do quarteirão estão os edifícios três (edifício F) e quatro (edifício E), antigamente depósitos de vinhos que entravam e saíam da Real Vinícola, mantiveram-se praticamente inalterados à exceção de algumas intervenções estéticas e a nível de coberturas ou de articulação de programa (copas e instalações sanitárias). Estes armazéns são atualmente os elementos de restauração e espaço para a realização de eventos- um espaço multiusos.

Por fim, o quinto grupo de edifícios, antiga carpintaria, tanoaria, cozinha dos operários, casa das máquinas - edifício G -, posto de vigilante e armazém de azeite - edifício H -, foram intervencionados estruturalmente de maneira a ser acrescentado um outro piso e melhorar o espaço interior. Foram também modificados a nível de fachada com a introdução de novos vãos para o exterior para compreender novos usos, nomeadamente espaços para escritórios, lojas e ou estúdios. Estes novos espaços dão oportunidade de rentabilizar e dinamizar este projeto, atraindo novas atividades para a Real Companhia Vinícola e consequentemente para Matosinhos.

53. Pátio visto do exterior

54. Interior do pátio





54. Ilustração da planta de cobertura do MIEC+MMAP

MIEC + MMAP

Museu Internacional de Escultura Contemporânea e Museu Municipal Abade Pedrosa

Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura

Santo Tirso, Portugal

2012



55. Vista geral do MIEC+MMAP

56. Vista da entrada do MIEC+MMAP

57. Vista da cobertura do MIEC+MMAP



Encomendado pela Câmara Municipal de Santo Tirso aos arquitetos Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura, este projeto surge como resposta à necessidade de intervenção no Museu Municipal Abade Pedrosa, inserido no Mosteiro de Santo Tirso. Este edifício é designado de monumento com grande valor patrimonial por ter uma relação direta com o nascimento da cidade. A opção de reunir os dois programas no mesmo espaço físico surge da vontade de reduzir tanto os recursos financeiros como humanos, na logística de organização e serviços, sem condicionar o visitante de uma experiência mais intensa e atrativa.

A intervenção é composta por um edifício novo que alberga o Museu Internacional de Escultura Contemporânea da autoria do arquiteto Álvaro Siza Vieira, pela requalificação do Museu Abade Pedrosa a cargo do arquiteto Eduardo Souto de Moura, e pela adega da Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento.

Um elemento comum aos dois programas é o que vamos designar de átrio (inserido no edifício novo). O átrio é uma área comum que tem como premissa o acolhimento e acesso individual a cada um dos espaços, contudo consegue mantê-los independentes na sua forma e linguagem. É o primeiro contacto que o visitante tem com o interior, composto por receção, loja, área administrativa e instalações sanitárias. Integrado neste mesmo edifício estão as áreas comuns do projeto, a cafetaria e espaço de restauração, a zona de estudo/lazer e a área de exposição polivalente.

No edifício que serve às funções do MMAP foram inicialmente levadas a cabo obras de requalificação de modo a ter as infraestruturas necessárias ao seu funcionamento, exigidas pela lei portuguesa na contenção de um plano de segurança e condições para acolher os visitantes, sem exceção para as condições necessárias de preservação do espólio do museu. As atividades principais do museu são as exposições permanente e temporárias às quais são dedicadas respetivamente quatro salas, uma galeria, e o espaço de auditório.

O MMAP está inserido na antiga hospedaria do Mosteiro de São Bento, cuja construção data 1737 a 1740, implantado na zona norte da cidade de Santo Tirso. *"O edifício, de alvenaria de granito, apresenta os paramentos rebocados com uma argamassa de saibro, pintados a branco, mantendo-se o granito aparente nos elementos estruturantes do edifício (caixilharias, pilares, fenestranças, entablamento, etc.)"*⁴³, a sua cobertura *"é composta por*

43 COUTO, Joaquim; MELO, Conceição; MOREIRA, Álvaro; GRANDE, Nuno; SIZA VIEIRA, Álvaro, SOUTO DE MOURA, Eduardo; Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso. Museu Municipal Abade Pedrosa – Projeto e obra; Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, 2016. página 22 e 23

um telhado de duas águas, em telha cerâmica, suportada em estrutura de madeira de castanho.”⁴⁴

O espólio museológico do MMAP é constituído por objetos arqueológicos dos vários períodos cronológicos compreendidos entre o paleolítico e a contemporaneidade. Tem como objetivo principal estudar e proteger o património que detém, promovendo a sensibilização para a memória e identidade da região em que se insere bem como a valorização da contemporaneidade e universalidade do património presente. *“Desde 1991, a cidade de Santo Tirso acolhe o Simpósio Internacional de Escultura de Santo Tirso, reunindo artistas de todo o mundo que aqui esculpem as suas peças previamente projectadas.”⁴⁵*

A cêrcea do novo Museu MIEC foi definida em função do Mosteiro de S.Bento, nivelada com o limite inferior da cornija de maneira a não perturbar a leitura do edifício pré-existente e conseguir estabelecer uma continuidade física e visual.

A ligação entre os dois corpos, como já referido anteriormente, é feita através de um braço que parte do Mosteiro para o novo volume. O seu acesso é feito por um átrio, no seu piso térreo. No piso -1 encontram-se duas salas de exposição, uma área de estudo/lazer, os sanitários e a área técnica de arquivo com ligação ao piso térreo através de um monta cargas. A solução construtiva deste edifício passa por *“paredes de betão revestido pelo interior com gesso cartonado de alta densidade (exigidas nas salas de exposição); na face exterior será usado o sistema ETICS em base de lã mineral de alta densidade, revestido com reboco liso reforçado a pintado a branco, tal como a envolvente com a qual se confronta. Um lambrim de granito, define o embasamento, também visível nos edifícios existentes. As paredes interiores serão em tabicaria metálica de gesso cartonado de alta densidade. As paredes interiores são protegidas, na sua maioria, por um lambrim de mármore nas zonas de público, ou por um rodapé em mármore nas zonas expostas.”⁴⁶*

Esta proposta de intervenção assentou no princípio de preservar as características do edifício já existente bem como o acrescento de elementos que visam devolver a sua apresentação original. Essas alterações são identificadas através do uso de matérias diferentes para uma fácil perceção da sua existência, porém sem deturpar a sua autenticidade.

44 COUTO, Joaquim; MELO, Conceição; MOREIRA, Álvaro; GRANDE, Nuno; SIZA VIEIRA, Álvaro, SOUTO DE MOURA, Eduardo; Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso. Museu Municipal Abade Pedrosa – Projeto e obra; Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, 2016. página 23

45 Idem, página 21

46 Idem, página 27

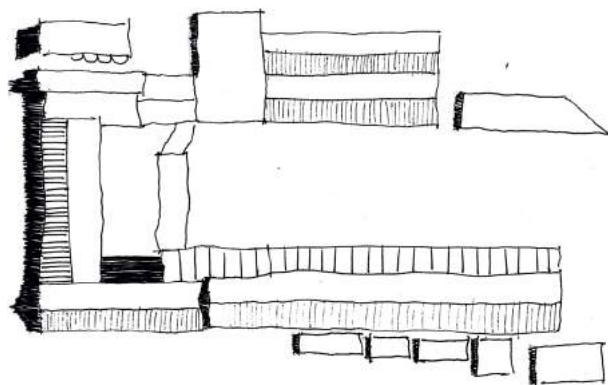
58. Escadas principais do MIEC+MMAP

59. Cafeteria

60. Corredor de distribuição do Museu

61. Módulo expositivo





62. Ilustração da planta de cobertura do Complexo de Artes e Arquitectura da Universidade de Évora

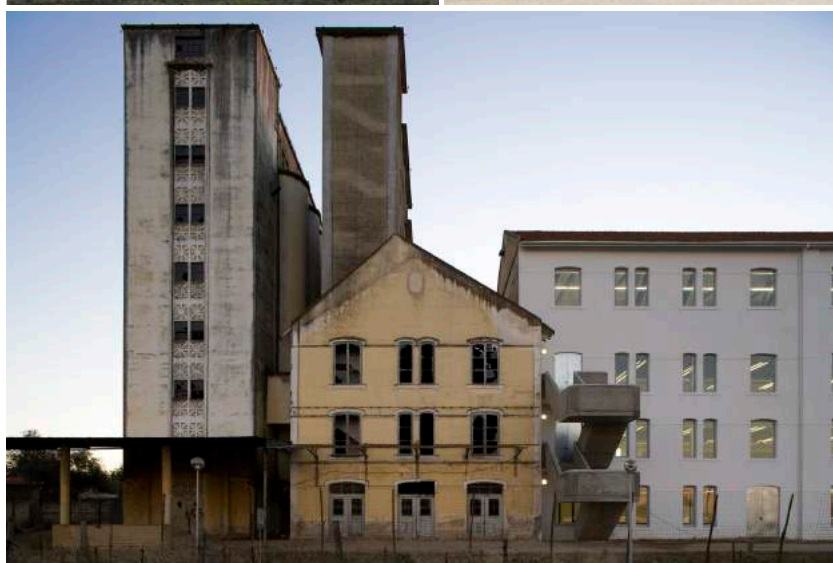
FÁBRICA DOS LEÕES

Complexo de Artes e Arquitectura da Universidade de Évora

Inês Lobo e Ventura TRindare Arquitectos

Évora, Portugal

2009



63. Vista exterior do Complexo
64. Alçado do edifício de Construção Nova
65. Pré-existência e Reabilitação

Localizada perto do centro da cidade de Évora, envolvida pela paisagem alentejana, está a antiga Fábrica dos Leões atual Complexo de Artes e Arquitectura da Universidade de Évora com a sua volumetria compacta e verticalidade que contrasta com envolvente essencialmente rural facilmente distinguível no horizonte.

Em 1916 foi então criada a Sociedade Alentejana de Moagem, LDA (SAM), que levou à inauguração, em 1917, de uma das mais importantes fábricas do Alentejo. A Fábrica dos Leões empregou no seu apogeu 137 operários. Detinha no seu complexo uma das primeiras centrais termoelétricas da moagem alentejana, que lhe dava um papel de grande relevo histórico e impacto na comunidade da região. Nos anos 70, passa a chamar-se de Fábrica de Massas Leões, tendo vindo a encerrar no ano de 1993. É adquirida posteriormente, no ano de 1998, pela Universidade de Évora para albergar a extensão do seu polo universitário.

O conjunto edificado da Fábrica dos Leões está implantado em forma de "U" criando um grande vazio no centro que areja a densidade da construção circundante. Na sua constituição, edifícios principais de grande dimensão e outros de menor porte apresentam características diferentes e resultantes dos distintos períodos de construção, que tinham como função albergar serviços administrativos, espaços de trabalho para máquinas e operários, silos, portaria e anexos.

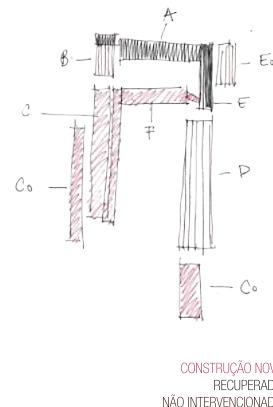
O projeto de reabilitação teve como abordagem a recuperação de grande parte dos edifícios fabris e a construção de raiz de um novo corpo onde foram instalados os departamentos de artes visuais, escultura, multimédia, pintura e design e o curso de arquitetura da Universidade de Évora.

"Propõe-se devolver à estrutura existente o carácter austero e essencial que define o conjunto fabril, subtraindo divisórias e adornos sobrepostos ao longo do tempo. Retomando a simplicidade original como valor intrínseco da estrutura. Subtração que entendemos como processo de projecto, de construção do espaço. Das desmontagens resultam elementos marcados pela história do lugar, que se propõe utilizar novamente na construção do núcleo escolar." ⁴⁷

Vamos dividir o projeto em três núcleos para uma clara perceção e compreensão do que foi feito na Fábrica dos Leões. Um primeiro grupo chamar-lhe-emos de construção nova, um segundo de edificado recuperado e um terceiro de edificado não intervencionado.



66. Exterior do núcleo C
67. Esquema da organização do Complexo





68. Interior das oficinas
69. Vista exterior da Reabilitação do Complexo
70. Vista interior de uma sala de aula

Construção nova distingue-se facilmente pelo revestimento de chapa de aço galvanizado que adorna os dois novos edifícios. O primeiro, que acolhe as salas de Artes Visuais e respetivas oficinas (edifício C e Co) foi construído de raiz com uma estrutura mista de betão e aço e substitui um corpo com a mesma volumetria que fora demolido. Ao centro está o segundo (F) que corresponde à cafetaria, refeitório e sala de convívio de dois pisos.

O edificado recuperado, ala do curso de Arquitetura assim como de serviços, secretaria, salas administrativas, centro de documentação, biblioteca, mediateca, sala de exposições, associação de estudantes, livraria e reprografia, sofreu alterações ao nível das circulações que foram redesenhadas, mas com o mesmo posicionamento face ao projeto inicial.

O edificado não intervencionado é o conjunto dos edifícios mais recentes do complexo industrial e por serem uma construção recente comparativamente aos outros não exigiu alterações de grande escala, por se apresentarem em boas condições. O edifício (B), que faz fronteira com o da ala de Arquitetura foi também ele utilizado para usufruto desse curso. Quanto ao edifício (D) que resta, é do departamento dos cursos de Artes Cénicas.

Num geral a intervenção tida e necessária para o funcionamento deste complexo fabril foi a recuperação dos *“tectos, os pavimentos e o sistema construtivo original. Contudo, devido à degradação dos elementos estruturais e às exigências do novo programa, introduziu-se um sistema de reforço que consiste numa laje de compressão em betão conectada com as vigas existentes, permitindo que o edifício passe a ter a resistência necessária.”*⁴⁸ No seu interior, a *“inserção das infra-estruturas, nomeadamente dos sistemas de circulação de ar, água e eléctrico, entre outros, é completamente assumida e colocada à vista numa estrutura suspensa nos tectos, solução utilizada tanto nos edifícios existentes como nas novas construções.”*⁴⁹

48 SERRANO, Ana Catarina. *Reconversão de Espaços Industriais, Três Projectos de Intervenção em Portugal*. Lisboa. 2010. Página 126.

49 Idem, página 127.



III QUARTEIRÃO

01. CONTEXTUALIZAÇÃO

Marvila, localizada na periferia da cidade de Lisboa, de características rurais onde se situavam quintas e terrenos férteis de cultivo, tinha uma mina de água que servia de abastecimento público no século XVI. Passou a ser conhecida localmente por Poço do Bispo, por estar nas proximidades de uma residência do bispo – mais tarde conhecida por Palácio da Mitra. A construção do Convento de Marvila, no século XVII, foi muito importante na popularização desta área.

Com base no que foi referido anteriormente nos capítulos referentes à contextualização, é essencial aprofundar o conhecimento sobre o próprio quarteirão e a área circundante para melhor compreender a sua evolução ao longo dos diferentes espaços de tempo e de como essas mudanças foram o reflexo das vivências e necessidades da sociedade.

A fábrica José Domingos Barreiro não era a única que servia o propósito de exploração da indústria vinícola, sediada neste troço de Marvila. Imediatamente ao lado, fazendo frente para a Praça David Leandro da Silva, encontra-se a Abel Pereira Fonseca.

O edifício da *Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, S.A.R.L.* (mais tarde denominado por *Companhia Agrícola do Sanguinhal*) foi adquirido pelos seus fundadores Abel Pereira da Fonseca⁵⁰ e o seu sócio Francisco de Assis no ano 1910. Situa-se na Praça David Leandro da Silva tomejando para a Rua Amorim e outrora nele se desempenharam os processos de produção, tratamento e transformação de vinhos, licores e azeites. Em 1930 esta sociedade tornou-se na maior de Lisboa, com a expansão dos armazéns e das habitações destinadas aos seus operários, dando-lhe a configuração de vila.

O Edifício principal, da autoria de Norte Júnior⁵¹ é um exemplo da emergência das artes decorativas aliadas ao desenho modernista. A fachada principal, orientada para a praça Leandro da Silva, ostenta motivos alusivos à indústria vinícola, representada nos cachos de uvas, folhas de parra, a fragata e o rio esculpidos em argamassa posteriormente pintada. A nível estrutural foi pioneiro na sua solução construtiva em betão. A valorização do património industrial em que se insere levou a que recentemente tenha sido avaliado como sendo um imóvel de interesse público.

⁵⁰ Abel Pereira da Fonseca, importante agricultor e empresário do início do século XX, possuía várias propriedades agrícolas. Tornou-se um dos maiores exportadores de vinho de Portugal na época exportando para os quatro cantos do mundo.

⁵¹ Manuel Joaquim Norte Júnior (1878-1962) arquiteto português, foi um dos arquitetos com mais influência no princípio do século XX na cidade de Lisboa, tendo feito inúmeros projetos como por exemplo a fachada do café A Brasileira, no Chiado, e do café Nicola, no Rossio.

72. Fábrica Abel Pereira da Fonseca, alçado principal. 1966

73. Cais da Fábrica Abel Pereira da Fonseca





74. Interior do Armazém vinícola da Fábrica Abel Pereira da Fonseca

75. Fábrica Abel Pereira da Fonseca

O conjunto construtivo desta sociedade é composto por um total de dez armazéns com grandes vãos e telhados de duas águas. Aqui eram desenvolvidas as várias atividades relacionadas com a produção, lavagem e engarrafamento do vinho, armazenamento e a sua comercialização. No seu interior, existe um conjunto de cento e setenta cubas em betão acompanhadas de uma avançada tecnologia para a época empregue no tratamento e controle do produto armazenado com capacidade para mais de vinte milhões de litros.

O estado de conservação em que se encontra esta fábrica é relativamente bom, ainda que apresente sinais de infiltrações de água e algumas anomalias a nível das coberturas.

O edifício da Fábrica Abel Pereira da Fonseca esteve em atividade entre os anos 1907 a 1993 - quando cessou as suas atividades. Posteriormente a firma cedeu os armazéns da fábrica à Câmara Municipal de Lisboa sendo eles atualmente palco de concertos, eventos de moda, exposições, novos restaurantes, espaços de trabalho, lojas, entre outros.



"Era comum Fernando Pessoa, enquanto se encontrava a trabalhar, levantar-se, pegar no chapéu, ajeitar os óculos e ir até ao "Abel". Esta simples acção de Pessoa, que se tornou um hábito, intrigou um colega de trabalho do poeta. Luiz Pedro Moitinho de Almeida (segundo Fernando Pessoa – empregado de escritório, do João Rui de Sousa). Esse mesmo colega apercebeu-se, algum tempo depois, que as idas ao "Abel" eram, nada mais, nada menos, que uma ida ao depósito mais próximo da casa Abel Pereira da Fonseca para tomar um cálice de aguardente."

Companhia Agrícola do Sanguinhal, apud Restos de Colecção





77. Rua Zófimo Pedroso

Regressando ao enquadramento urbano, o quarteirão em que se insere o complexo industrial em estudo surge como principal limite físico da proposta de intervenção do presente trabalho, sendo que este compreende os armazéns da fábrica José Domingos Barreiro e o edifício principal referente à sua sede. A sua morfologia peculiar é o resultado de inúmeras transformações que foram acontecendo até chegar aos dias de hoje. O lado interessante de se estudar este caso em concreto é o de compreender todo o processo de transformação que ocorreu através dos vestígios que hoje de alguma maneira nos relatam o passado.

Os documentos mais antigos cartografam várias quintas ao longo da zona a oriente da cidade, que eram propriedade da Mitra de Lisboa, doadas por D.Afonso Henriques após a conquista de Lisboa aos Mouros.

Num plano mais aproximado e no contexto desta intervenção, o Quarteirão apresenta-se com uma planta de configuração irregular resultante do atravessamento da Rua Fernando Palha no contexto da criação de novos arruamentos no final do século XIX.

O complexo industrial que constitui a Fábrica José Domingos Barreiro é composto pelo edifício da sede administrativa (com um carácter mais importante e majestoso) de três pisos, na frente da praça David Leandro da Silva, os armazéns de vinho que ocupam todo o interior do quarteirão e os edifícios de habitação coletiva - com dois pisos, sendo que na continuação da rua Fernando Palha, e para manter a cêrcea da frente da rua, os últimos edifícios têm apenas um piso de habitação.



78. Ilustração do Palácio Patriarcal de Marvila
79. Lápide Romana, encontrada na Azinhaga do Poço de Cortes, 1944



80. Planta da Fábrica José Domingos Barreiro com base na carta topográfica da linha de defesa da cidade de Lisboa de 1837
81. Planta da Fábrica José Domingos Barreiro com base na cartografia de Filipe Folque
82. Planta atual da Fábrica José Domingos Barreiro

(À direita. Da esquerda para a direita, de cima para baixo)

83. Azinhaga em Marvila
84. Praça David Leandro da Silva, ao fundo a Fábrica José Domingos Barreiro
85. Rua do Vale Formoso de Cima, 1961
86. Cinema Popular na Rua Direita de Marvila
87. Rua do Vale Formoso de Cima, vindo do Poço Bispo, 1961



Os dois primeiros armazéns da fábrica, com frente para a Rua Zófimo Pedroso, têm como sistema estrutural paredes de alvenaria, de pedra e de tijolo - resultado das diferentes épocas de construção que a fábrica foi atravessando. Sobre elas apoiam-se vigamentos de madeira que suportam os pavimentos do piso superior e as coberturas em duas águas. A sua construção antecede restantes armazéns, datando do século XVIII. É perceptível apenas pelo interior do primeiro armazém uma fileira de vãos emparedados, numa cota inferior aos construídos, que nos indicam uma possível modificação das pré-existências da fábrica.

Segundo o documento Estratégico de Monitorização da Zona Ribeirinha Oriental, da Câmara Municipal de Lisboa, é assinalado o complexo da Fábrica José Domingos Barreiro como sendo um edifício pertencente ao núcleo histórico da Freguesia de Marvila, de valor patrimonial a salvaguardar. Todas as intervenções propostas nos edifícios estão sujeitas aos princípios estabelecidos no artigo 27º do RPDM para bens da CMP, *“de modo a salvaguardar o aspecto geral do exterior do conjunto formado por todas as edificações em conformidade com a sua concepção, designadamente as relações morfológicas, os ritmos, métricas, proporções, elementos decorativos, tipo e características de acabamento das partes”*.⁵²

Foi atribuído o grau de *“Bens de Valor Patrimonial Relevante – são bens com valor arquitetónico e ambiental cuja preservação se pretende assegurar e que satisfazem, pelo menos, uma das seguintes condições: a) Serem elementos de valor reconhecido; b) Apresentarem qualidade arquitetónica e serem representativos da história local; c) Constituírem conjuntos urbanos homogéneos formados por repetição de tipologias.”*⁵³

⁵² Carta Municipal do Património Edificado e Paisagístico. Elaborado por DELB. Nº 762/CM/2012

⁵³ Idem.



" Ali tens no tôpo do largo, a sede da importante casa José Domingos Barreiro, limitada, em edificio próprio, tão elegante como decorativo, que ampara uma larga rêde de instalações e armazéns"

ARAÚJO, Norberto de. "José Domingos Barreiro", Peregrinação em Lisboa, Livro XV, 2ªEdição (1993). página 78

02. FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO

A fábrica José Domingos Barreiro e conjunto de armazéns ocupa o que em tempos foram os terrenos do Palácio da Quinta dos Condes de Valadares. Mandada construir pelo próprio fundador José Domingos Barreiro, teve o seu período de atividade entre os anos 1887 e 1998, tendo como função a armazenagem e comércio de vinhos.

A fábrica ocupava inicialmente quase todo o quarteirão onde se insere, com as instalações viradas para a rua Zófimo Pedroso e frente da praça David Leandro da Silva, correspondentes à sua sede administrativa e a frente da rua Fernando Palha aos seus armazéns, tanoarias e habitações. As instalações da fábrica apresentam atributos estéticos ligados a um brio empresarial que visava o enaltecimento e o destaque da própria fábrica sobre as firmas concorrentes. Distribui-se por instalações comerciais e oficinas no nível do solo e espaços destinados à habitação operária nos pisos superiores. Estas *“habitações têm acesso directo à rua, com escadas independentes, noutros as escadas partem do interior dos armazéns, fazendo pressupor alojamento dos empregados da firma”*.⁵⁴

O seu posicionamento frente ao rio na posiciona-a favoravelmente em ligação com as tradições fluviais relacionadas com o setor industrial, antes do caminho de ferro. Exibe um relacionamento estrategicamente articulado com os mercados abastecedores do Ribatejo, Estremadura e da outra margem do rio Tejo, estando interligada entre estas diferentes zonas por transporte marítimo através de embarcações e terrestre através do caminho-de-ferro. *“O crescimento da atividade fez prosperar esta empresa de grandes nego-*

54 PEREIRA, Nuno Teotónio, e BUARQUE, Irene, *Prédios e Vilas de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1995, página 342



88. Carta publicitária, 25 de setembro de 1915



89. Fachada Principal da Fábrica José Domingos Barreiro

90. Fachada Principal da Fábrica José Domingos Barreiro

91. Pormenor da fachada principal

92. Pormenor da fachada principal



ciantes e exportadores de vinhos, aguardentes e vinagres"⁵⁵. No auge do seu negócio a empresa tinha ligações internacionais e exportava através de negociantes pela Europa (Inglaterra, França, Bélgica, Suécia, etc), Brasil e terras ultramarinas.

Nos finais do século XIX e inícios do século XX, devido ao seu crescimento houve uma necessidade de expansão da área da fábrica, tendo por isso que aumentar a partir do polo inicial a sua área para catorze mil metros quadrados, ocupando os terrenos da já extinta firma Cunha Porto. Possuía meios mecânicos modernos, uma vasta área de armazenamento que levou à aquisição do seu próprio ramal interno de caminhos-de-ferro, bem como sistemas de eixos que faziam o transporte do vinho das cotas inferiores dos armazéns à cota superior para o seu armazenamento.

A fábrica José Domingos Barreiro tem um carácter identitário na freguesia de Marvila. É tida como referência face ao espaço em que se insere – garante-lhe uma importância com valor a preservar.

Deste modo, o presente trabalho vai incidir sobre a reabilitação do quarteirão que envolve a fábrica, mais propriamente o edifício da sede, os edifícios de habitação e os vários armazéns que se desenvolvem no interior desse mesmo quarteirão. A sua reabilitação apresenta-se sob a forma de um programa para um Centro de Artes e propõe combater as várias problemáticas existentes neste local, como já foi referido anteriormente.

⁵⁵ FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge. Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, página 164.



(À esquerda. Da esquerda para a direita, de cima para baixo)

93. Fachada do Pátio interior

94. Fachada tardoz da Sede da Fábrica José Domingos Barreiro

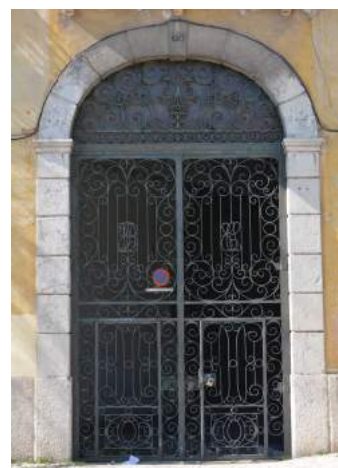
95. Pormenor dos portões

96. Tipo de vão da fachada da rua Fernando Palha

97. Placa da Rua Fernando Palha

98. Tipo de vão da fachada da rua Fernando Palha

99. Portão da fachada da rua Fernando Palha





(À esquerda. Da esquerda para a direita, de cima para baixo)

100. Interior do primeiro armazém

101. Interior do primeiro armazém

102. Arco de ligação entre armazéns

103. Piso superior do armazém

104. Pormenor do interior do edifício da Sede da Fábrica José Domingos Barreiro

105. Pormenor do teto

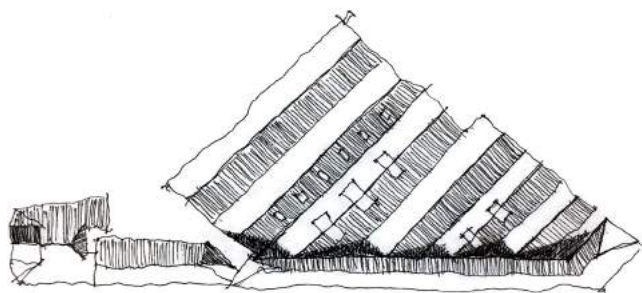
106. Vãos com vista para a Praça David Leandro da Silva



"Desmontam-se as máquinas. Introduzem-se pessoas."

IV

PROPOSTA



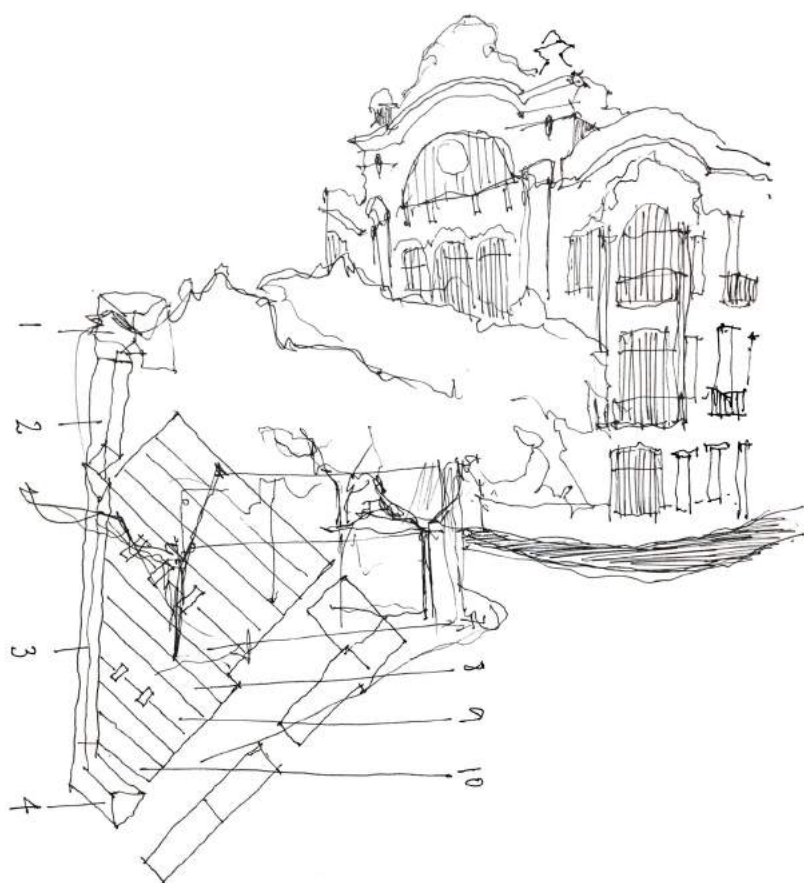
107. Ilustração da planta de cobertura do Centro de Artes

FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO

Centro de Artes

Marvila, Lisboa, Portugal

2018



108. Ilustração da Fachada Principal da Fábrica José Domingos Barreiro

A proposta de reabilitação da Fábrica José Domingos Barreiro, tem como objetivo compreender na sua pré-existência um novo programa – Centro de artes. Primeiramente é necessário interpretar a fábrica no seu geral e perceber os espaços e características que cada um oferece, para se estabelecer uma nova disposição de funcionamento ao programa.

O Quarteirão, como já referido anteriormente, é composto pelo edifício da antiga sede, um conjunto de cinco corpos de habitações dos trabalhadores e seis corpos de armazéns.

A estratégia tomada apoiou-se na análise do estado de cada um destes elementos e o ambiente que cada um oferece. Sendo que o projeto ocorre num imóvel avaliado como bem de valor patrimonial relevante, houve uma série de limitações e questões que acabaram por se tornar mote da proposta de intervenção.

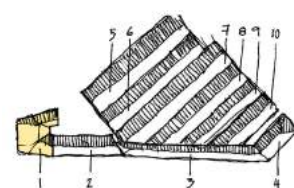
O edifício principal, a fachada referente à frente da Rua Fernando Palha e os dois primeiros armazéns não podiam sofrer nenhuma alteração da sua composição, a não ser que, fossem adaptações necessárias à nova reforma do edificado. Estes elementos são identitários e referências do complexo, o edifício principal tem um carácter único, a sua arquitetura cuidada e detalhada torna-se um exemplar único neste contexto industrial, sendo demasiado díspar face à realidade das restantes fábricas.

Na fachada das habitações, o fato da intenção ser ocultar a realidade da função deste complexo, embelezando-o e desta maneira integrando-o num contexto urbano, confere-lhe um valor extraordinário de delicadeza, não sendo permitido alterar o ritmo composto por esta fachada longa.

Os primeiros armazéns, carregam consigo a importância de toda a organização e história do local (já anteriormente referido). Sendo que foram os impulsionadores da métrica de organização deste quarteirão, a introdução de um novo uso, não pode descaracterizar ou impedir a sua leitura espacial.

01. SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E BIBLIOTECA

O edifício principal (1), foi estabelecido com uma ocupação que não o expusesse a um desgaste excessivo e compromettesse a preservação do mesmo. O piso térreo é dividido em duas alas - à esquerda a zona administrativa e sala de direção, que por se encontrarem num estado de preservação positivo e as infraestruturas contextualizadas com o programa, são mantidas, e os elementos pré-existent (balcão de madeira maciça e um cofre de



109. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

grandes dimensões) restaurados, o pavimento em madeira é recuperado e aproveitado na sua integra, o espaço referente à sala de direção é compartimentado por divisões de intervenção ligeira (paredes de gesso cartonado) e o vão é composto por uma porta pivotante de perfil metálico de modo a salientar o passado industrial da fábrica e modernizando-o; à direita, composta

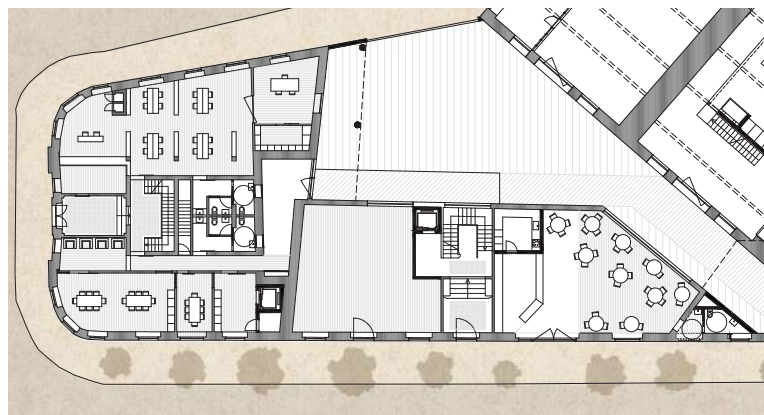
por quatro espaços devotos à organização do Centro de Artes, planeamento e gestão das atividades, direcionados aos professores e convidados das várias vertentes artísticas. Num primeiro instante há um espaço de espera, que faz a ligação entre o espaço público e privado desta ala, sendo criado um corredor interior que nos guiará ao exterior do complexo – praça interior do Centro de Arte (11) – admissível a sua utilização por docentes e alunos.

As duas salas, uma sala comum e outra mais reservada onde serão feitas as reuniões, têm entrada por este corredor. A sua intervenção é igualmente superficial comparativamente à outra ala sendo as únicas alterações feitas nos vãos e respetivos acessos, as portas atuais são substituídas por portas de correr e as que interligavam os espaços são substituídas por janelas fixas. Com isto pretende-se criar mais privacidade e uma organização controlada de cada espaço. A privacidade é obtida através de elementos passivos opacos que são utilizados conforme as necessidades.

À esquerda deste corredor – sentido interior para o exterior em direção à praça (11) – foram aproveitadas e reconfiguradas as instalações sanitárias de forma a que comportem um módulo de acesso a utilizadores de mobilidade reduzida. Esta ação é repetida nos e restantes pisos do edifício, sempre com a mesma lógica de três instalações sanitárias (homem, mulher e mobilidade reduzida).



110. Esquema representativo da organização do Centro de Artes
111. Planta piso 0



Este edifício, ainda que se apresente em bom estado de conservação, apresenta limitações de acesso a pessoas de mobilidade reduzida e sem a adequada adaptação esse obstáculo limitaria o acesso a todos os espaços aqui propostos. Ainda que não seja possível a alteração da composição espacial da Sede da antiga fábrica, esta pode acontecer no caso de ser necessária à adaptação do seu novo uso. Analisando a planta, foi perceptível uma área morta e numa zona de pouco destaque foi encaixada uma caixa de elevador que permitirá a distribuição entre os dois pisos que compõem este corpo. O seu posicionamento foi estrategicamente colocado neste sítio por ser de fácil acesso a quem o procura vindo do exterior (por exemplo alunos), permitindo uma quebra de passagem para o restante espaço desta ala sem que a mesma seja perceptível. A caixa do elevador foi colocada num recanto pré-existente, ajudando a criar uma regularidade no desenho desta sala e simplificar a sua leitura. Paralelamente foram colocados armários que apoiam os seus utilizadores.



112. Referência visual para as estantes da Biblioteca.
MIEC+MMAP.

Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura
113. Planta piso 1

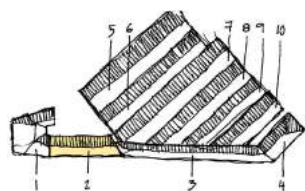
No segundo piso, também este dividido sob a mesma lógica do piso inferior – ala esquerda e direita, com a função de ser a Biblioteca do Centro de Artes-, estão as zonas de exposição/recolha e outra de trabalho/leitura. O motivo para este piso compreender esta função surge da interpretação do desenho e detalhe que cada sala apresenta, sendo o seu uso regado e controlado, permitindo uma máxima preservação dos adornos que ornamentam os tetos, frisos, rodapés, ombreiras, pavimentos e portadas de madeira, as ferragens e apliques existentes. As salas são pontualmente compostas por mobiliário centrado e de carácter simples, para que seja perceptível a hierarquização dos elementos que compõem cada espaço e estes quando colocados não impossibilitem a leitura e experiência total do lugar. Em termos de intervenção é necessário pontualmente a recuperação de frisos e ornamentos nos tetos que se encontram danificados, os pavimentos



em tacos de madeira necessitam de manutenção, as portas existentes são pintadas e as que estão em falta são substituídas por portas de correr envidraçadas, admitindo uma intervenção delicada que, embora assumida, é moderadamente perceptível.

Na ala direita o corredor de distribuição terminava num espaço vazio sem luz natural, é proposta a abertura de um vão em vidro que resolve o problema de iluminação e permite o acesso ao pátio pré-existente que se estende sob a praça, em vez do único acesso que o apoiava através de uma sala na ala oposta.

No terceiro piso, continuando com a mesma premissa de reabilitação dos restantes pisos, é destinado a áreas de trabalho e estudo que apoiam a vertente mais teórica das várias áreas abordadas no Centro de Artes, é composto por seis salas de trabalho equipadas por mesas longas ao centro, as restantes três salas não tendo mobiliário fixo tomam a sua utilização mais flexível e informal.



114. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

115. Ilustração da entrada para a praça do Centro de Artes, pela Rua Fernando Palha

Regressando ao piso térreo, no segundo núcleo (2) e seguindo o sentido Sul – Norte, na frente da rua Fernando Palha surge o primeiro núcleo habitacional da Fábrica José Domingos Barreiro que segundo a avaliação que foi feita não apresenta valor patrimonial a preservar no seu interior à exceção da sua fachada. A sua intervenção é menos rígida o que permite alterações a nível da planta. Desse modo é proposto um espaço comercial com aproximadamente 82m², com entrada pela rua principal, no lado oposto à entrada está um vão que permite a ligação visual com o interior da praça. Ao centro encontra-se o núcleo de acessos pré-existente, não é alterada a sua configuração sendo apenas inserida uma caixa de elevador paralela às escadas que apoiará os acessos aos pisos superiores das habitações temporárias.

Ao seu lado, encontra-se um espaço de restauração ou cafetaria que servirá de apoio ao Centro de Artes e também ao exterior, comércio de rua. Este espaço ainda que seja uma pré-existência é definido por assumir a sua intervenção através da substituição dos vãos da entrada, que já não são os originais e quebram a leitura uniforme da fachada por duas portas pivotantes de perfil metálico.

No seu interior o pavimento é microcimento afagado que aliado ao perfil metálico presente nos vãos enfatiza a paleta de materiais industrial do espaço. À esquerda o balcão feito em betão alinha o espaço com a copa, tornando-o simples e cru. Na zona destinada às refeições são desenhados no pavimento veios perpendiculares à entrada para criar uma separação entre os diferentes ritmos do espaço. Ao fundo da divisão, está a instalação sanitária



de apoio a este estabelecimento. As materialidades não alteram por ser um espaço resultante da continuidade da área adjacente, apenas com diferença no espaçamento entre os veios do pavimento.

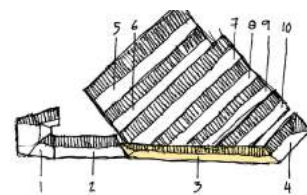
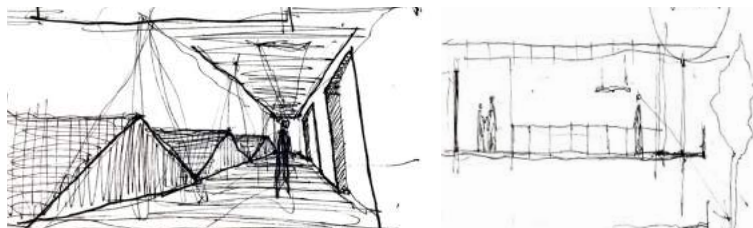
02. HABITAÇÃO TEMPORÁRIA

De volta ao núcleo central dos acessos, o piso superior deste edifício divide-se em três— piso térreo de serviços, primeiro e segundo piso apresentam plantas e usos iguais de habitações temporárias. Para um melhor entendimento do projeto e por ser este ter diferentes cotas que se relacionam todas em simultâneo, o primeiro piso deste edifício (2) não será abordado.

A descrição seguinte é referente ao segundo piso do edifício 2 e ao primeiro do edifício 3 e 4 que formam toda a frente da rua Fernando Palha e que resulta na fachada anteriormente falada. Cada um dos três núcleos abrange um determinado número de habitações com lógicas semelhantes, mas com objetivos diferentes.

Neste primeiro núcleo o espaço habitacional é dividido em 8 quartos individuais com uma média de 8m² cada, todos equipados com instalações sanitárias partilhadas entre cada dois quartos, com 5m² aproximadamente. Estes quartos têm um espaço mais reduzido comparativamente às outras duas soluções a descrever de seguida, por se destinar a uma estadia mais curta. Ainda que os quartos tenham o mesmo desenho, acabam por ser todos diferentes devido à métrica que a fachada impõe no interior dos edifícios que a completam. Por se tratar de um edifício de habitações temporárias para os artistas, neste piso o espaço comum está limitado a um módulo que compreende o espaço de confeção de alimentos; os restantes espaços como a zona de convívio/trabalho e de refeição resultam do desenho natural do edifício separados pelo módulo de acessos. O pavimento em madeira com de direções diferentes na sua estereotomia permite criar um limite visual que gere dois momentos diferentes no mesmo espaço.

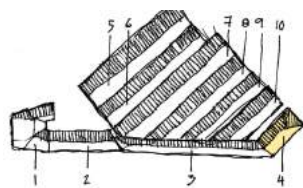
Continuando a leitura da correnteza do edificado da Rua Fernando Palha,



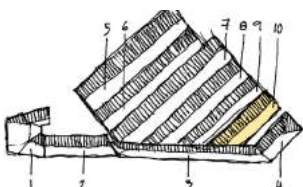
116. Esquema representativo da organização do Centro de Artes



117. Planta tipo do quarto individual, i.s. partilhada
118. Planta tipo do quarto individual, i.s. individual
119. Planta tipo do quarto individual, com kitchenette
120. Ilustração corredor de distribuição dos quartos
121. Ilustração relação das áreas da zona comum



122 e 123. Esquema representativo da organização do Centro de Artes



124. Referência Visual para os vãos do auditório e bar.

Arquipélago-Contemporary Arts Centre.

João Mendes Ribeiro

125. Ilustração do vão do auditório e bar

126. Ilustração do vão do auditório e bar

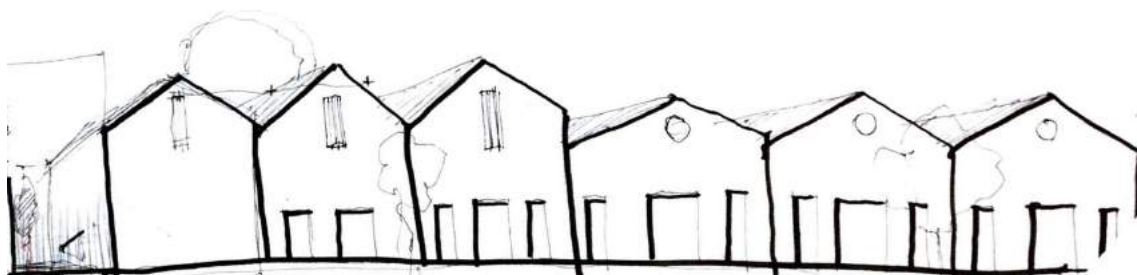
127. Ilustração da fachada da Praça proposta



surge um novo corpo em substituição do existente também ele com o propósito de habitação temporária. Este edifício por se apresentar em mau estado, tem a sua estrutura demolida e o seu novo volume atualizado com maior profundidade e semelhaça aos restantes. Optou-se por uma nova estrutura metálica de forma a não sobrecarregar a estrutura pré-existente na qual a nova vai assentar. Toda a frente virada para a rua é atribuída aos quartos, um total de onze, com aproximadamente 20m² e todos eles equipados com instalações sanitárias individuais iluminadas naturalmente através da luz zenital trazida pelas chaminés de luz que rompem a cobertura.

O quarto núcleo é o edifício que fecha a correnteza de edificado da Rua Fernando Palha. Este núcleo que deriva obliquamente do anterior e dele separado por uma alheta metálica que remata esta união e que propõe uma quebra de direção na fachada, dirigindo o movimento espacial para o interior do Quarteirão e o introduz à praça. Surge em reposição de um edifício que é demolido nesta proposta à exceção da face da fachada que visa esta rua onde se tocam através de uma alheta metálica que remata o contato dos dois edifícios. Este ergue-se em harmonia com a pré-existência, a sua volumetria é guiada pela malha original, com sinais de contemporaneidade através do seu revestimento em folha de betão projetada, as guardas das varandas em vidro à face da fachada e os vãos num plano recolhido, que permite uma alteração de ritmo na continuidade da fachada. No segundo piso (4), continuando a leitura das habitações, estão as últimas variantes propostas para as habitações. Neste edifício são um total de 4 habitações distintas, de 24m² aproximadamente. Esta tipologia tem uma kitchenette e instalação sanitária individuais e tendo dimensões maiores à semelhança da anterior têm a possibilidade de albergar duas pessoas.

Voltando para o piso térreo, aqui será feito o acesso ao auditório (10) que irá apoiar o Centro de Artes, mas que não se limita a este, podendo ser utilizado



por outras entidades. Junto está um bar de apoio (4) ao auditório, entre a entrada Norte para as habitações (situada no interior do quarteirão, voltada para a praça proposta) e o auditório.

A praça surge do processo de seleção dos edifícios de relevância para a preservação da história de Marvila e do contexto para este projeto e seguinte limpeza do espaço ocupado por construção irrelevante para esta proposta. Os edifícios que originalmente terminavam o quarteirão são demolidos juntamente com a construção expandida para além da terminação dos armazéns, no interior do quarteirão. O resultado é um palco de receção no gaveto do quarteirão que se estende para o interior do lote num percurso amplo a céu aberto, perpendicular aos armazéns. Esta solução resulta da leitura do planeamento urbano proposto por Renzo Piano que inclui no seu projeto uma via que, não fosse a existência de um cruzamento no meio, coincidiria perfeitamente com o corredor que origina a praça proposta. A continuidade visual criada entre os dois projetos enfatiza o potencial de ambos e relaciona-os. É desenhada e concebida como convite ao olhar do transeunte e à vivência do seu espaço.

Este será outro acesso às instalações do Centro de Artes.

0.3 CENTRO DE ARTES

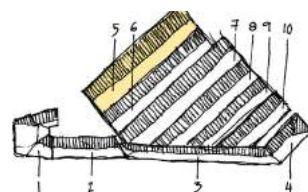
Finalmente chegamos ao último conjunto de núcleos que abrange os armazéns industriais no interior do quarteirão. Aqui serão desenvolvidas as actividades efectivamente práticas e educativas do centro artístico.

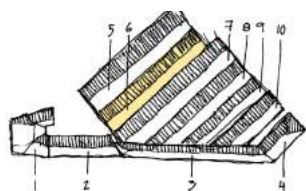
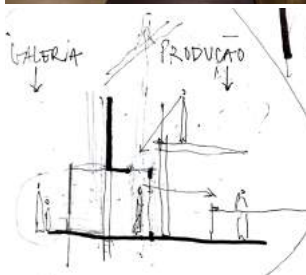
O núcleo é composto por seis armazéns e a cada um deles é atribuída uma área de expressão artística. O carácter estrutural dos armazéns é preservado e restaurado, e a cada um são adicionadas as infraestruturas apropriadas às condições necessárias para a prática das artes suportadas. Os elementos preservados são as coberturas de duas águas de estrutura de barrotes de madeira e tirantes metálicos, e algumas das paredes que serão assumidas no seu espectro cru.

O percurso de descrição da utilização de cada armazém seguirá a ordem do exterior para o interior do quarteirão (referente aos números 5 a 9). O primeiro armazém (5) tem aproximadamente 636m² de implantação.

A intervenção neste corpo preserva a estrutura de madeira envidraçada que comportava os antigos serviços administrativos do armazém e cancela o

128. Esquema representativo da organização do Centro de Artes





129. Referência Visual para o percurso do Armazém da Galeria.

Palazzo Zen

O-office Architects

130. Ilustração do corte do percurso do Armazém da Galeria.

131. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

piso criado outrora para ampliar o espaço e expor a estrutura da cobertura. Neste edifício terá lugar uma galeria de exposições e o espaço requer o máximo de versatilidade. Assim, não serão erguidas paredes ou estruturas que tomem rígida a sua leitura à exceção de dois módulos, um junto à entrada da galeria, no lado da praça e outro no lado oposto que servirá para as instalações sanitárias.

A estrutura original em madeira envidraçada será destinada à loja da galeria. Os materiais escolhidos na proposta fluem naturalmente com o aspeto industrial a preservar. A nível do pavimento é proposta a substituição do existente por outro em microcimento afagado. O seu aspeto bruto é continuado nas paredes do armazém cuja intervenção passa apenas por preservar a sua integridade estrutural e reparar falhas e danos causados, conservando a aparência atual. É assumida a natureza do edifício até à cobertura, sendo que esta será substituída por outra que responda às necessidades da reforma deste espaço. As aberturas dos vãos são mantidas e sendo apenas a caixilharia substituída por outra. Os vãos onde se inserem os portões de acesso a este armazém nos seus extremos opostos são substituídos por portas pivotantes em vidro, inseridas numa moldura de metálica, de novo um elemento construtivo presente na arquitetura industrial e aplicado num contexto contemporâneo.

O arco existente na parede, ao centro, serviu de charneira à criação de um percurso que funciona em paralelo à exposição da galeria, tendo como objetivo a aproximação do espectador à fase de produção de arte. São criados outros dois vãos nos dois lados do pré-existente permitindo mais pontos de contato com o armazém da escultura e pintura este percurso é envolvido por um perfil metálico, de cor preta assente no pavimento que separa visualmente as duas cotas de pavimentos. Na abertura dos vãos são colocadas estruturas metálicas afastadas da parede pré-existente, que permite uma continuidade da materialidade no percurso. A abertura do vão é controlada por um plano de vidro e outro de metal, possibilitando a sua abertura total (permitindo a passagem entre os dois armazéns), a colocação de uma barreira que permite a visibilidade do interior do armazém ou a opção opaca, plano metálico, que proporciona uma maior privacidade aos artistas.

O segundo armazém (6), tem como proposta a atividade de escultura, pintura e desenho com uma área aproximada de 579m². O piso térreo dedica-se à escultura, onde suporta quatro bancadas de trabalho, variáveis em número e morfologia já que podem ser desagregadas e dispostas em várias configurações consoante a necessidade dos alunos. A amplitude do espaço é pontuada por três módulos de linguagem semelhante que servem de referência espacial e sinalizam os acessos verticais, instalações sanitárias,

lavatórios de apoio e módulos de arrumação individuais.

Na água da cobertura voltada a Nordeste os painéis atuais são substituídos pontualmente por entradas de luz natural, que iluminarão naturalmente o armazém. Isto é possível dado o intervalo entre a laje do piso superior e as paredes laterais do armazém, em seis zonas. O objetivo é o de permitir a naturalidade da luz ambiente moldar os objetos modelo, sejam eles humanos ou não. No entanto esta fonte luminosa é mais volátil e inconstante e será complementada com luz artificial ajustável.

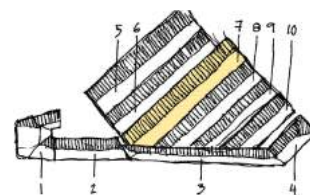
A estrutura central deste armazém, e dos restantes é composta por perfis metálicos HEB de 180mm, esta materialidade em contato com as restantes evocam a memória industrial da Fábrica José Domingos Barreiro. O pé direito útil de cada piso desta estrutura é diferente nos dois, sendo o primeiro com 3 metros e outro 2,20m (até às asnas do piso superior).

Nos extremos e centro são criadas comunicações horizontais com o terceiro armazém (7). Nos seus cerca de 704m² estão alocadas as áreas de música e fotografia em dois módulos simétricos cuja continuidade é rompida perpendicularmente ao sentido longitudinal do armazém pelo prolongamento do acesso central do edifício anterior e sua continuação para o seguinte. Ocupando quase todo o comprimento da construção em que se insere, a nova proposta desenhada prolonga-se em altura até à cobertura e intersecta-a. A justificação é a criação de um segundo piso cuja ocupação será aprofundada de seguida.

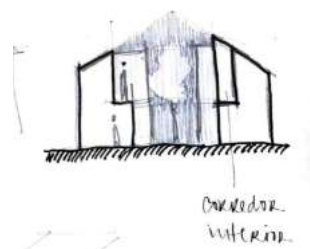
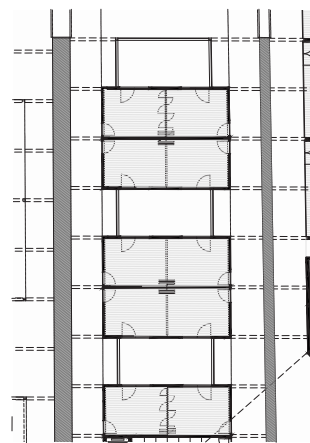
Ao nível do piso térreo estão os estúdios de gravação musical. São no total cinco as salas individuais com possibilidade de serem divididas ao meio que estão devidamente equipadas e acusticamente preparadas para um ambiente silencioso e propício à criação de música. Na eventualidade de os estúdios serem divididos, o acesso pode ser feito de lados opostos pelos corredores paralelos que se desenvolvem junto às paredes originais do armazém.

As necessidades deste espaço não exigem a existência de luz natural, mas tratando-se de um ambiente criativo é dada prioridade à concepção de três espaços exteriores que surgem entre estúdios, acessíveis e reservados aos utilizadores dos estúdios adjacentes.

Tratam-se de pequenos pátios que se formam entre as quatro faces envidraçadas e comunica diretamente com o céu, rompe a solidez da construção com a leveza da sua intenção de iluminar o espaço interior e o processo criativo.



132. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

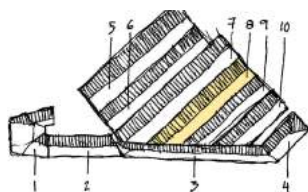


133. Referência Visual para os pátios
Centro médico em Moscovo.

WE architecture e CREO ARKITEKTER

134. Planta piso 0, armazém 7

135. Esquema representativo do pátio



136. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

137. Esquema representativo da organização do Centro de Artes

Nos extremos opostos do armazém há novamente, como no anterior, módulos de arrumação e os acessos verticais que dão acesso aos estúdios de fotografia. A morfologia do piso de baixo é replicada em cima. Os acessos longitudinais de acesso aos estúdios são feitos no interior da construção proposta. Acontecem pelo interior de forma a preservar o minimalismo do espaço e da intervenção, reduzir o ruído visual e no geral garantir que ao percorrer os corredores, os estúdios não sejam perturbados. Esta área é composta por dois estúdios com 50m², ambos com arrumação interna, uma sala de multimídia de apoio aos estúdios e um laboratório de fotografia para as revelações. Cada estúdio e sala têm acesso direto a um espaço exterior que se debruça sob o pátio, permitindo que este piso também usufrua deste espaço.

O quarto armazém (8) de 584m² é dedicado às artes performativas como a dança e o teatro. A necessidade de espaço requerida para qualquer uma destas artes exige o mínimo de divisão do espaço possível ao mesmo tempo que o torna acessível ao maior número de grupos individuais, sem comprometer a atividade. São propostas quatro salas individuais com uma área de aproximadamente 60 m² cada uma. No extremo Sul deste armazém existem também banheiros equipados com cabines de duche e cacifos para usufruto dos alunos.

A cobertura do armazém é rompida verticalmente ao longo dos estúdios junto à parede pré-existente, onde é possibilitada a iluminação e ventilação natural individualmente dos espaços, através da parede envidraçada que permite a continuidade deste espaço exterior para o interior dos estúdios.

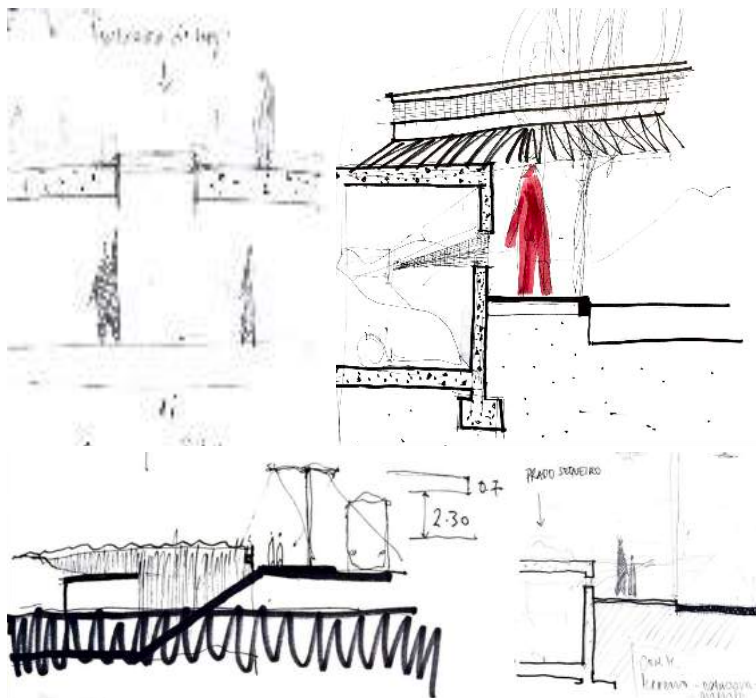
Por último, o quinto armazém (9), é referente aos espaços de workshops e apoio ao funcionamento do Centro de Artes, com uma área de 364m², composto por quatro módulos multifuncionais e seguindo a lógica do terceiro armazém entre cada dois módulos há um pátio que à semelhança do outro exemplo também tem um caráter funcional e gerador de vivências no seu interior. Estes módulos também eles centrados, mas de baixo perfil, para que causassem um mínimo impacto possível e este simplificasse o espaço. A norte encontra-se um espaço de recepção de apoio aos workshops. Por este também funcionar independentemente do Centro de Artes, nesse mesmo espaço, está um módulo que serve de apoio ao auditório e que permite a entrada para este através do armazém. Desta maneira, quem se encontra no interior do Centro de Artes, não precisa de sair do seu interior para entrar no auditório; ainda que funcione independentemente, este serve de espaço extensivo ao centro.

Após a proposta do centro de artes e em resposta à consequente frequên-

cia de utilizadores não só diretamente ligados a este espaço mas aos que dele derivam, é criado um parque de estacionamento.

A intenção funcional deste elemento urbano não compromete no entanto a experiência do espaço- a área alcatroada e útil do estacionamento tira proveito do desnível de cotas entre a rua Vale Formoso e a Zófimo Pedroso e desenvolve-se de forma parcialmente enterrada, permitindo desta forma que a totalidade da sua área seja percorrível. A malha urbana não é tingida pelo preto do alcatrão, mantendo-se convidativa aos seus transeuntes pedestres que continuam a poder usufruir da cobertura em prado sequeiro.

A entrada para o estacionamento é feita pela Rua Vale Formoso de Cima, e



138. Referência Visual para o parque de estacionamento.

Parque de Estacionamento da Praça D. Diogo de Menezes.

Miguel Arruda Arquitectos Associados

139. Ilustração do corte do parque de estacionamento

140. Ilustração da relação interior-exterior

141. Ilustração da relação parque-rua

142. Ilustração do corte da Avenida Infante Dom Henrique

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lisboa é uma cidade riquíssima histórica e culturalmente, que apresenta de forma assumida as marcas do tempo e as correntes arquitectónicas na sua construção, nas várias camadas de edifícios adicionados com o passar dos anos.

O seu crescimento exponencial trouxe milhares de pessoas à cidade, e quando esta atingiu a sua lotação ou os seus preços se tornaram impeditivos à contínua permanência, viu os seus limites expandirem-se e outras áreas de Lisboa ganhar destaque.

A passagem do tempo e a evolução social que moveram pessoas e costumes, mudaram realidades, deixaram casas vazias e infraestruturas desatualizadas e descontextualizadas da sociedade em constante progresso, eventualmente também as deixaram ao abandono.

Ainda nos dias de hoje são visíveis áreas fragmentadas afectadas por estes eventos. O problema é real, o impacto na cidade também. A área dedicada a construções devolutas é extensa e esta proposta vê-a como terreno fértil para a plantação de novas e contemporâneas formas de viver os espaços e servir as necessidades dos tempos modernos, e neste caso de estudo que incide especificamente na arquitetura industrial, de que forma isso pode ser feito?

O título deste trabalho - (DES)FRAGMENTO INDUSTRIAL - surge na intenção de restabelecer a ligação entre as duas centralidades da cidade de Lisboa (centralidade histórica e moderna) que se encontra, nos dias de hoje, fragmentada pelo vasto património industrial devoluto aqui existente. O tema em que se insere este trabalho tem como premissa o desfragmento (agregação, anulação do fragmento) do percurso do Caminho do Oriente através da reabilitação do património industrial, neste caso específico a Fábrica José Domingos Barreiro na freguesia de Marvila.

Este é um trabalho que incide num ponto específico de uma freguesia afectada e lhe atribui valor cultural. A cultura pode ser vista como o fertilizante da sociedade que faz proliferar a relação entre pessoas criando um foco gerador de interesses comuns.

Por meio da arte e do seu ensino, o Centro de Artes propõe esta revitalização em Marvila e cria um novo espaço que dinamiza e atrai a população mais nova ao mesmo tempo que cria um elo de ligação à geração antiga que permanece e caracteriza a zona.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, José; **PAVA**, José Vasconcelos; **PINHO**, Ana (1992). Guia técnico de reabilitação habitacional. Volume I e II. Lisboa LNEC/INH;

ARAÚJO, Norberto de, "José Domingos Barreiro", Peregrinação em Lisboa, Livro XV, 2ª Edição (1993);

CAEIRO, M.J. (2007), Lisboa capital do nada – Marvila, 2001- criar, debater, intervir no espaço público, Almedina, ISBN: 9789729565649

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA; Plano Director Municipal. Regulamento; CML, Departamento Planeamento e Reabilitação Urbana, Divisão de Planeamento Territorial; Lisboa, 2012;

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA; Estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa – 2011/2024; CML, Departamento Planeamento e Reabilitação Urbana, Divisão de Planeamento Territorial; Lisboa, 2011;

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. Pelas Freguesias de Lisboa: São João, Beato, Marvila, Santa Maria dos Olivais. Lisboa;

CHOAY, Françoise. Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2017.

CONSIGLIERI, Carlos; **ABEL**, Marília (2004). O Formoso sítio de Marvila, Lisboa, Junta de Freguesia;

COUTO, Joaquim; **MELO**, Conceição; **MOREIRA**, Álvaro; **GRANDE**, Nuno; **SIZA VIEIRA**, Álvaro, **SOUTO DE MOURA**, Eduardo; Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso. Museu Municipal Abade Pedrosa – Projeto e obra; Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, 2016;

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2017;

FOLGADO, Deolinda. Custódio, Jorge Caminho do Oriente – Guia do Património Industrial. Lisboa. Livros Horizonte, 1998

GRAÇA, Carrilho da. Carrilho da Graça: Lisboa. Lisboa: Dafne Editora, 2016.

GRACIA, Francisco de (2001). Construir em lo construído. Hondarribia: Ne-rea.

LISBOA, Um passeio a Oriente, edição da Parque e do Metropolitano de Lisboa (1994);

MATOS, José Sarmiento de; **PAULO**, Jorge Ferreira. Caminho do Oriente: Guia Histórico I. Lisboa: Livros Horizonte, 1999;

MATOS, José Sarmiento de; **PAULO**, Jorge Ferreira (1999), Caminho do Oriente, Guia Histórico II. Livros Horizonte, Lisboa;

MOITA, Irisalva. O Livro de Lisboa, Livros Horizonte ;

NUNES, J. e Á. Sequeira; O Fado de Marvila. Notas sobre a origem citadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa; em Forum Sociológico (online), 2011;

PEREIRA, Nuno Teotónio, e **BUARQUE**, Irene, Prédios e Vilas de Lisboa, Lisboa, Livros Horizonte, (1995);

PORTAS, N. (1983). Conservar renovando ou recuperar revitalizando. Coimbra;

RIBEIRO, João Mendes. João Mendes Ribeiro / 2003-2016. Lisboa: Uzina Books, 2016.

SALGUEIRO, Teresa Barata. A Cidade em Portugal: Uma Geografia Urbana, Porto, Edições Afrontamento;

SILVA, Armando Jorge (1990). Arqueologia e Património industrial. Em Primeiro encontro nacional sobre o património industrial – volume II. S.L: Coimbra Editora limitada.

ARTIGOS

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=4967

<http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/>

<https://www.revarqa.com/content/1/159/departamento-arquitectura-artes-visuais-antiga-fabrica-dos-leoes-univ-evora/>

THE INTERNACIONAL COMITEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE

<http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>

[https:// paginas.fe.up.pt/construcao2004/c2004/docs/ SAT_02_carta%20atenas.pdf](https://paginas.fe.up.pt/construcao2004/c2004/docs/SAT_02_carta%20atenas.pdf)

http://rr.sapo.pt/especial/48500/marvila_o_lado_invisivel_de_lisboa

<http://www.londonsroyaldocks.com/londons-royal-docks-history/>

PROVAS ACADÉMICAS

SANTOS, António Maria dos Anjos, (1996). Para o estudo da Arquitectura Industrial na região de Lisboa (1846-1918). Dissertação de Mestrado em história da Arte Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: Texto policopiado.

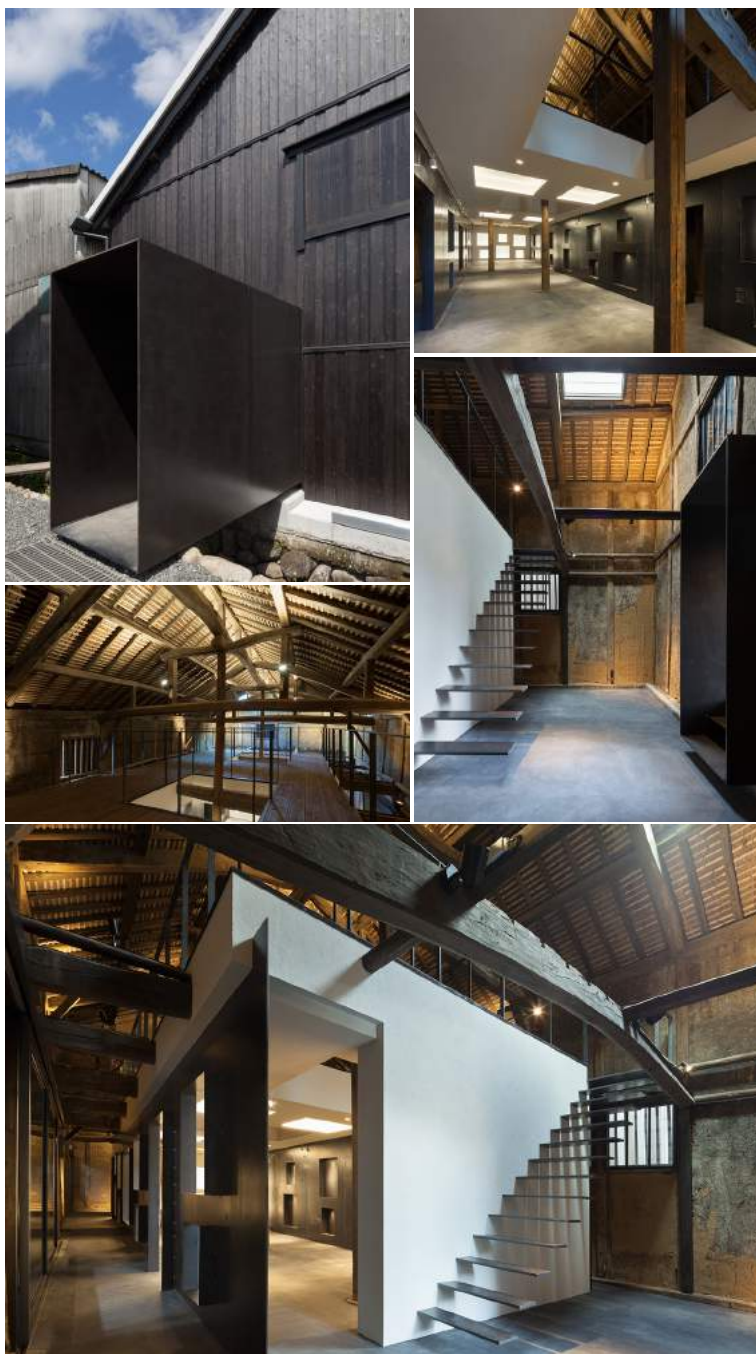
SILVA, C.P.C. (2007). Reabilitação do património industrial- seu valor e critérios de análise para propostas de intervenção. Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura – Cultura arquitetónica Contemporânea. Lisboa: ISCTE

SILVA, Miguel Ângelo Soares Pinto da, (2003). *Património industrial em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Reabilitação Arquitectónica. Universidade Lusitana. Lisboa: Texto policopiado

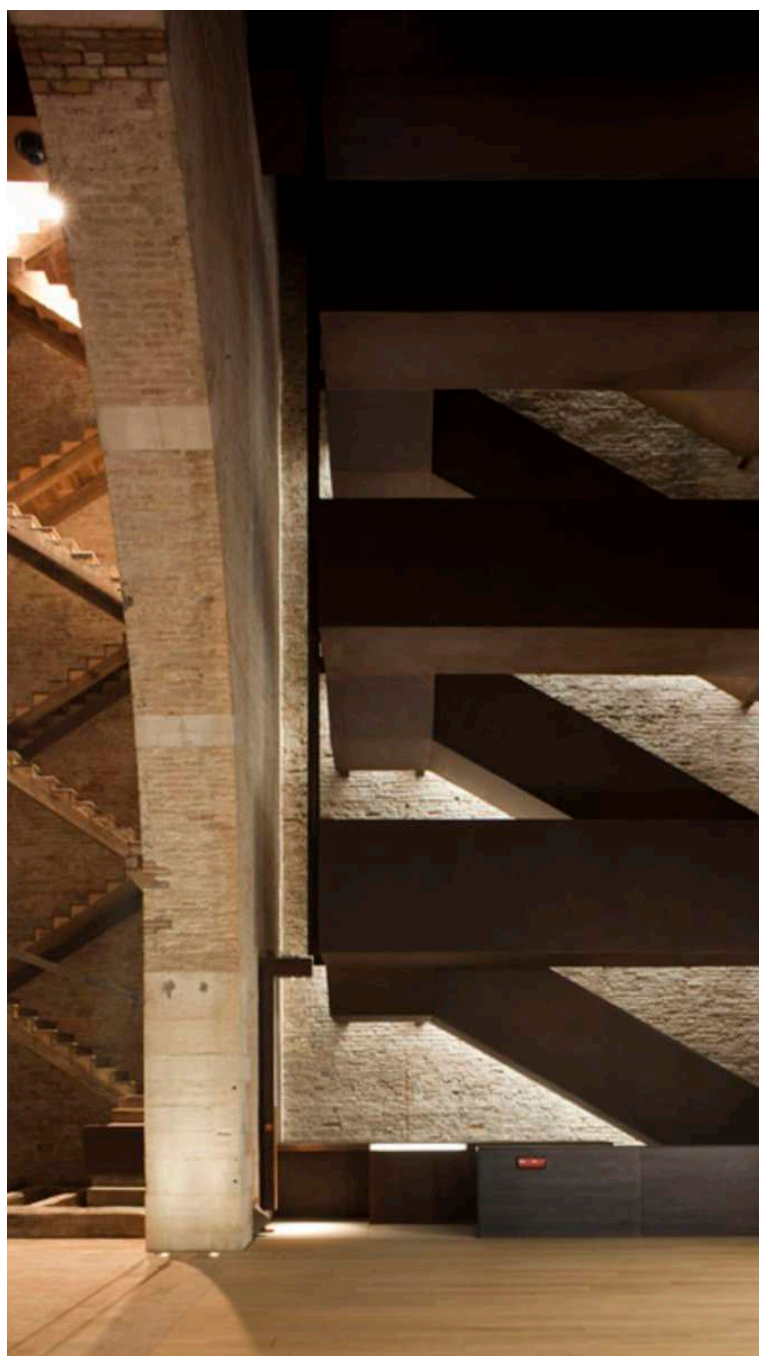
Silva, Maria Margaria de Almeida Reis e. *Pátios e Vilas da zona Ribeirinha Oriental: materialidade, memória e recuperação urbana*. Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História Moderna e Contemporânea na especialidade de Cidades e Património 2013. Lisboa: ISCTE

ANEXOS

I REFERÊNCIAS VISUAIS



FÁBRICA DE SAQUÊ FUKUCHIYO
YHA ARCHITECTS
JAPÃO, 2014



PROGETTO DI RECUPERO DELLA TORRE DI
PORTA NUOVA ALL'ARSENALE DI VENEZIA

MAP STUDIO

VENEZIA, 2011



REFORMA Y REHABILITACIÓN DE LA ANTIGUA
FÁBRICA CAN MIGUELL
TONI GIRONÉS
ESPANHA, 2010



BURGO TOWER
EDUARDO SOUTO DE MOURA
PORTO, PORTUGAL, 2007



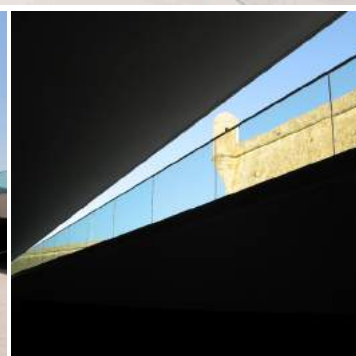
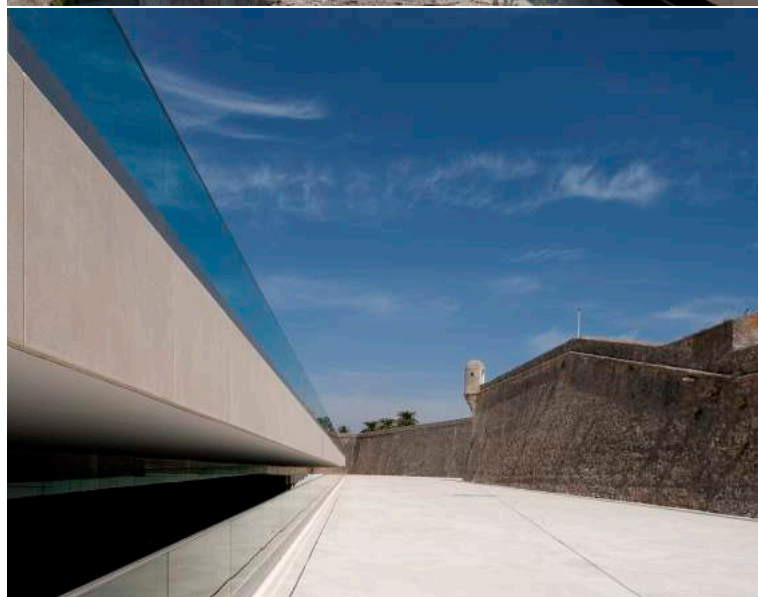
GALERIA POD
 STONEWOOD DESIGN
 REINO UNIDO, 2015



PALAZZO ZEN
O-OFFICE ARCHITECTS
VENEZA, 2014

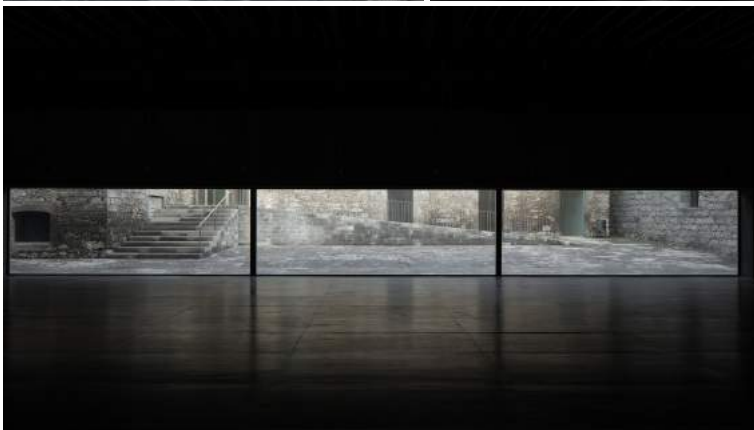


MUSEU DAMIÃO DE GÓIS E AS VITIMAS DA
INQUISIÇÃO
SPACEWORKERS
ALENQUER, PORTUGAL., 2017



ARRANJOS DE SUPERFÍCIE DO PARQUE DE
ESTACIONAMENTO DA PRAÇA D. DIOGO DE
MENEZES

MIGUEL ARRUDA ARQUITECTOS ASSOCIADOS
CASCAIS, PORTUGAL



ARQUIPÉLAGO - CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS

MENOS É MAIS ARQUITECTOS + JOÃO MENDES RIBEIRO

RIBEIRA GRANDE, PORTUGAL, 2014



ESPAÇO DE ARTE CONTEMPORÂNEA NO ANTI-
GO CONVENTO DA MADRE DE DIOS
SOL89
ESPANHIA, 2014



CARLES TACHÉ ART GALLERY
JORGE VIDAL
ESPAÑA, 2016

GARAGE FILMS - PRODUTORA DE FILMES DE
PUBLICIDADE
INÉS LOBO
LISBOA, 2005





ICT-VR INTERNATIONAL CENTRE FOR VIRTUAL
REALITY
EDUARDO SOUTO DE MOURA, GRAÇA CORREIA
PORTALEGRE, PORTUGAL, 2007



BOMONTI BREWERY
HAN TÜMERTEKİN
İSTAMBUL, 2013



18 PROTECTED HOUSING UNITS
GARCÍA TORRENTE ARQUITECTOS
ESPANHA, 2013



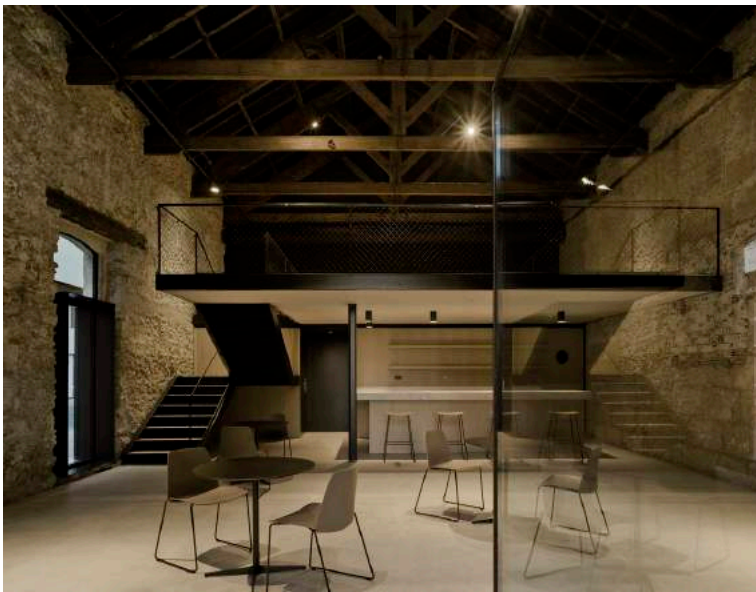
GALERIA Z
O-OFFICE ARCHITECTS
CHINA, 2014



REHABILITATION OF THE OLD RAILWAY STA-
TION OF BURGOS
CONTELL-MARTÍNEZ ARQUITECTOS
ESPAÑA, 2016



CENTRO INTERPRETAÇÃO DO ROMÂNICO
 SPACEWORKERS
 PAREDES, PORTUGAL, 2012



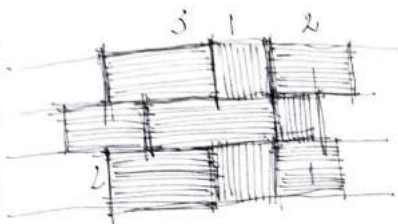
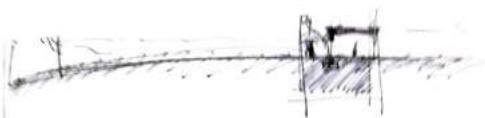
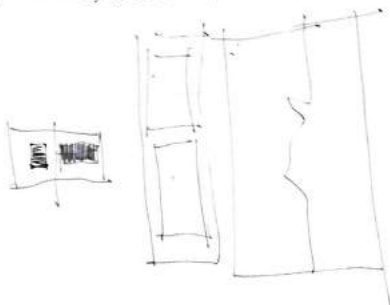
Virgen del Carmen Bar
Estudio Am Arquitectos
Espanha

1. *habitat*



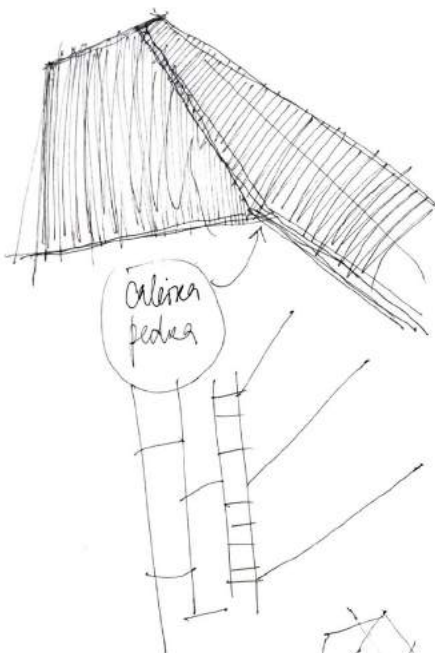
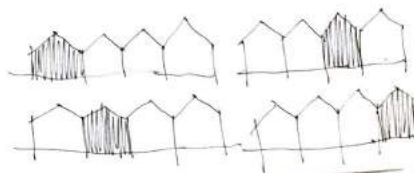
2/3 alxdg

1. existe construtorio

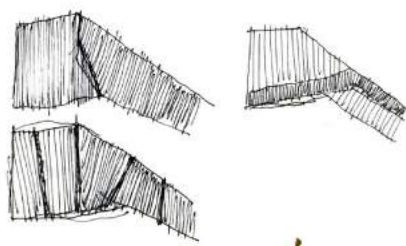
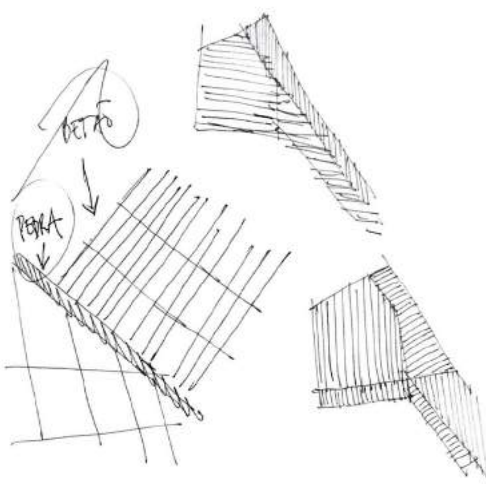


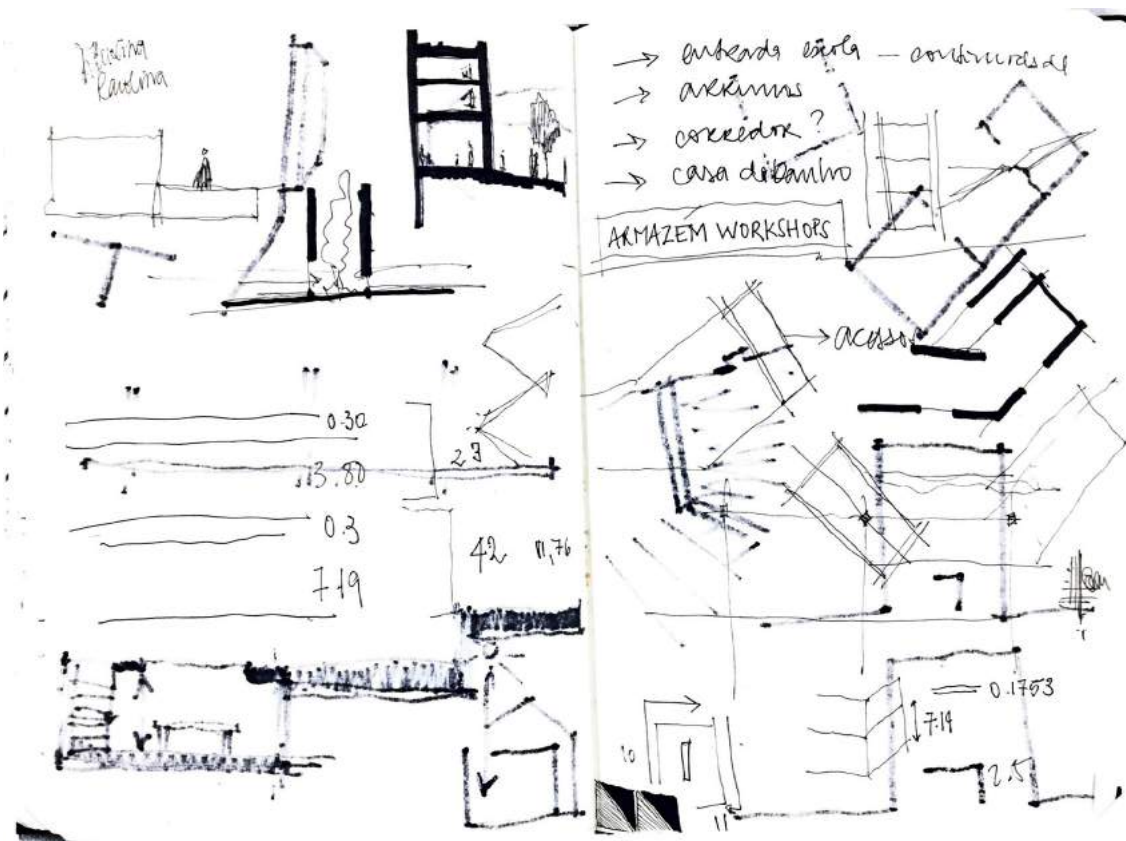
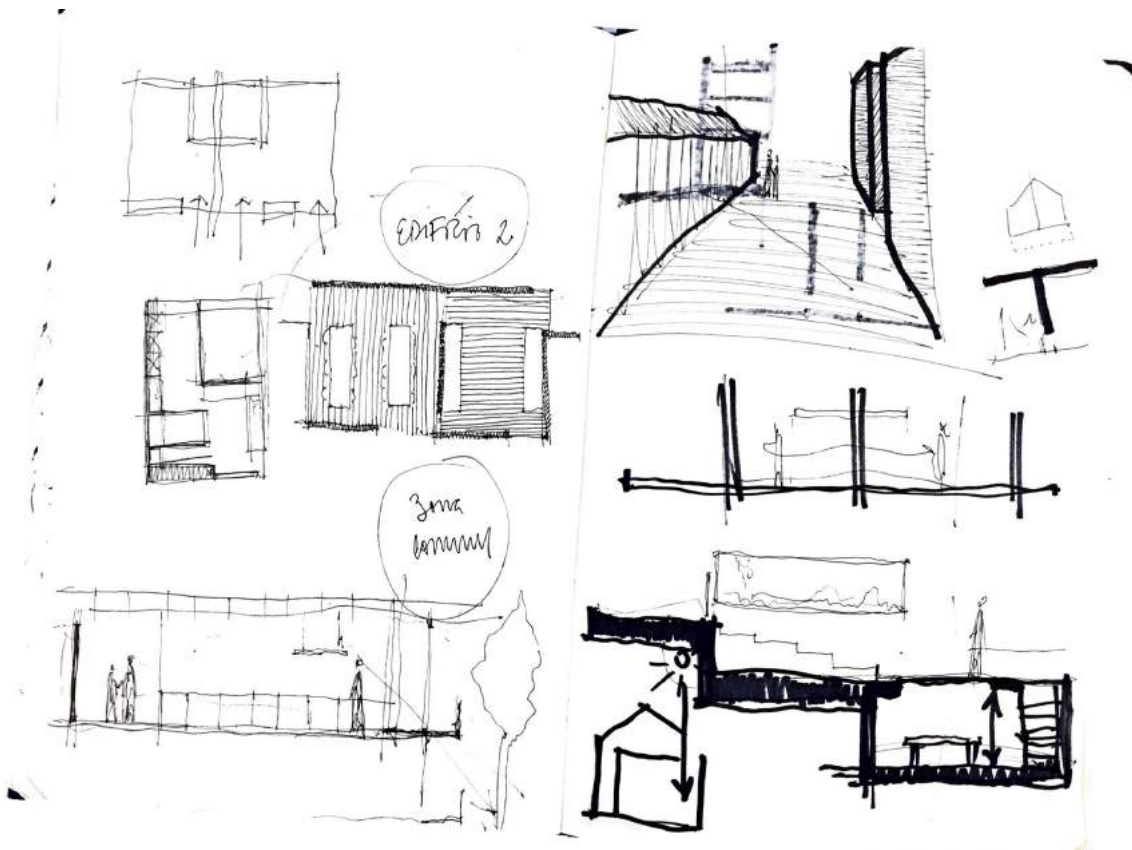
CAPITULO

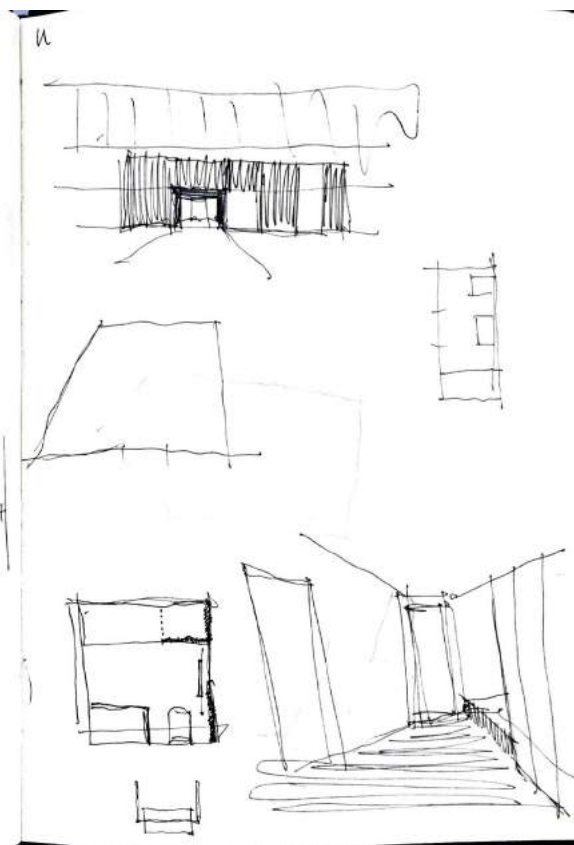
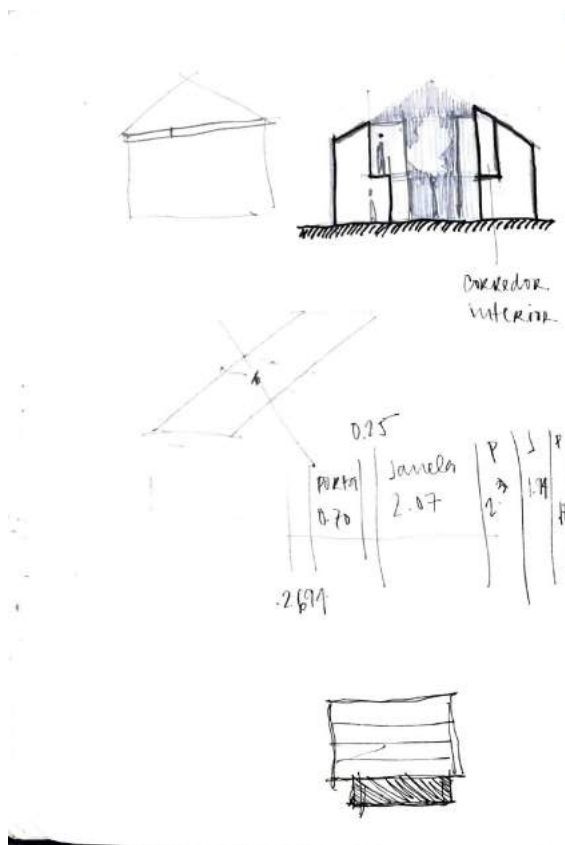
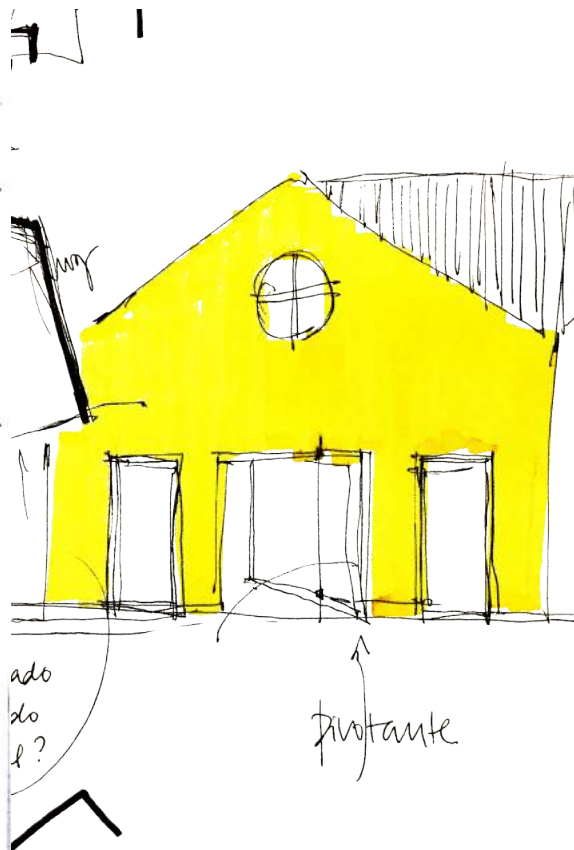
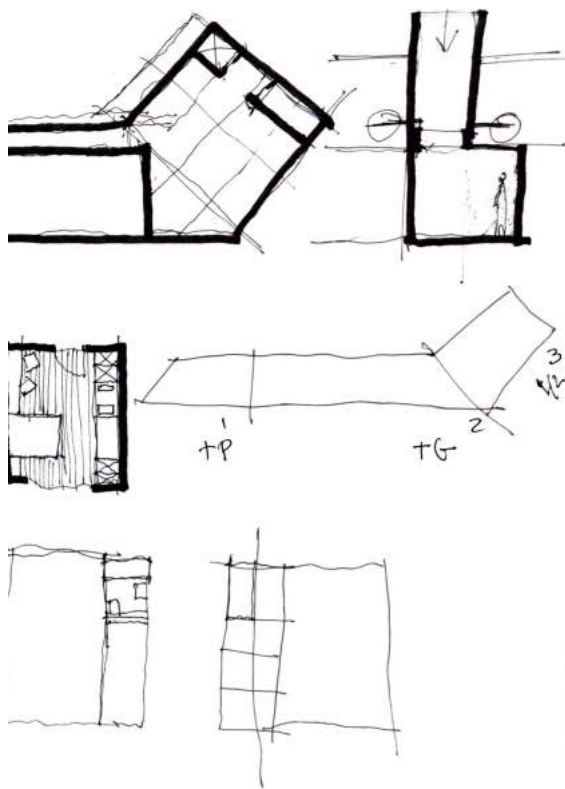
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

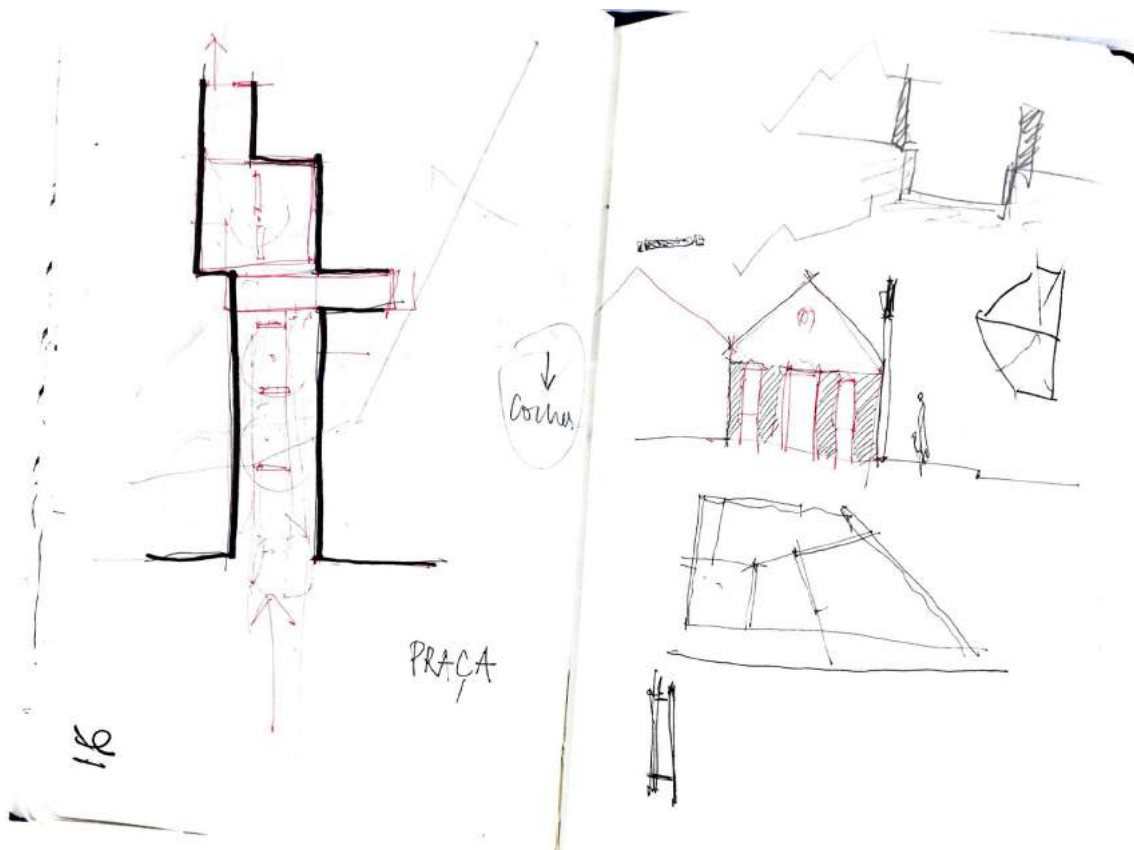


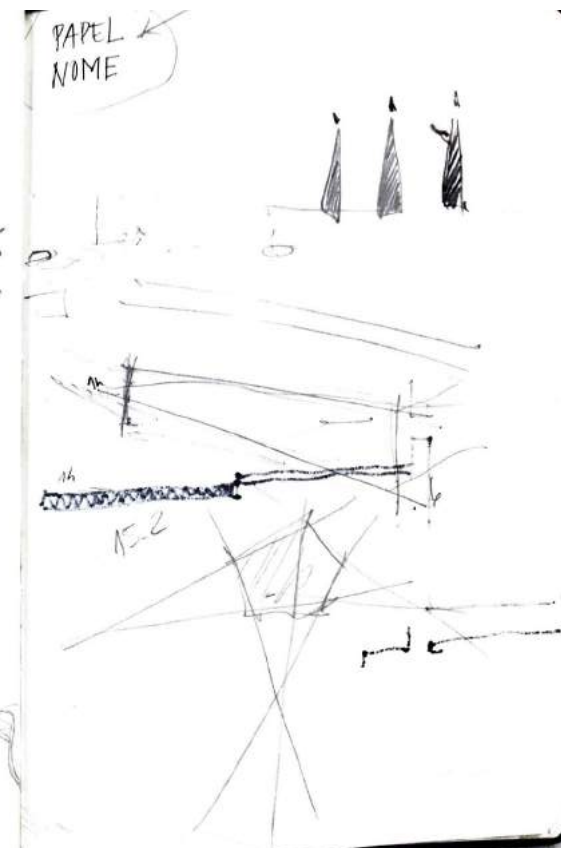
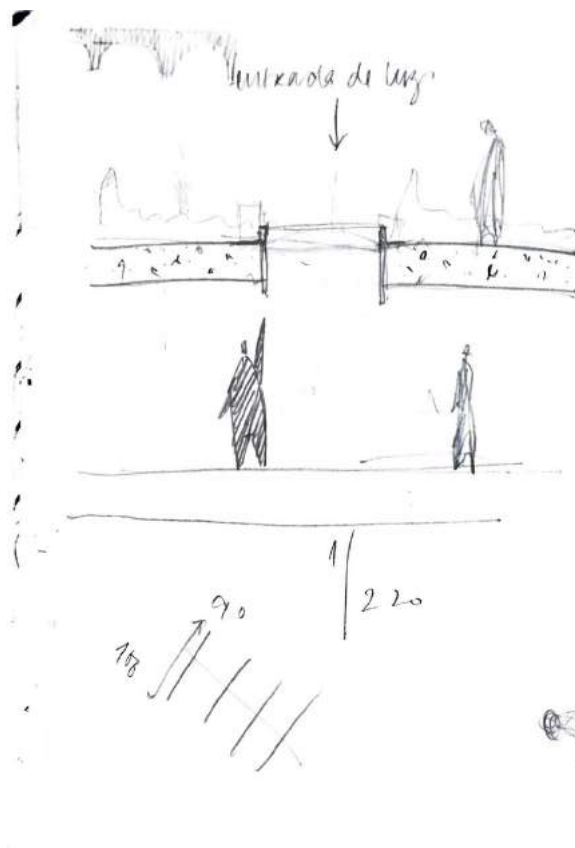
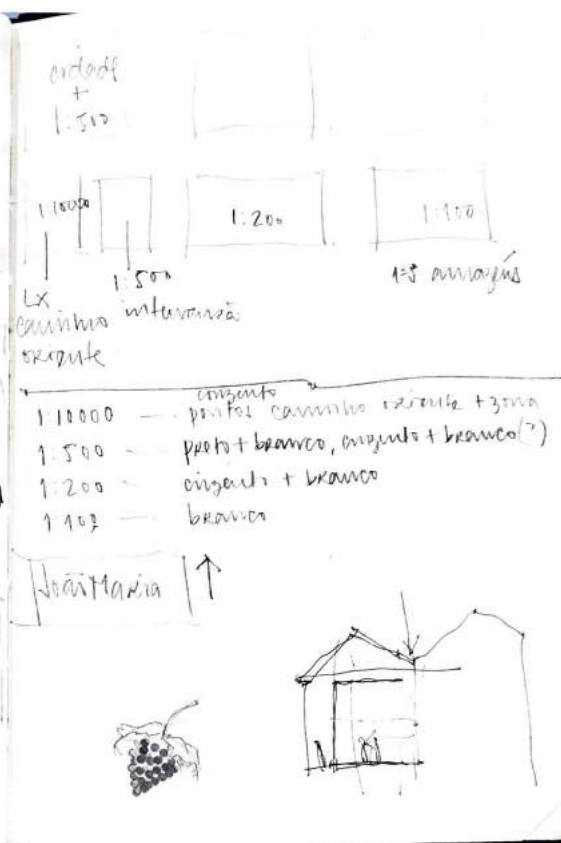
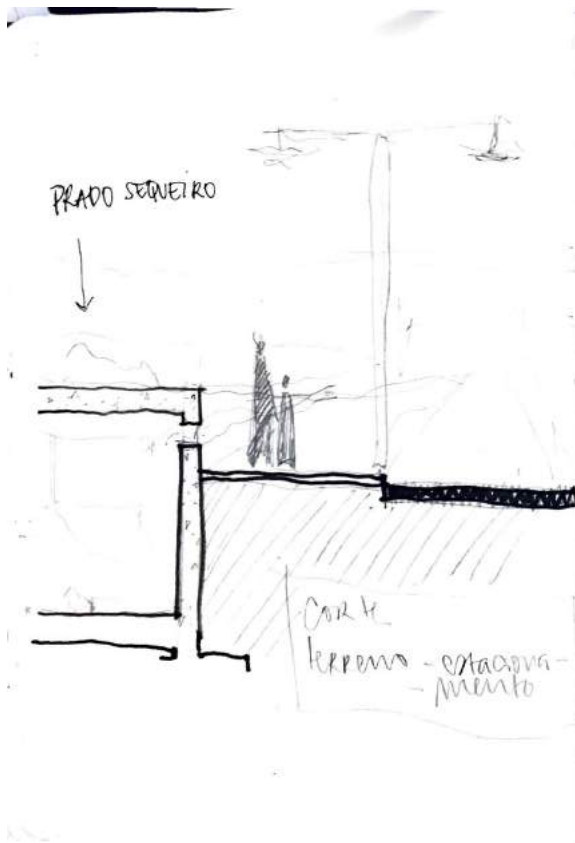
Calixta
pedra

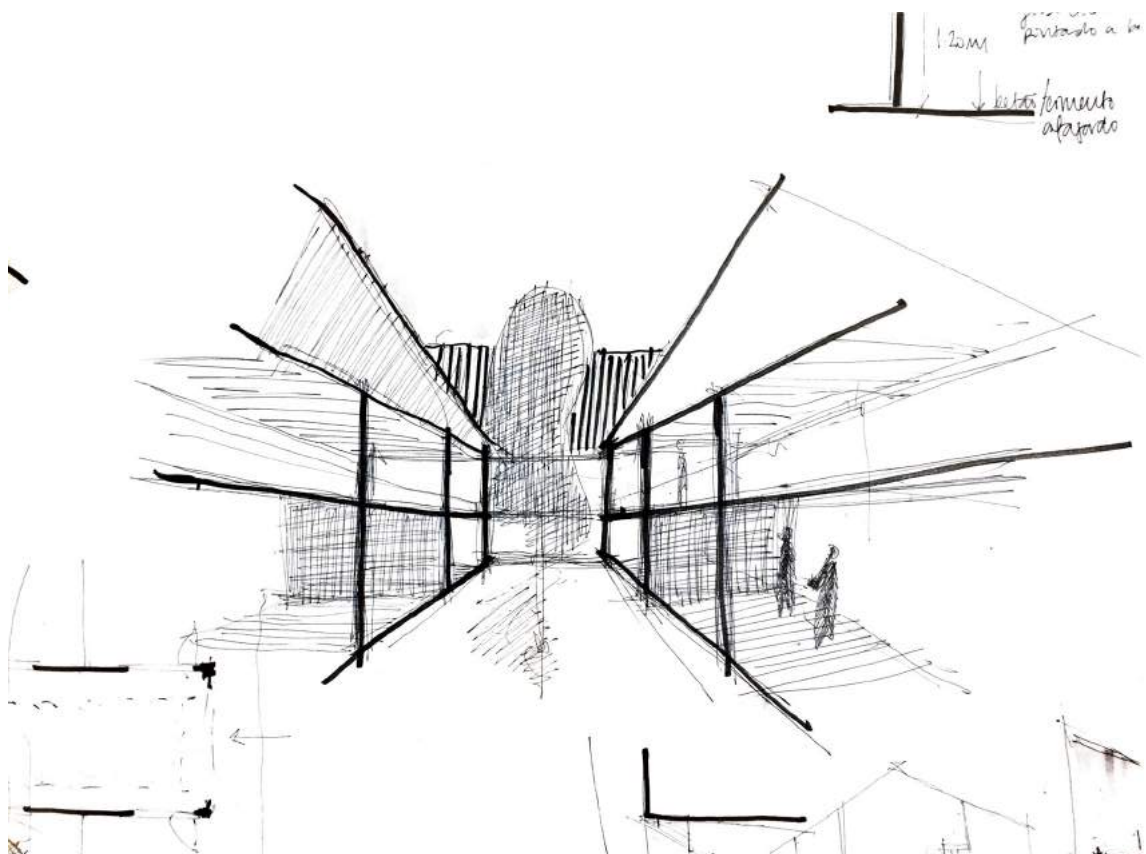
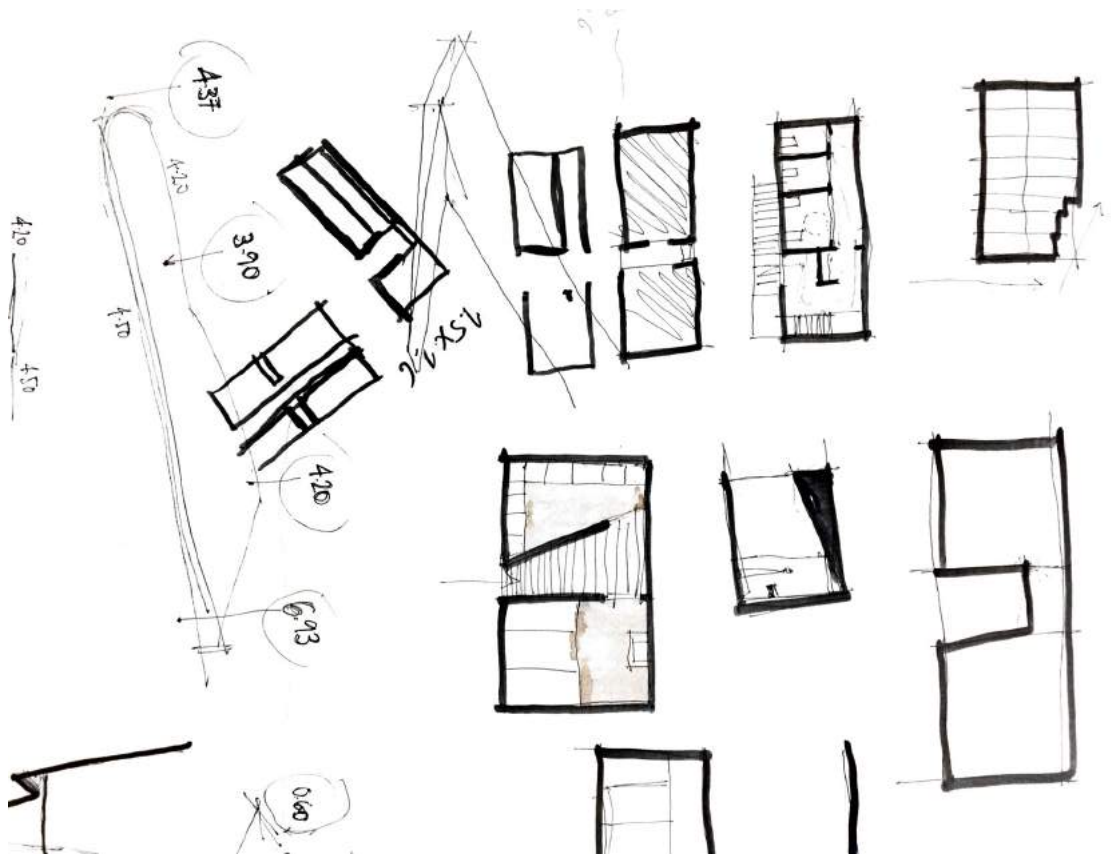


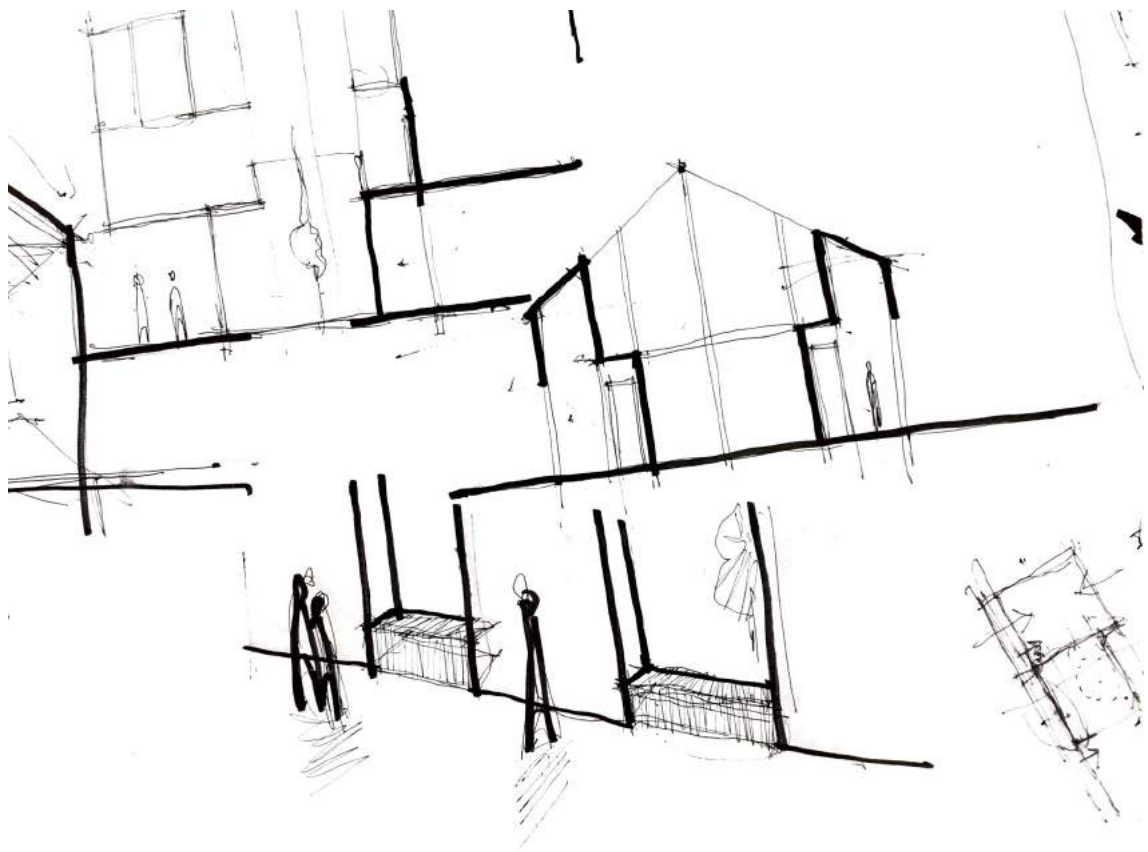
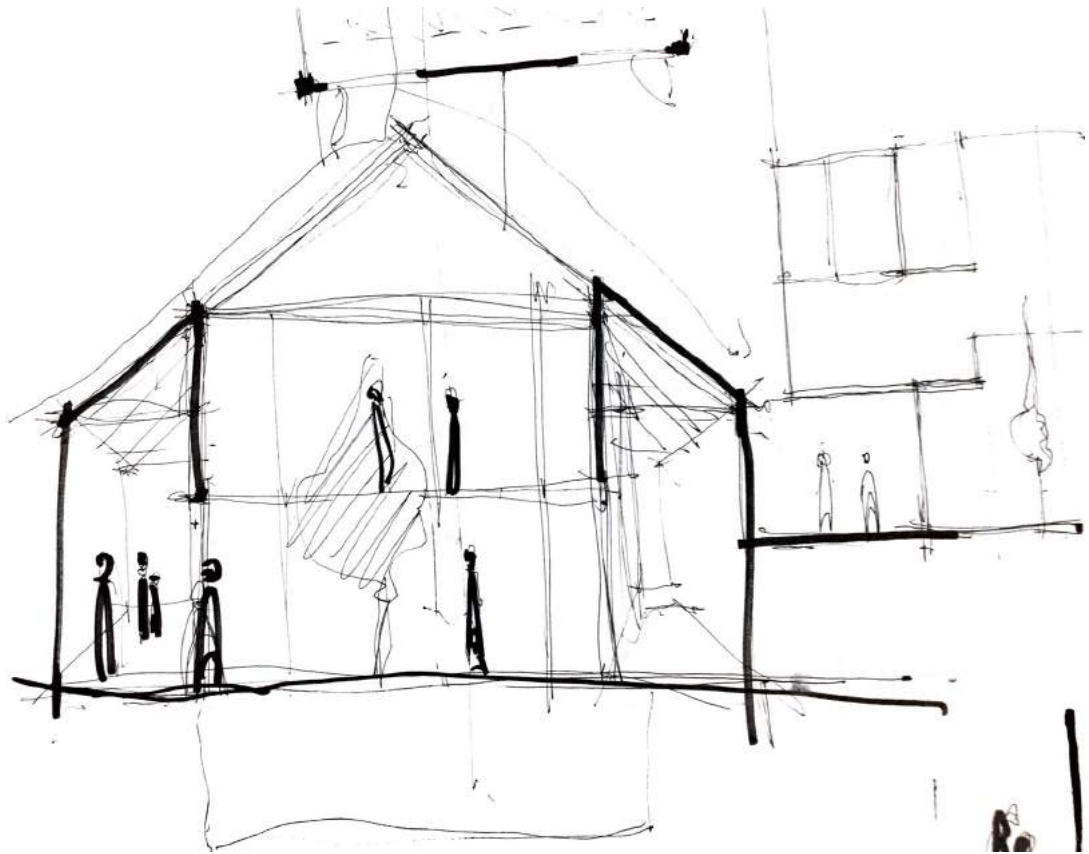


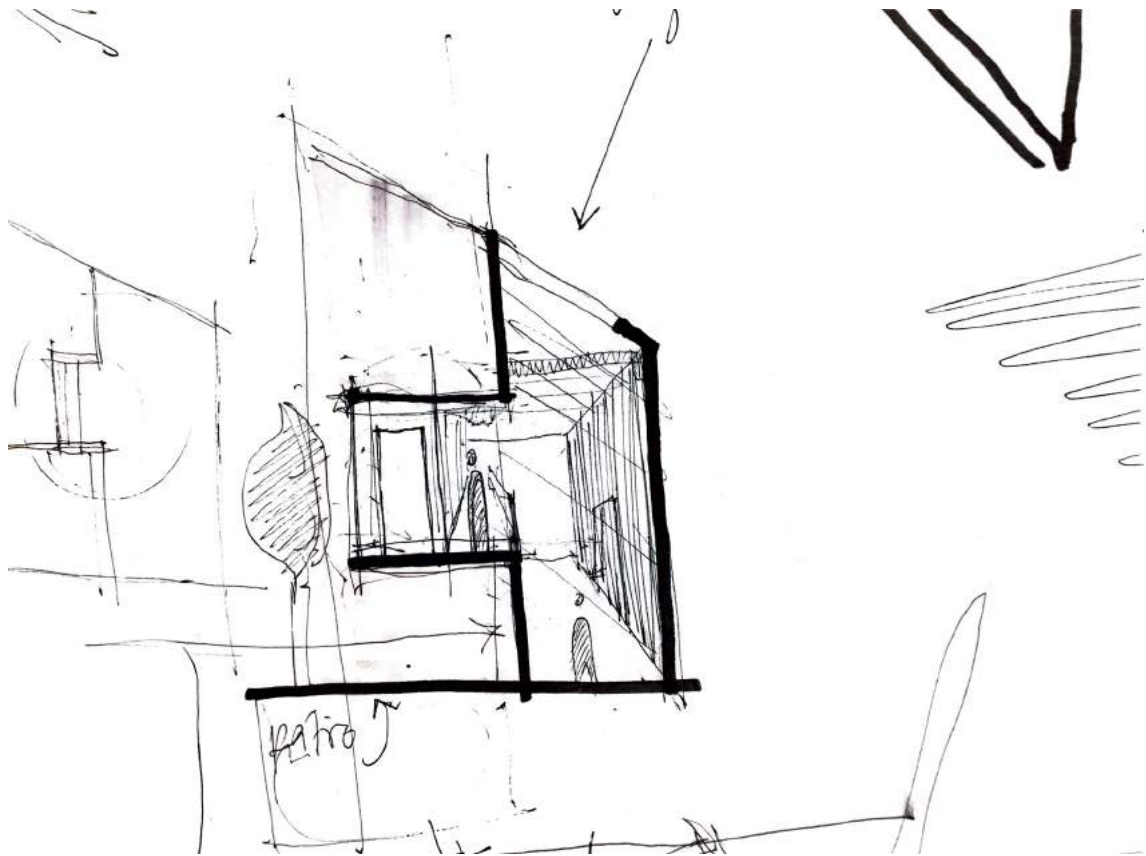




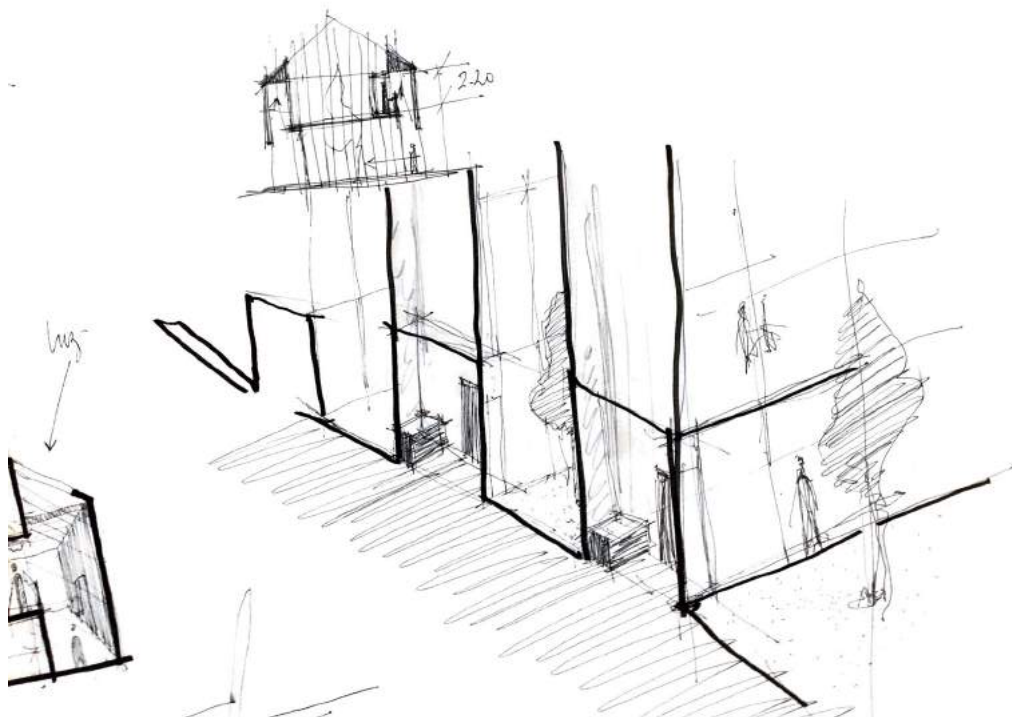


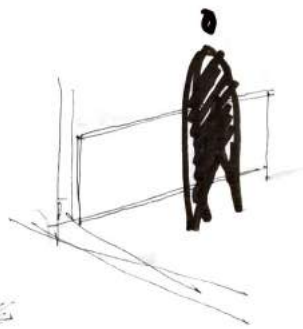
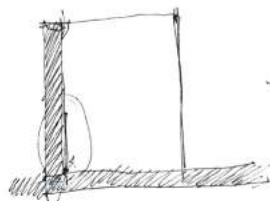
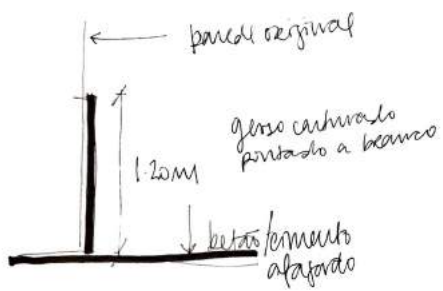
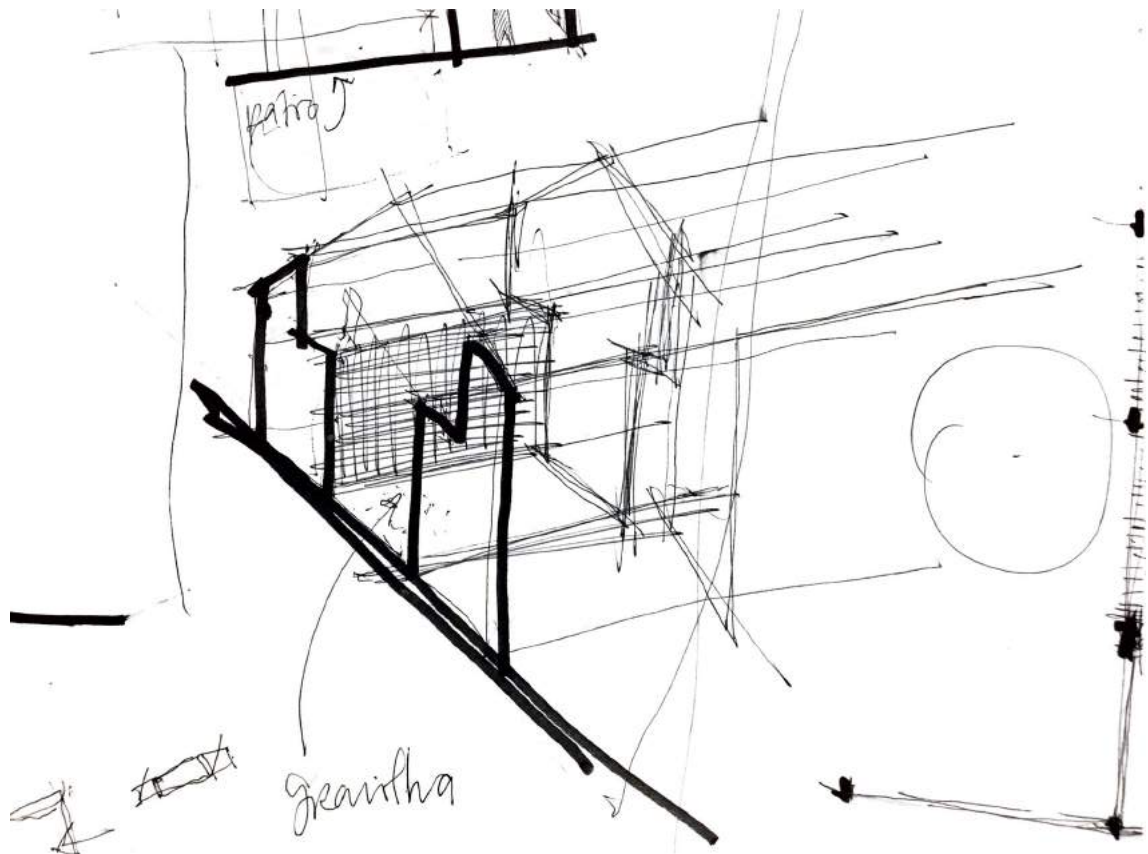




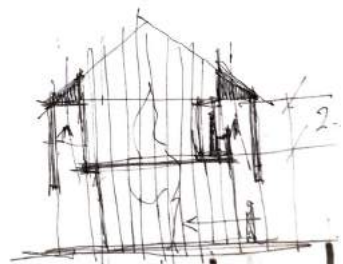
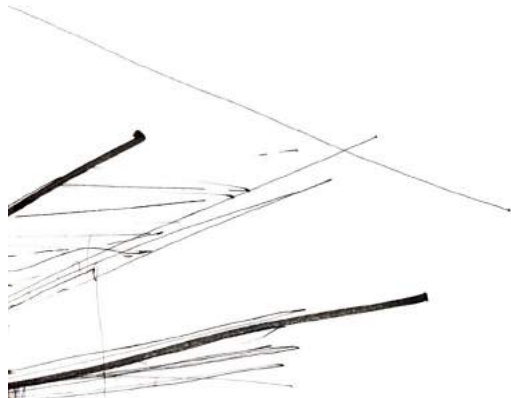


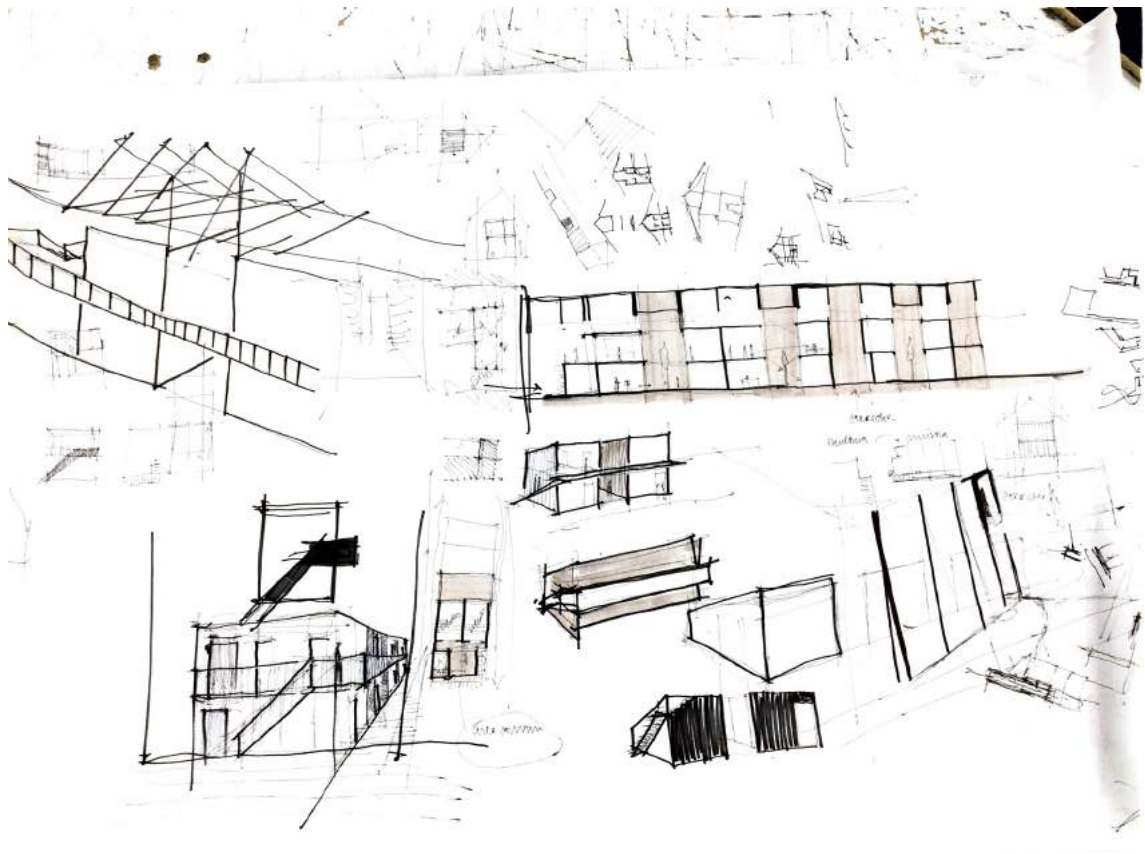
↓ nova parede a permitir
a free-rotation



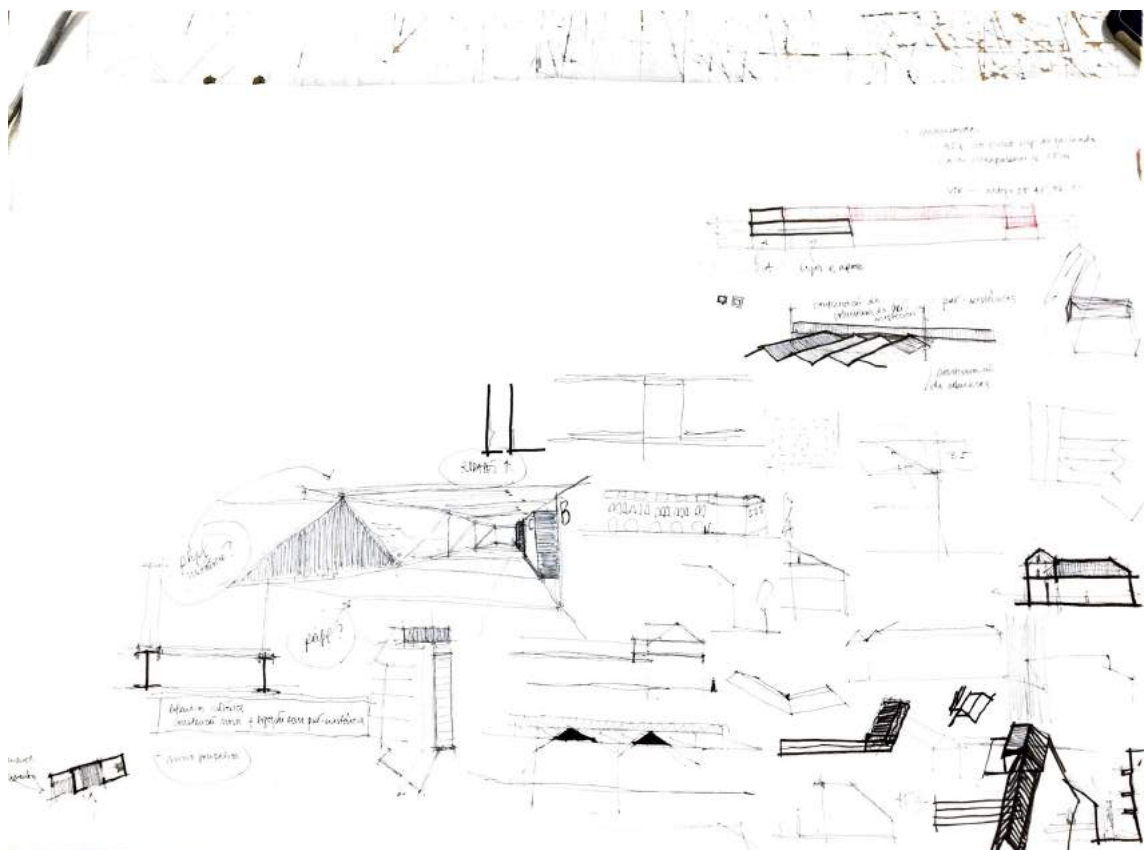
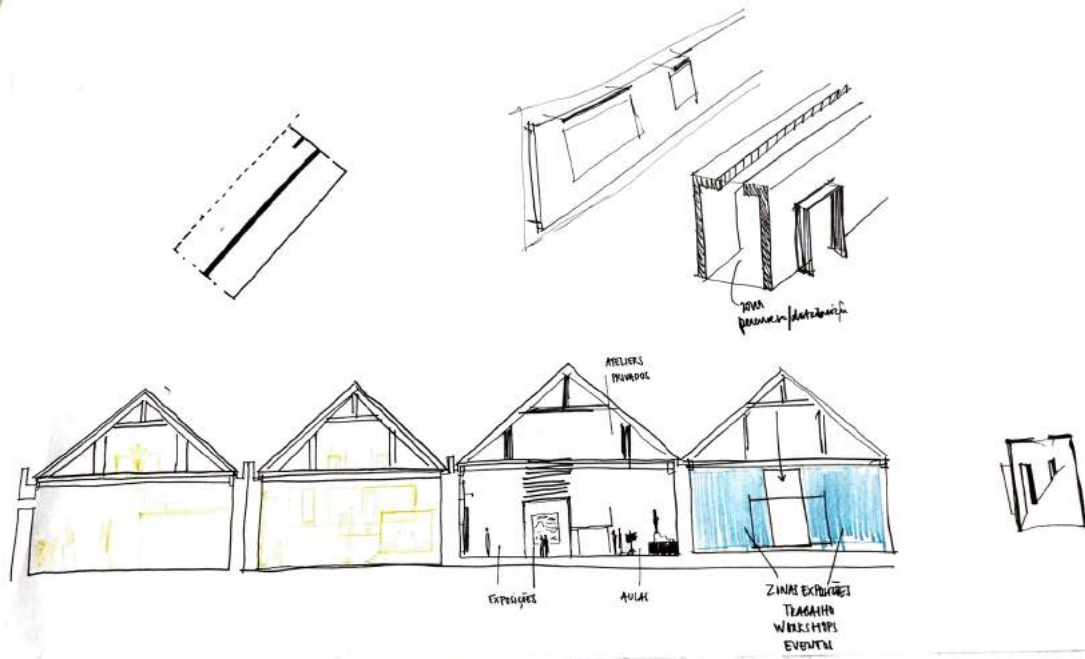


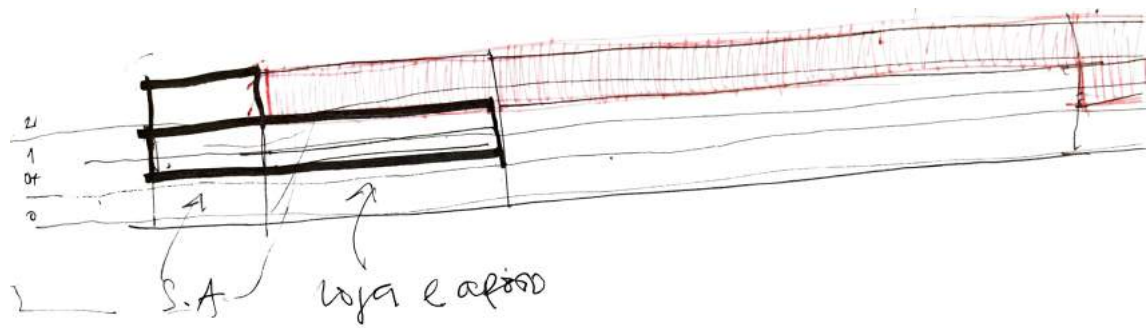
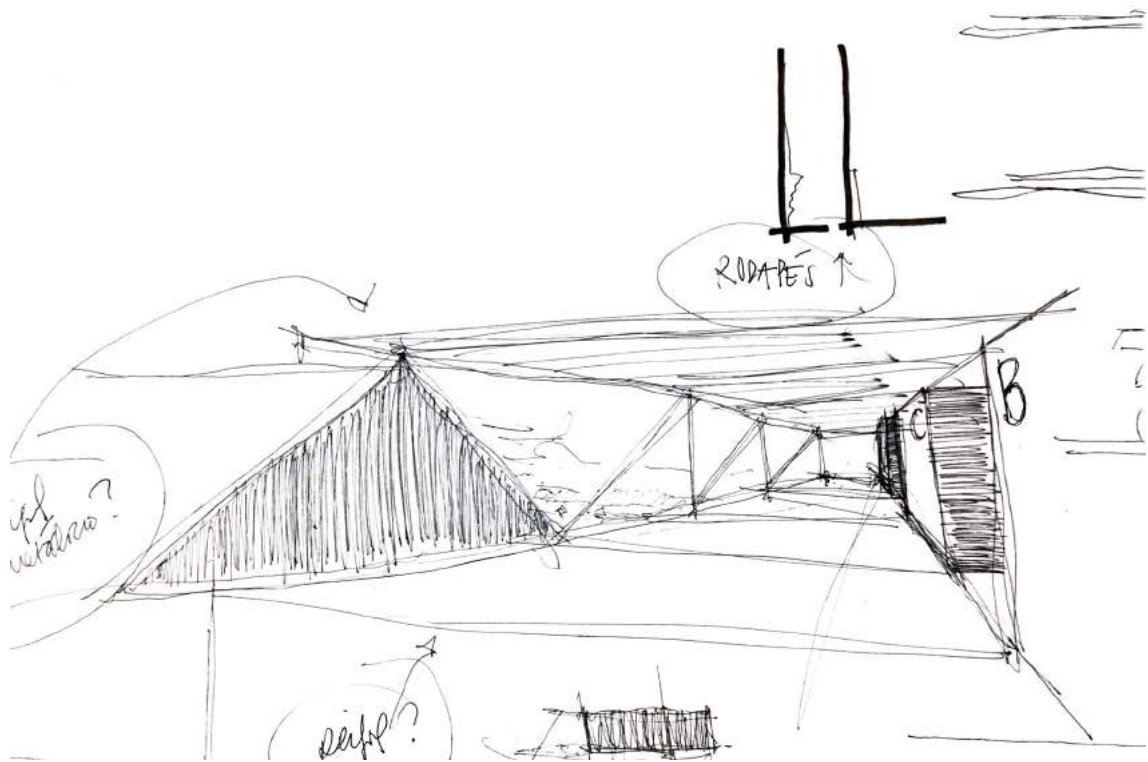
mera parede a remota
a pré-existência



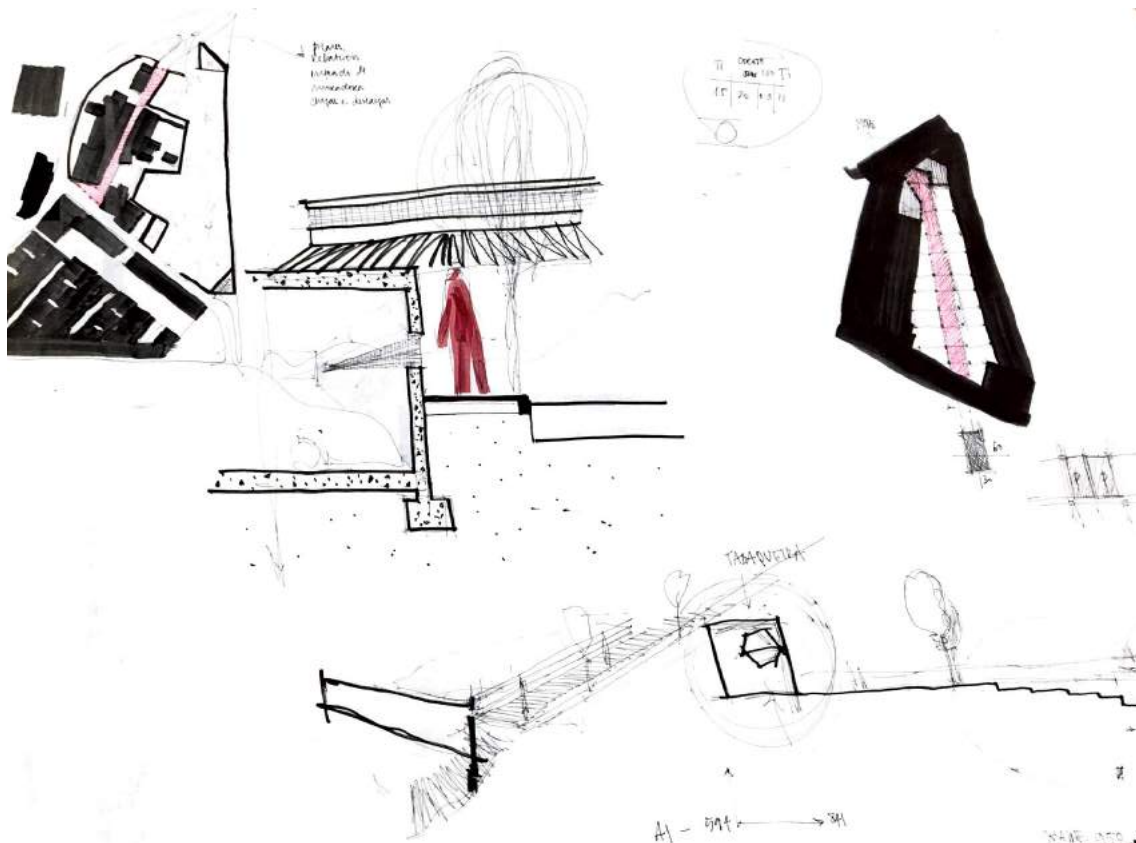


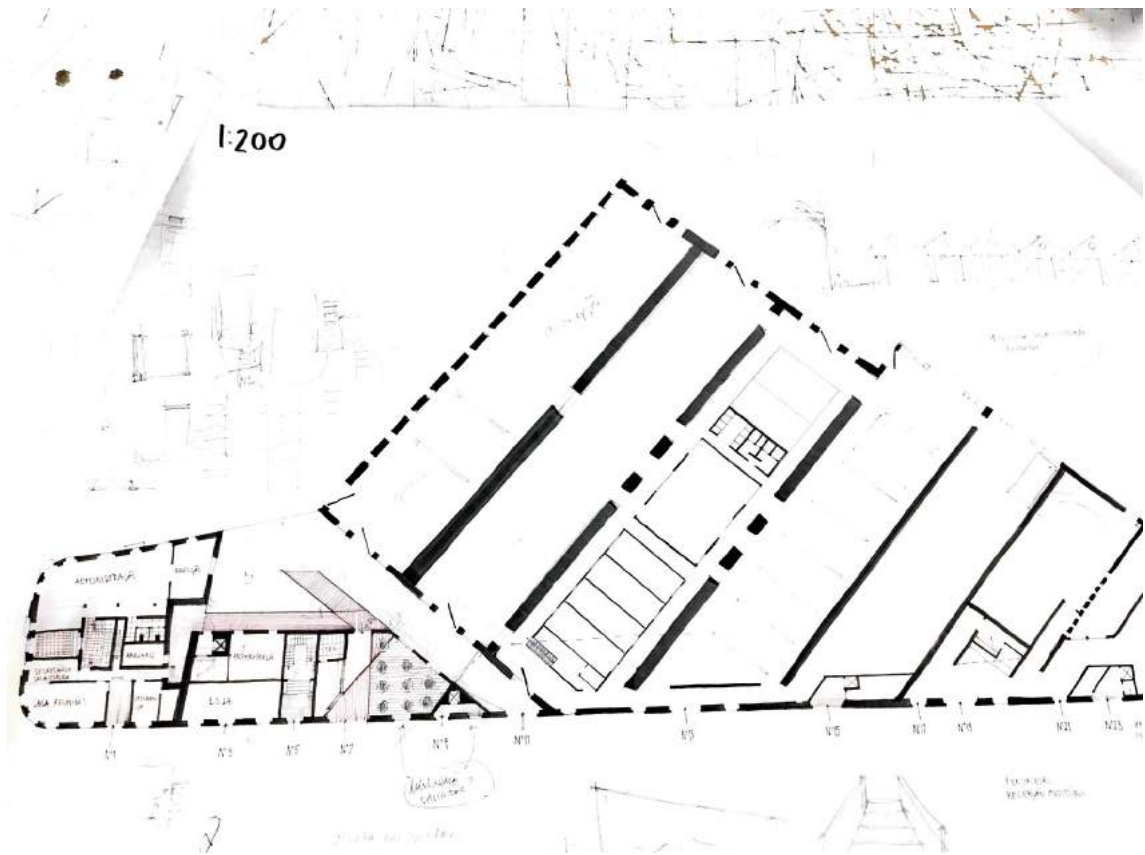
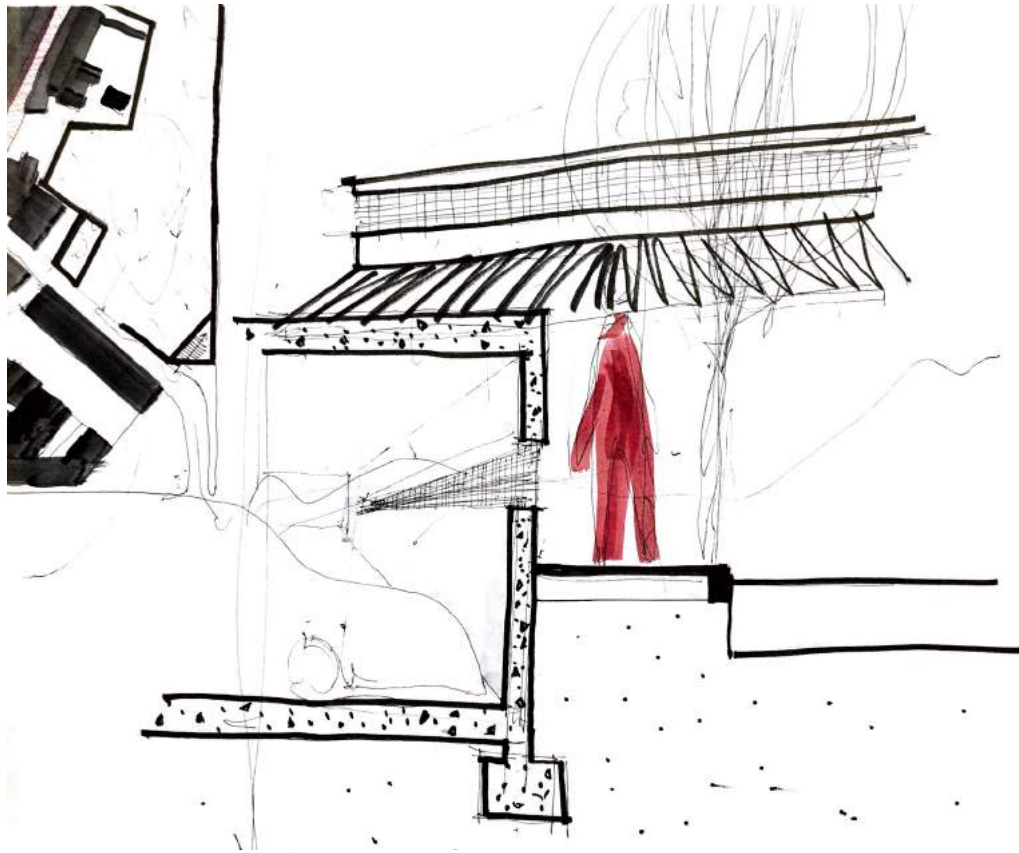
INTERIOR





→ Com lista para o jardim
→ Livro





CIRCULAÇÃO

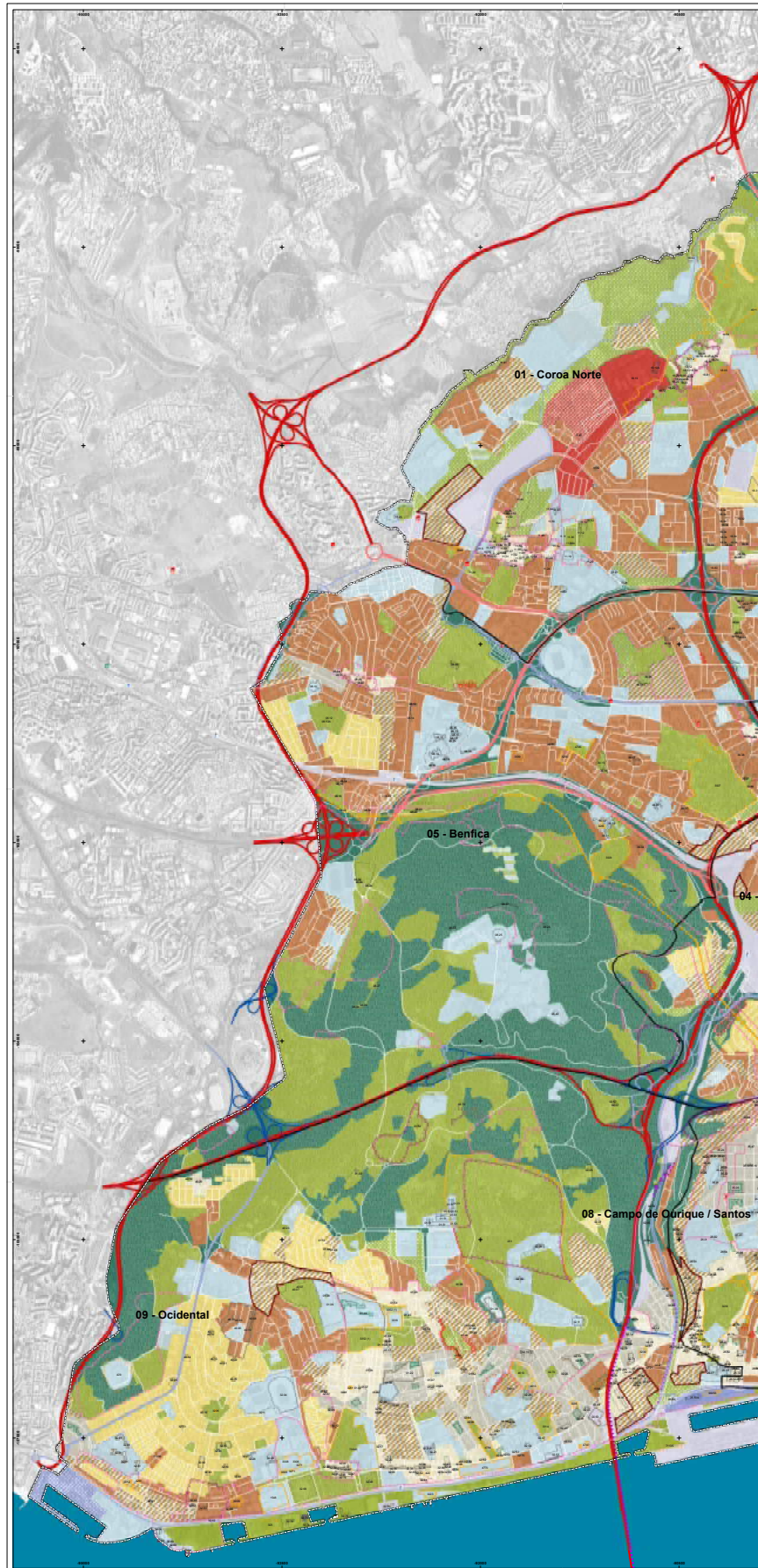
A hand-drawn diagram illustrating a circulation system. It features a yellow-shaded area with a grid-like structure. Three specific areas are circled and labeled: 'SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS' (Administrative Services), 'ESCOLA' (School), and 'CARRILHÃO' (likely a train or tram). Arrows indicate the direction of flow, showing a path that enters from the bottom right, moves left, then turns upwards and right, passing through the 'CARRILHÃO' area, and finally entering the 'SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS' area. The 'ESCOLA' is located near the center of the path. The diagram is titled 'CIRCULAÇÃO' (Circulation) in the top left corner.

[illegible]

III

PDM

LISBOA





USO DO SOLO

ESPAÇOS CONSOLIDADOS

- Espaços Centrais e Residenciais - Traçado Urbano A
- Espaços Centrais e Residenciais - Traçado Urbano B
- Espaços Centrais e Residenciais - Traçado Urbano C
- Espaços Centrais e Residenciais - Traçado Urbano D
- Logadouras Verdes Permeáveis a Preservar
- Espaços de Atividades Económicas

- Espaços Verdes de Recreio e Produção
- Espaços Verdes de Proteção e Conservação
- Espaços Verdes de Enquadramento e Infraestruturas
- Espaços Verdes Ribeirinhos

- Espaços de Uso Especial de Equipamentos
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos com Área Verde Associada
- Espaços de Uso Especial de Infraestruturas
- Espaços de Uso Especial Ribeirinho

ESPAÇOS A CONSOLIDAR

- Espaços Centrais e Residenciais
- Espaços Centrais e Residenciais - POLU
- Espaços de Atividades Económicas

- Espaços Verdes de Recreio e Produção

- Espaços de Uso Especial de Equipamentos
- Espaços de Uso Especial Ribeirinho

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO E GEOLÓGICO

- Gasconamentos com Área de Proteção
- Ocorrências Hidrominerais de Alentejo com Área de Proteção

- Nível Arqueológico I - Área / Restos das Cercas de Lisboa
- Nível Arqueológico II
- Nível Arqueológico III

PATRIMÓNIO EDIFICADO E PAISAGÍSTICO

- Imóveis Classificados
- Imóveis em Vias de Classificação
- Objetos Singulares e Lojas de Referência Histórica e/ou Artística
- Imóveis
- Conjuntos Arquitetónicos
- Logadouras
- Património Paisagístico

REDE VIÁRIA

- Paragens de Comboio existentes
- Estações de Metro existentes
- Estações de Metro em construção
- Estações de Metro previstas

UNIDADES OPERATIVAS DE PLANEAMENTO E GESTÃO

- LIMITE DO MUNICÍPIO / ZONAMENTO ACÚSTICO - Zona Mista



PLANTA DA CIDADE DE LISBOA, 1820
CARTOGRAFIA DA FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA

P
MOSTRANDO V
(ANTIGA C
EM QUE OS SE
DE 18 DE

Copiada das folhas
publicada pe

CC

Limites da circun

Limites decretado

¹ Límites decretados

Limites decretado

Limites fiscais pr
desde 1997 at

Limites actuais (C

Limites atuais (pelos decretos

1895 e 1903.



PLANTA DA CIDADE DE LISBOA

VÁRIAS FASES DA SUA EVOLUÇÃO DESDE 1852
(CIRCUNVALAÇÃO) ATÉ À ACTUALIDADE (1947).
OS LIMITES SE ACHAM FIXADOS PELOS DECRETOS
DE JULHO DE 1885, DE 26 DE SETEMBRO DE 1895
E DE 21 DE NOVEMBRO DE 1903

ESCALA 1:50.000

As 34-D e 34-B da Carta de Portugal na escala 1:50.000,
do Instituto Geográfico e Cadastral, rectificada em 1930

CONVENÇÕES

Circunvalação decretada em 1852.

Limites em 1885.

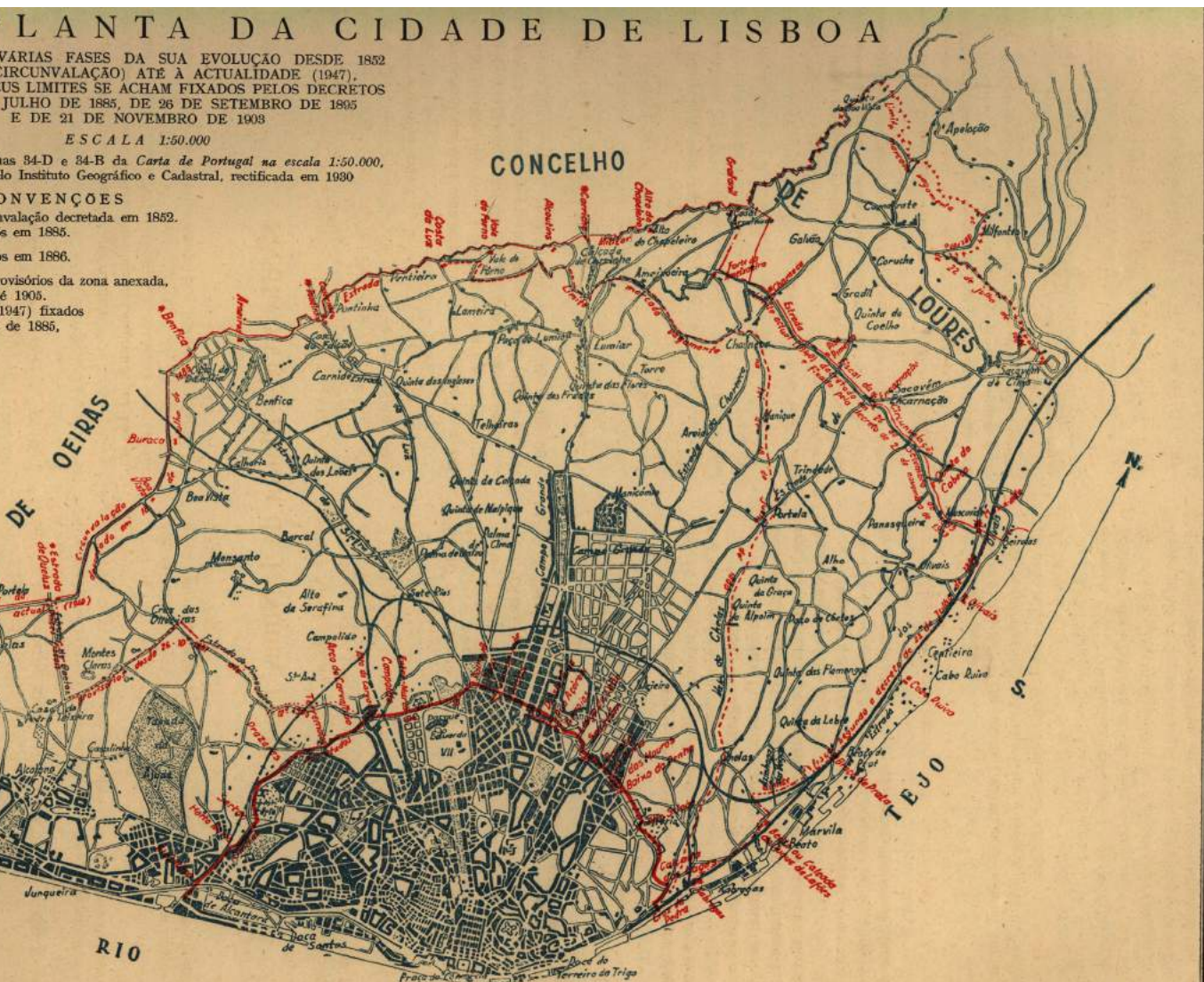
Limites em 1886.

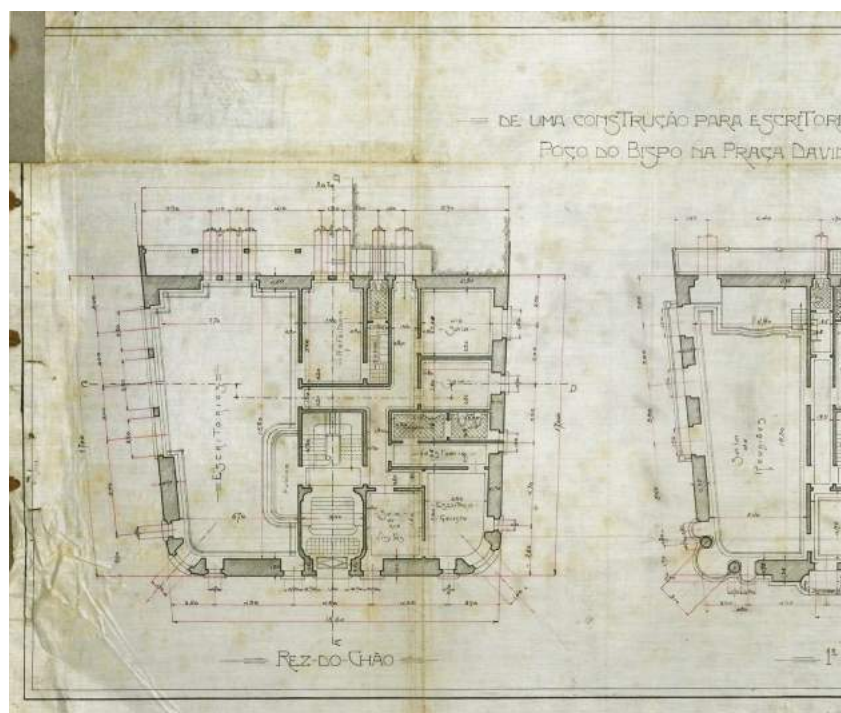
Limites provisórios da zona anexada,

em 1905.

Limites (1947) fixados

em 1885.





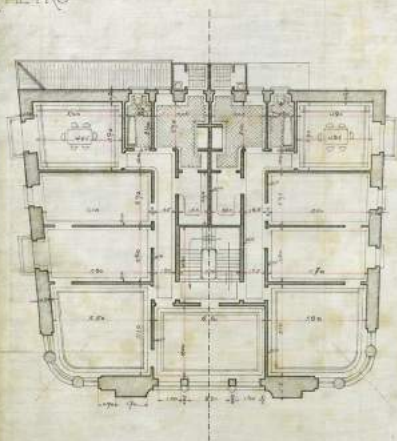
PLANTAS DA FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

PLANTAS

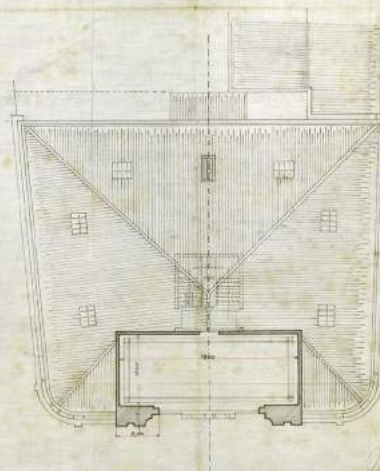
OS QUE A FIRMA JOSE DOMINGOS BARBEIRO L^o DESEJA CONSTRUIR NO SEU TERRENO SITO NO
LEANDRO DA SILVA TORQUEANDO PARA A R. FERNANDO PALHA E R. ZOFIMO PEDROSO
ESCALA DE 1:100 POR METRO



1º ANDAR



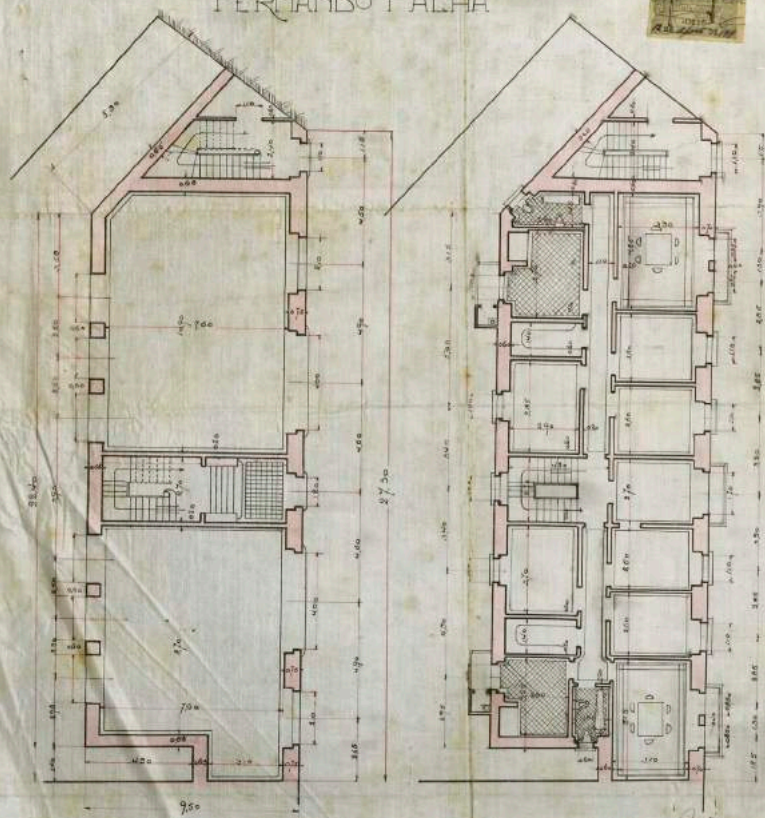
2º ANDAR



SOTÃO E TELHADOS

Le. Barbeiro L^o
m. 2^o de

PLANTAS DE UM PRENIO DE REINDIMENTO QUE A FIRMA
JOSE DOMINGOS BAPPEIRO L^{te} DESEJA CONSTRUIR NO
SEU TEPPENO SITO NO POÇO DO BISPO NA RUA
FERNANDO PALHA



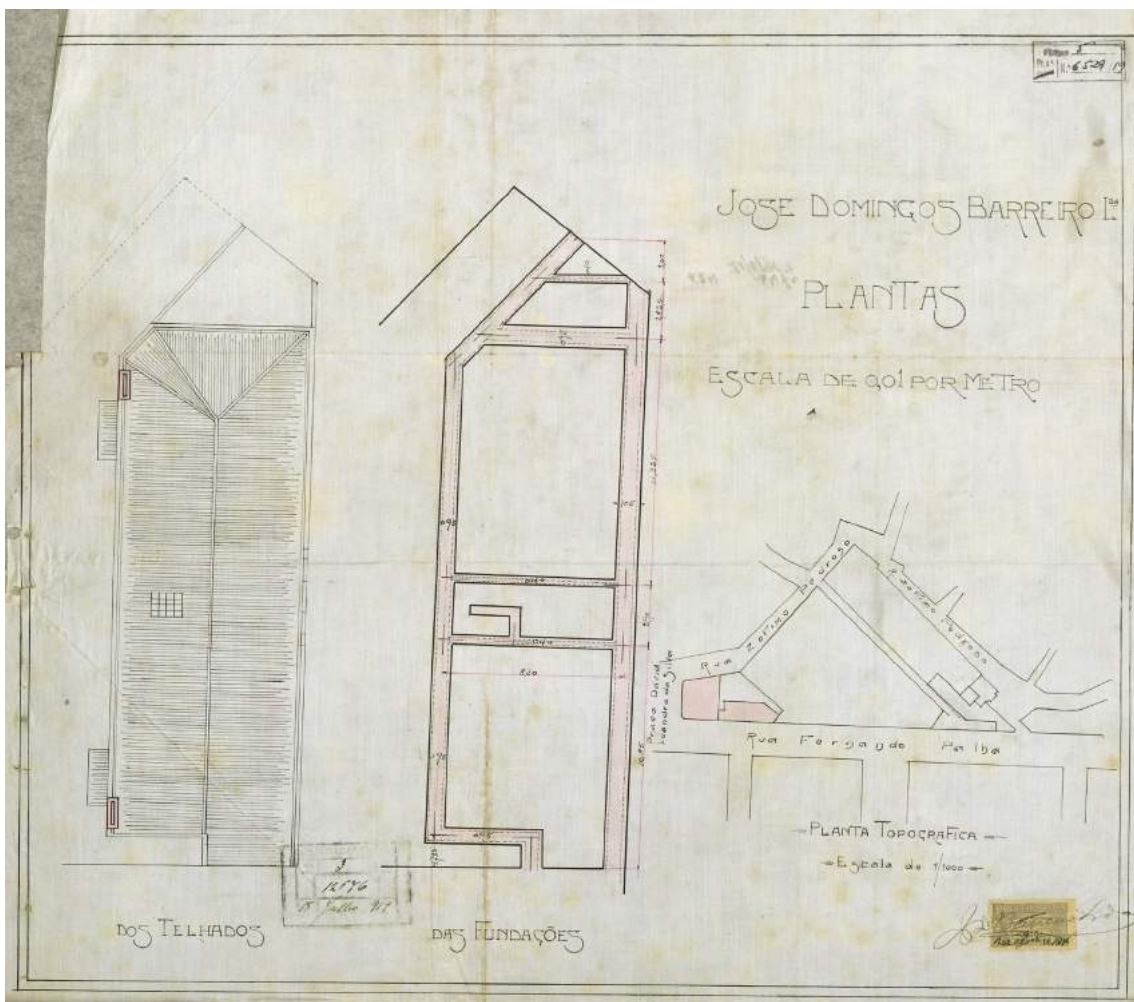
DO REZ-DO CHÃO
— ESCALA DE 001 POR METRO —
DOS ANDARÉS

Plano 1
18/10/1917

JOSE DOMINGOS BARREIRO L^o

PLANTAS

ESCALA DE 401 POR METRO

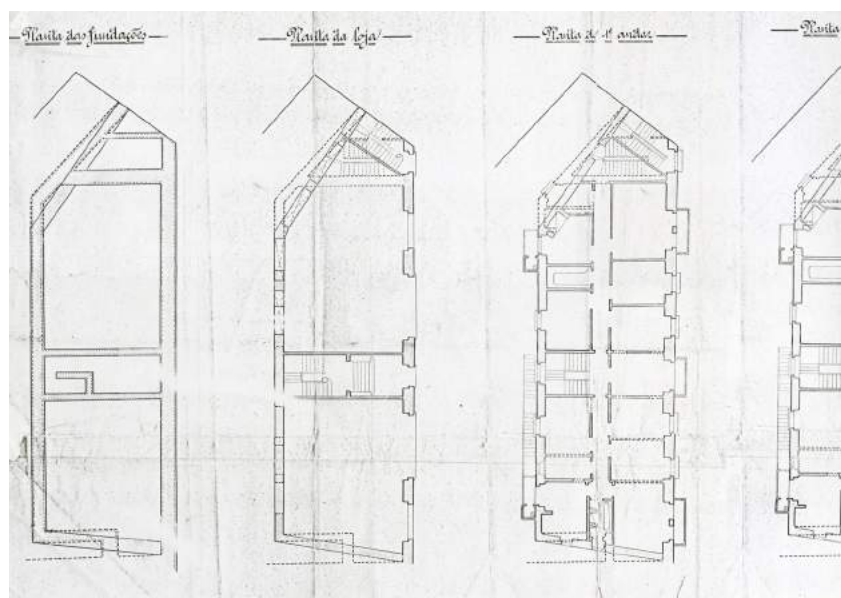


dos TELHADOS

das FUNDACOES

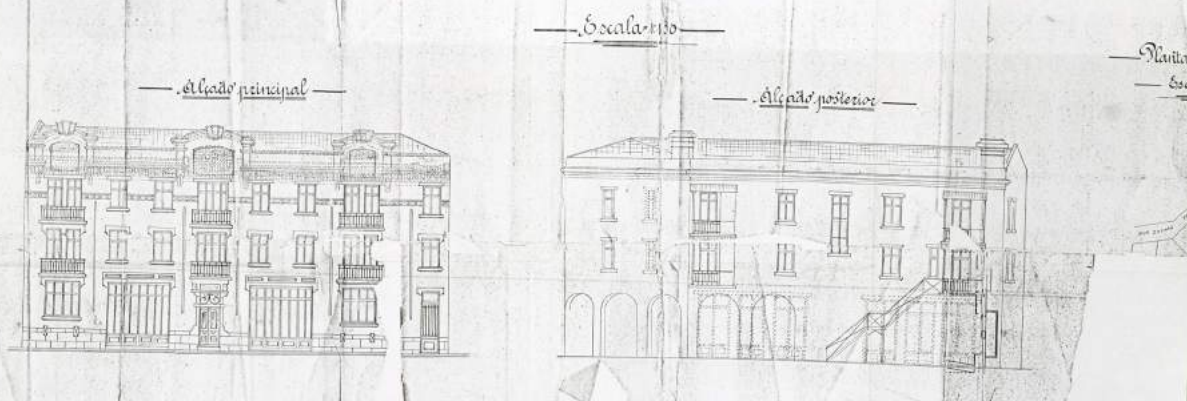
PLANTA TOPOGRAFICA

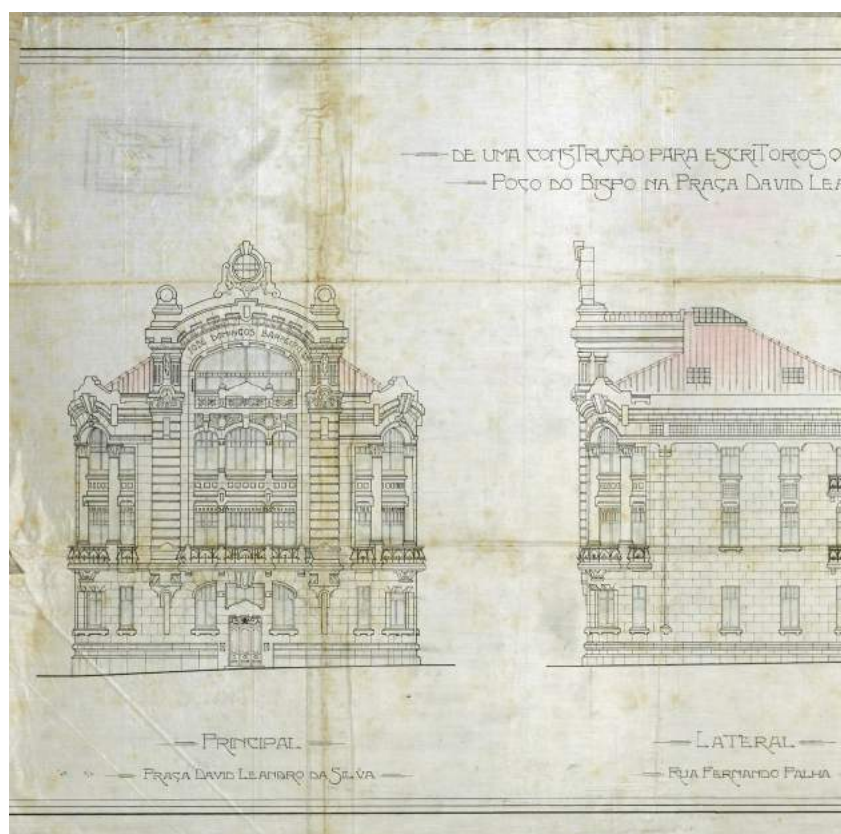
Escala de 1/1000



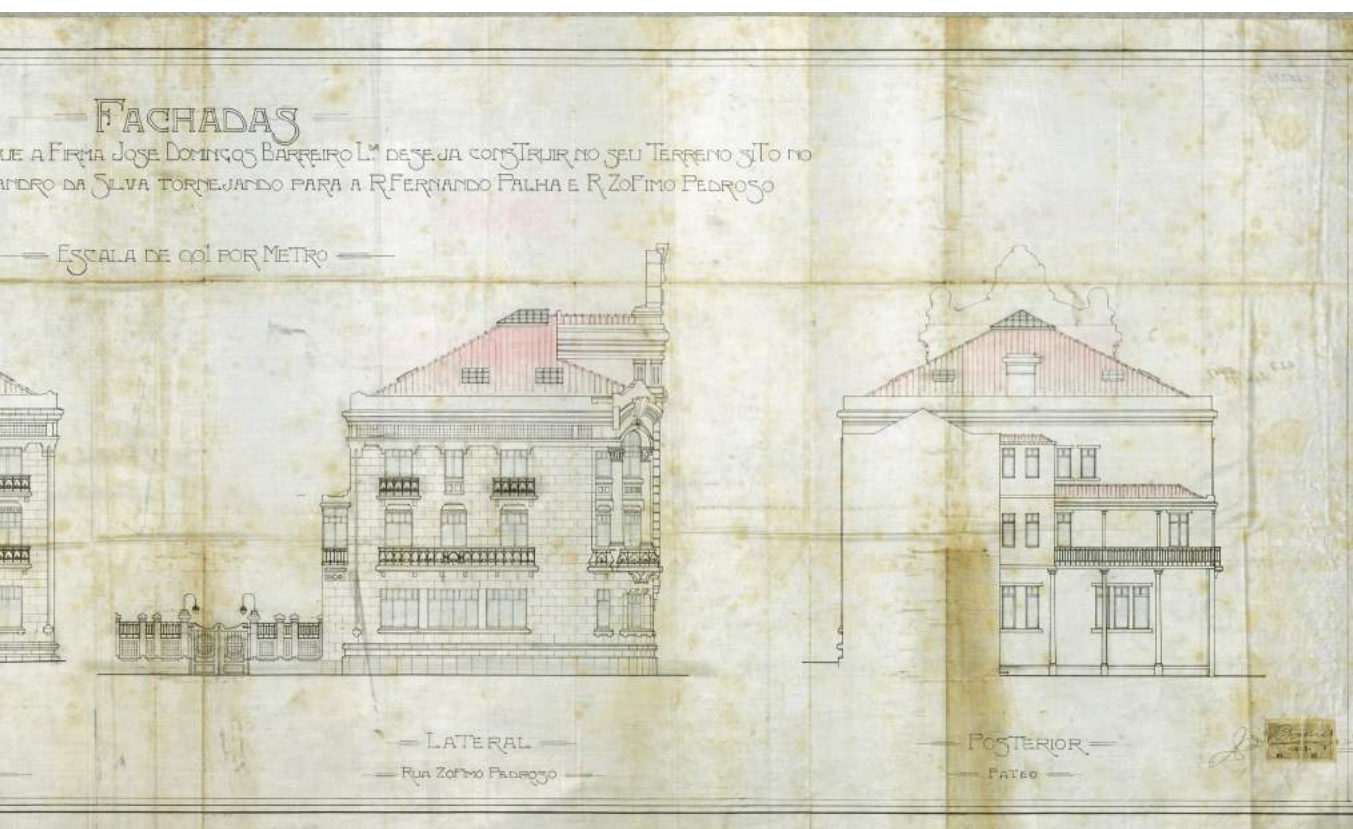
PLANTAS E ALÇADOS DA FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

Projecto de alteração, ue a Firma Jose Domingos Barreiro Limitada pretende
mandar fazer no seu predio em construção na Rua Fernando Palha

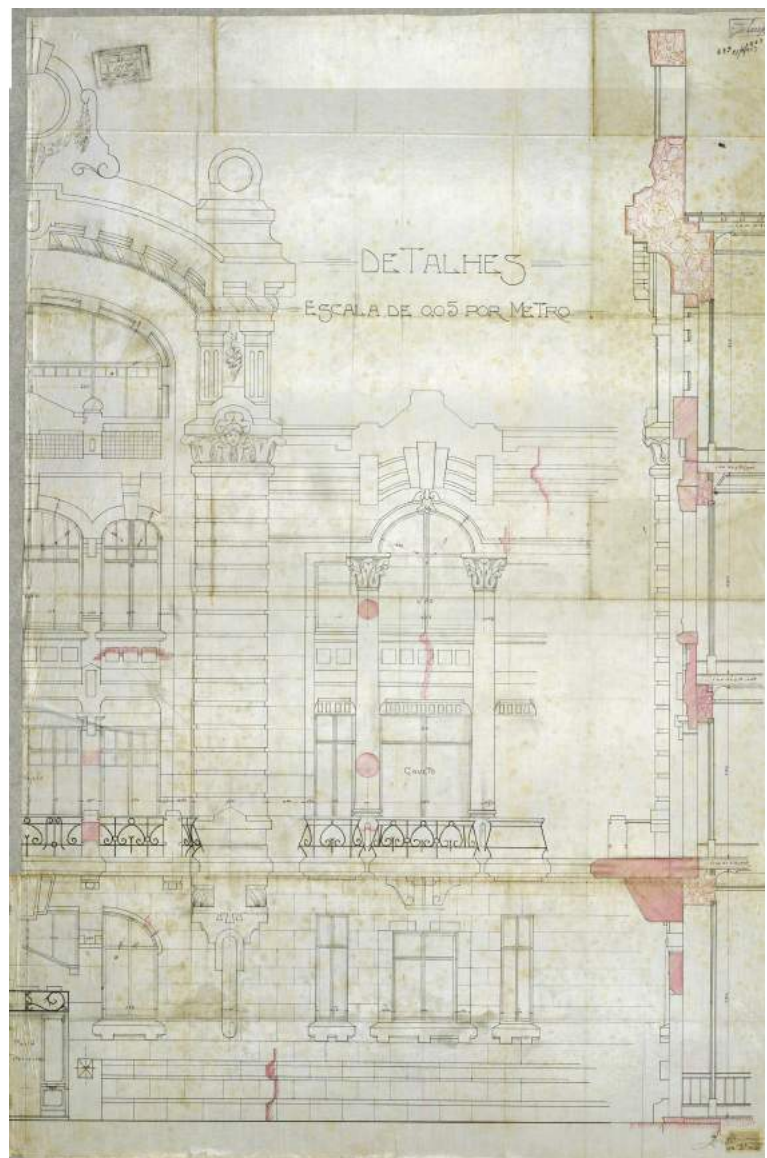


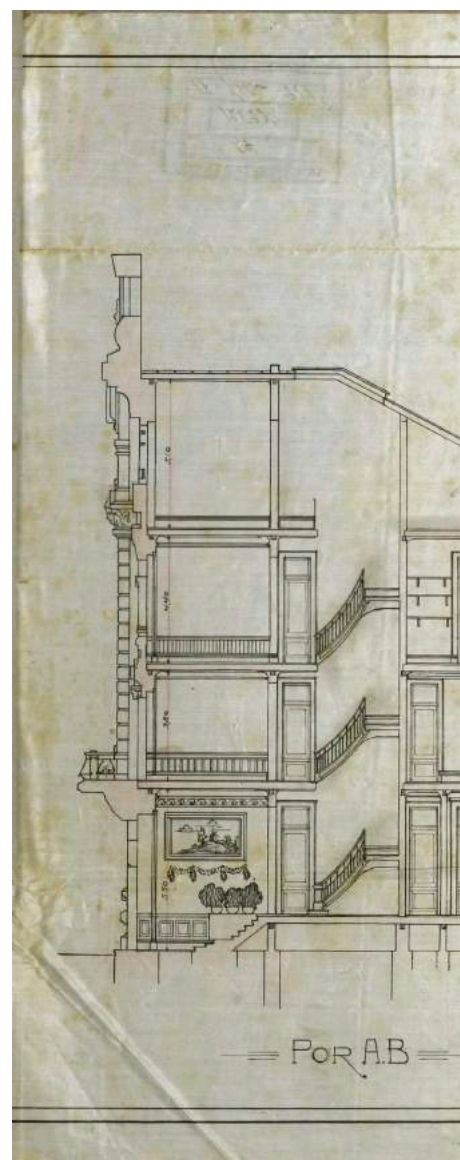


ALÇADOS DA FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA



DETALHE DA FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

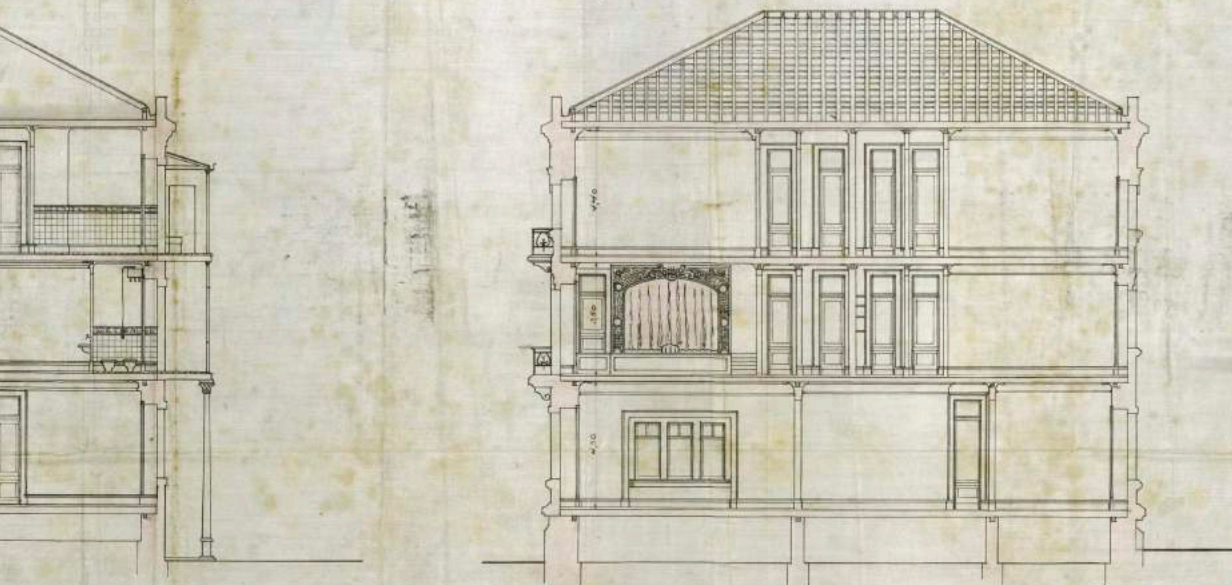




CORTES DA FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

== CORTES ==

== ESCALA DE 001 POR METRO ==



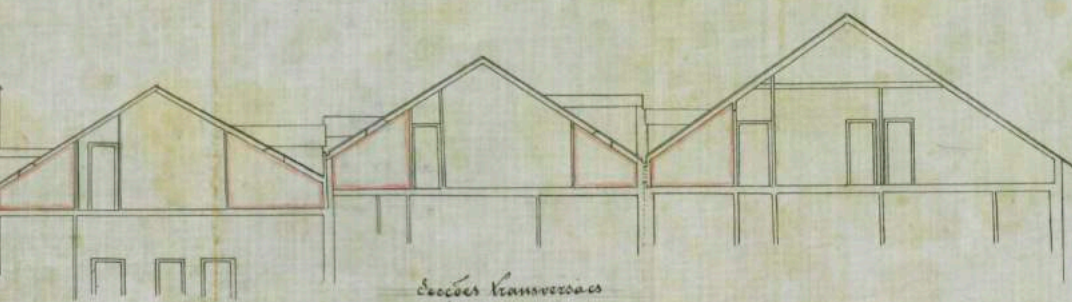
== POR CD ==

g. d. 13



PLANTA E CORTE DA FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

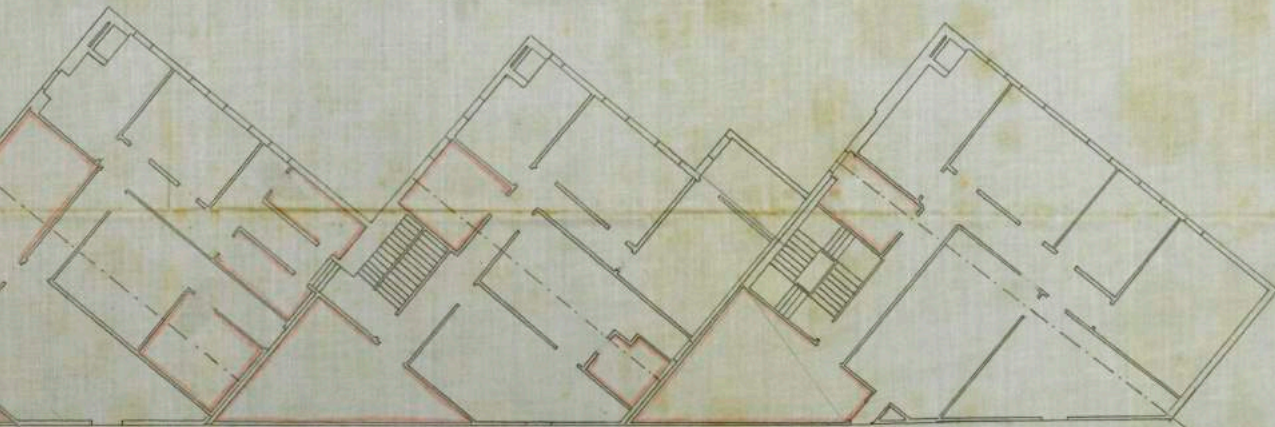
plano de aproveitamento dos terrenos dos solares da propriedade que José Domingos Barreiros e Comp^{ta} está construindo com
com frente para a rua Fernando Salha



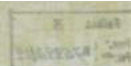
Secções transversaes

Escala 1:100

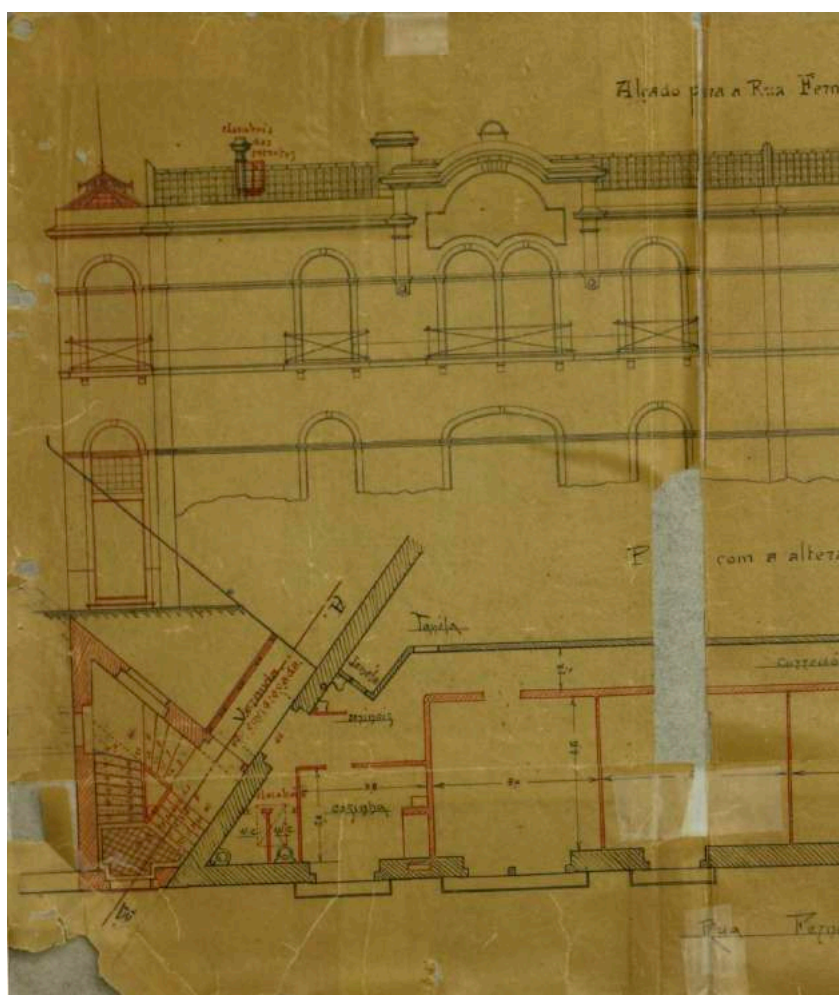
Plantas



Rua Fernando Salha

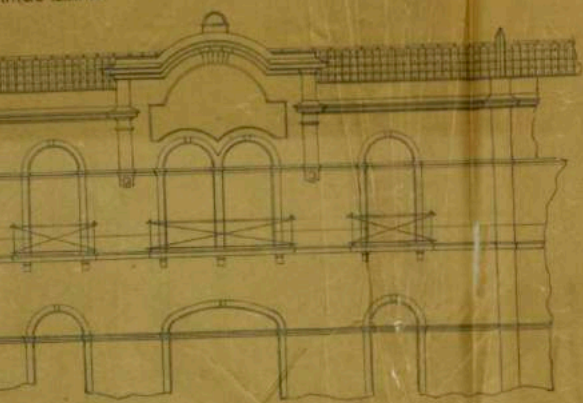


Camara Municipal de Lisboa
Prova 1527 Page 8577
Data de entrega 10-10-217
Assinado:

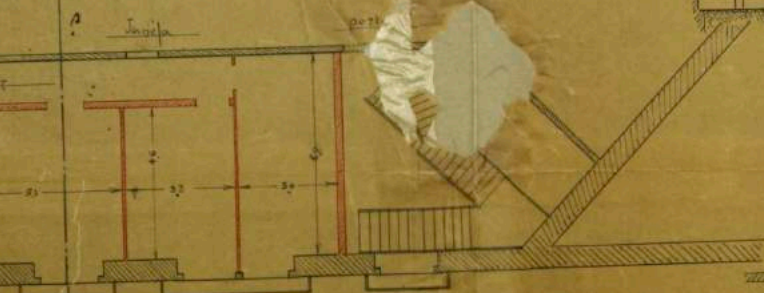


PLANTA E CORTE DA FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

ando Palha.

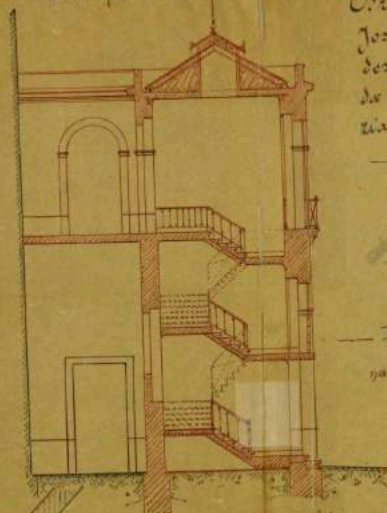


ção

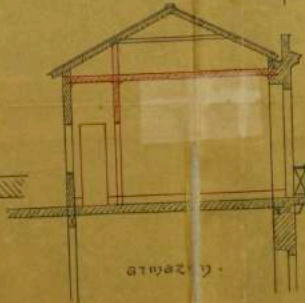


do
Palha

João Domingos Baccato
Corte por A-B



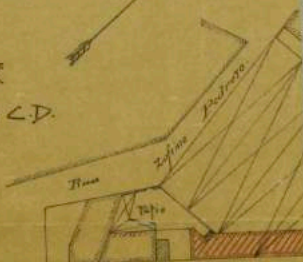
Corte por C-D



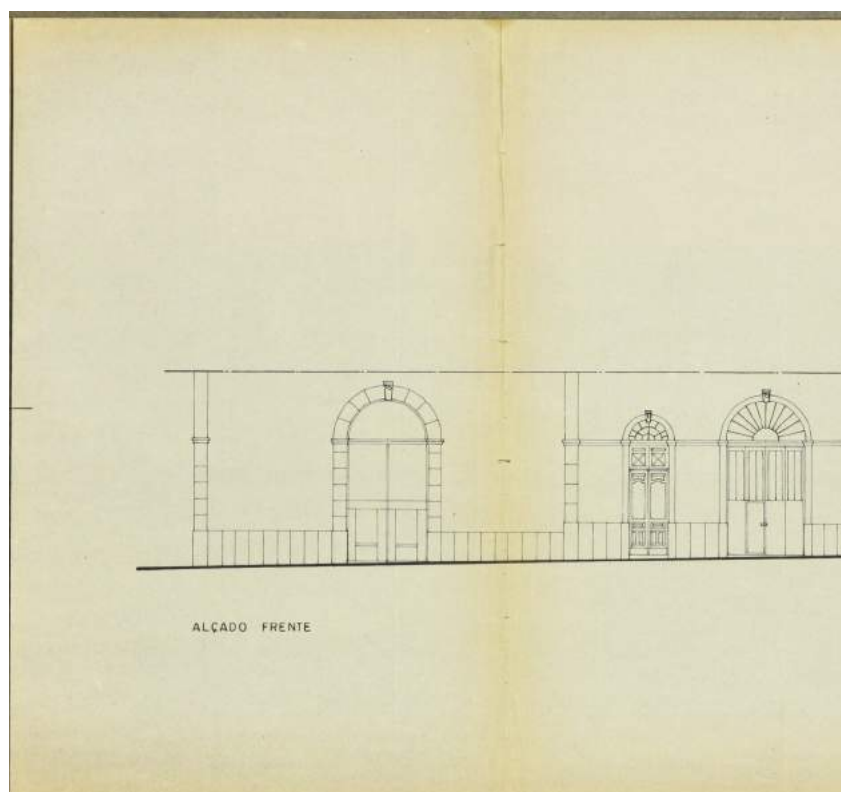
armazém

Projecto d'alteração que
João Domingos Baccato Sr.
deseja fazer nos seus armazéns
de Rua Fernando Palha - freguesia
do Beato - Olisipo -
Escala de 1/100.

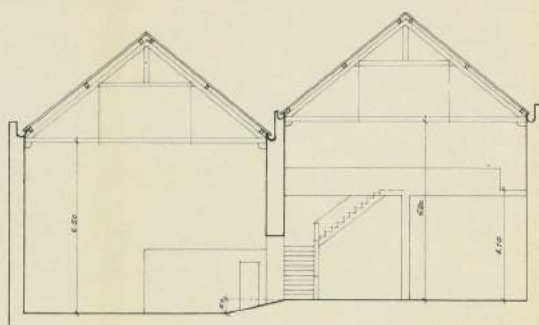
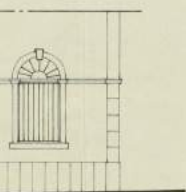
Planta topográfica
na escala de 1/1000



Rua Fernando Palha.



ALÇADO E CORTE DA FÁBRICA JOSÉ DOMINGOS BARREIRO
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA



CORTE A-B

Folha 12
Proj. 4856 3

FORCALIS	
REQUERENTE: Sociedade de Motores e Máquinas Agrícolas Lda	
LOCAL: Rua Fernando Palha nºs 15 e 19 - LISBOA	
DESIGNAÇÃO: ALÇADO e CORTE	
DATA: 3 / 82	O TÉCNICO:
ESCALA: 1:100	O DESENHADOR: <i>Casalheiro</i>

V

MAQUETES

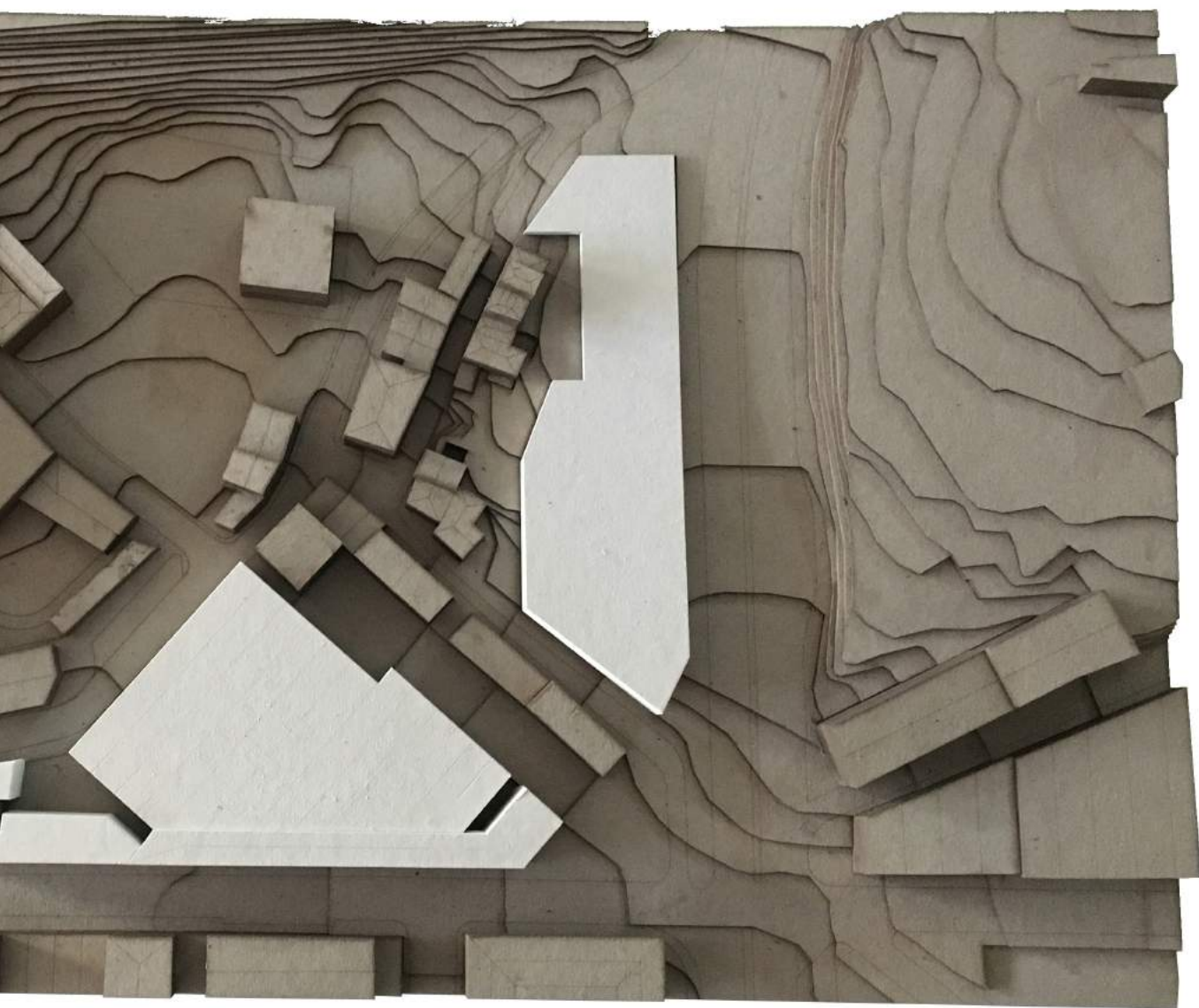


MAQUETE ZONA ORIENTAL DE LISBOA
ESCALA 1:10 000





MAQUETE URBANA
ESCALA 1:500



MAQUETE URBANA
ESCALA 1:500





MAQUETE QUARTEIRÃO
ESCALA 1:200



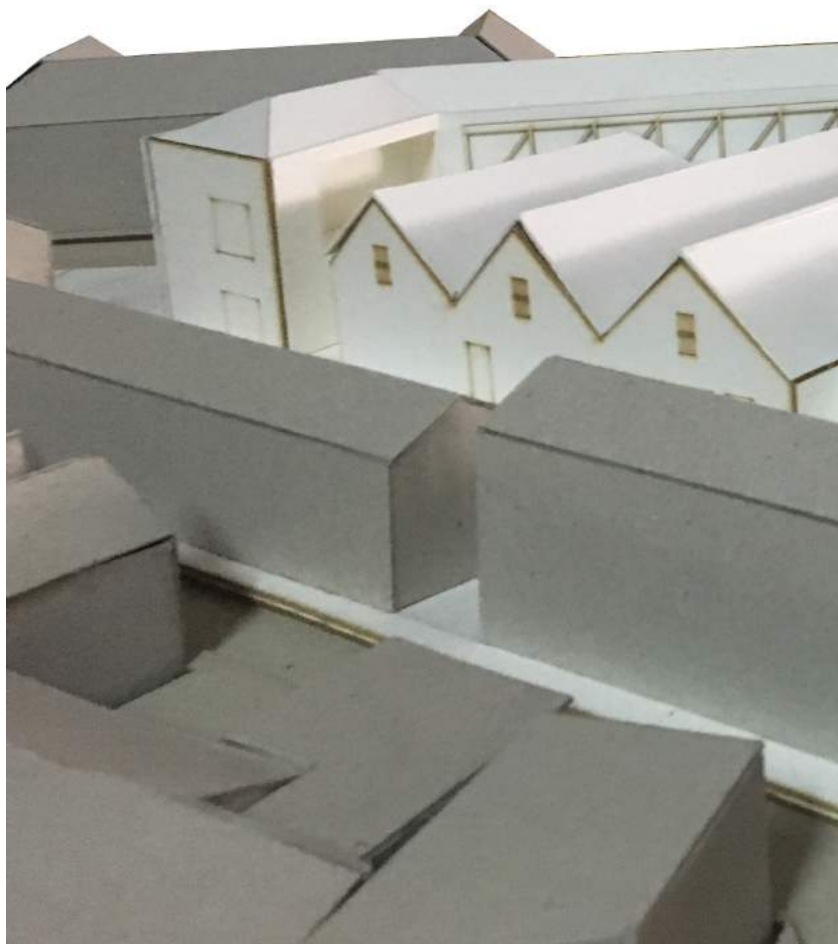
MAQUETE QUARTEIRÃO
ESCALA 1:200



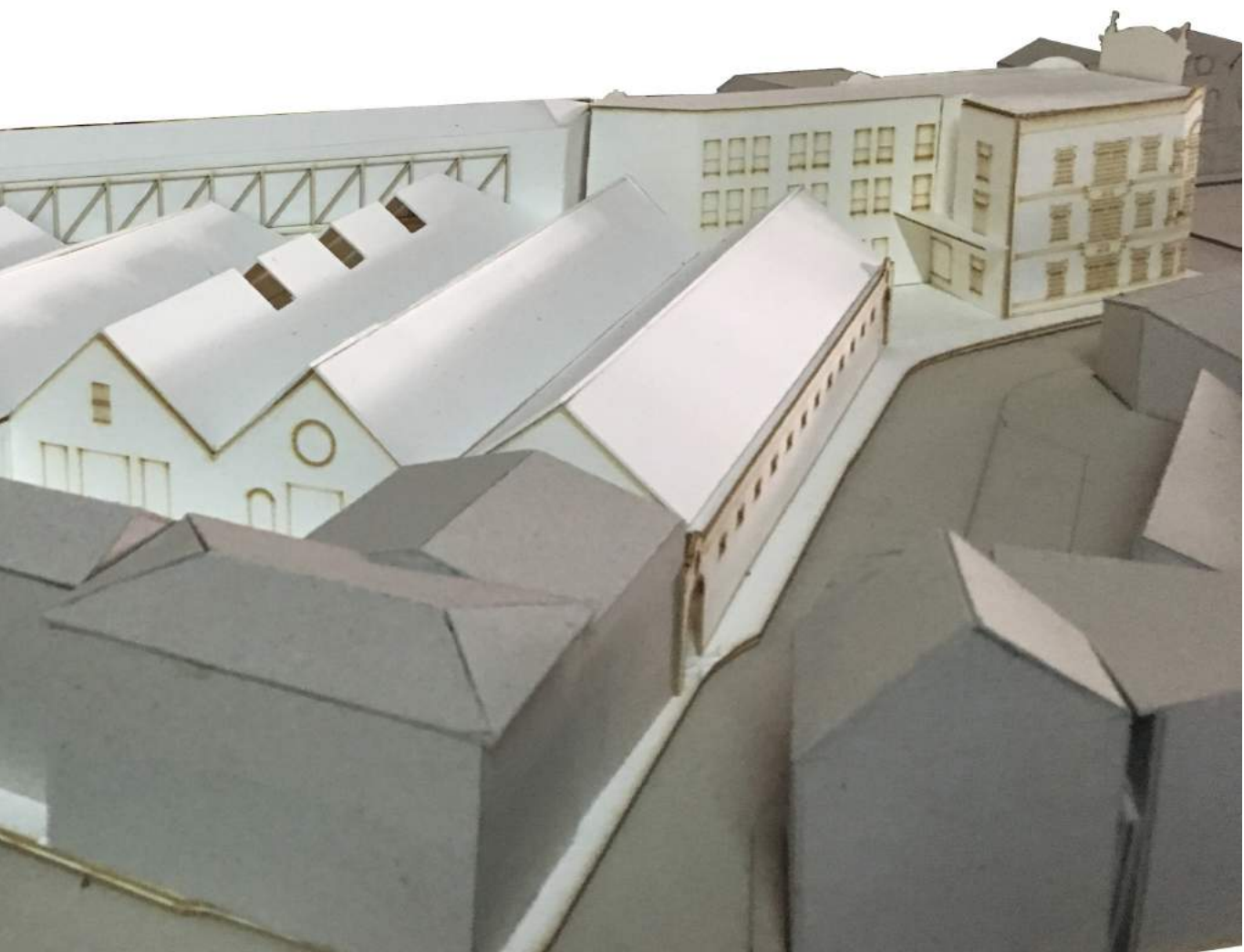


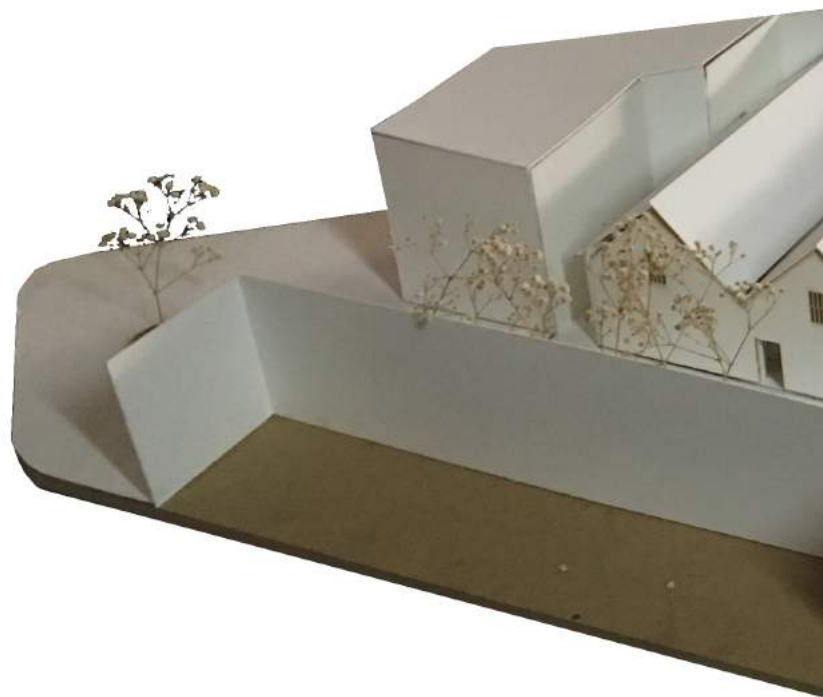
MAQUETE QUARTEIRÃO
ESCALA 1:200





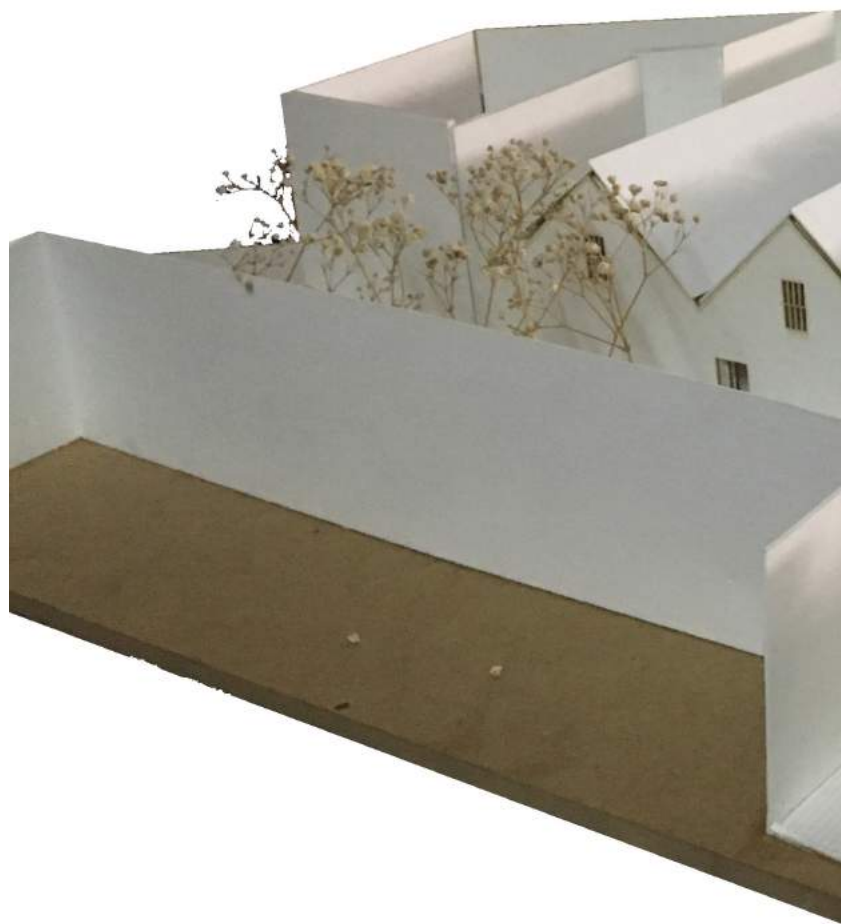
MAQUETE QUARTEIRÃO
ESCALA 1:200





MAQUETE INTERIOR DO QUARTEIRÃO - CENTRO DE ARTES
ESCALA 1:100





MAQUETE INTERIOR DO QUARTEIRÃO - CENTRO DE ARTES
ESCALA 1:100





MAQUETE INTERIOR DO QUARTEIRÃO - CENTRO DE ARTES
ESCALA 1:100





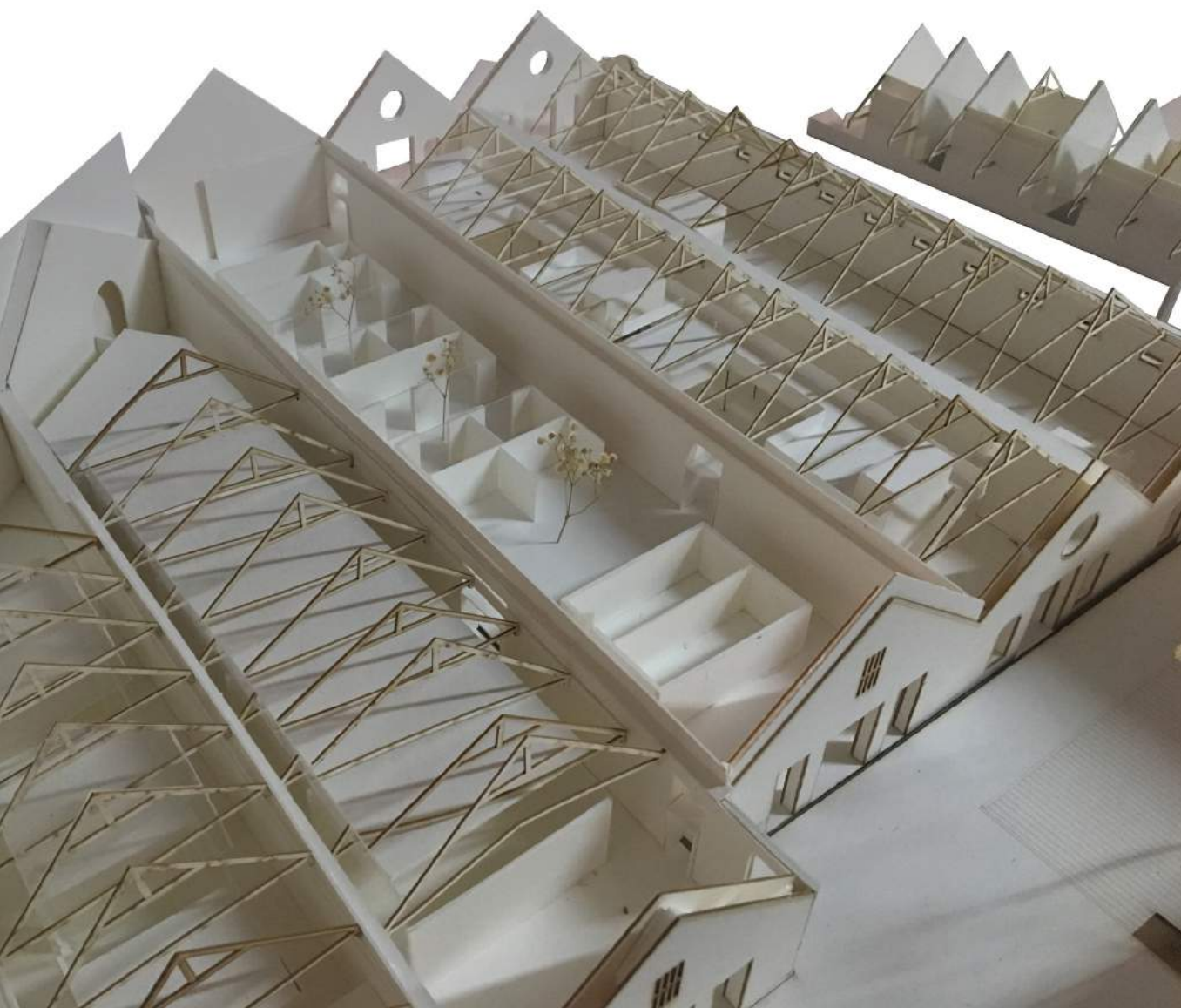


MAQUETE INTERIOR DO QUARTEIRÃO - CENTRO DE ARTES
ESCALA 1:100





MAQUETE INTERIOR DO QUARTEIRÃO - CENTRO DE ARTES
ESCALA 1:100



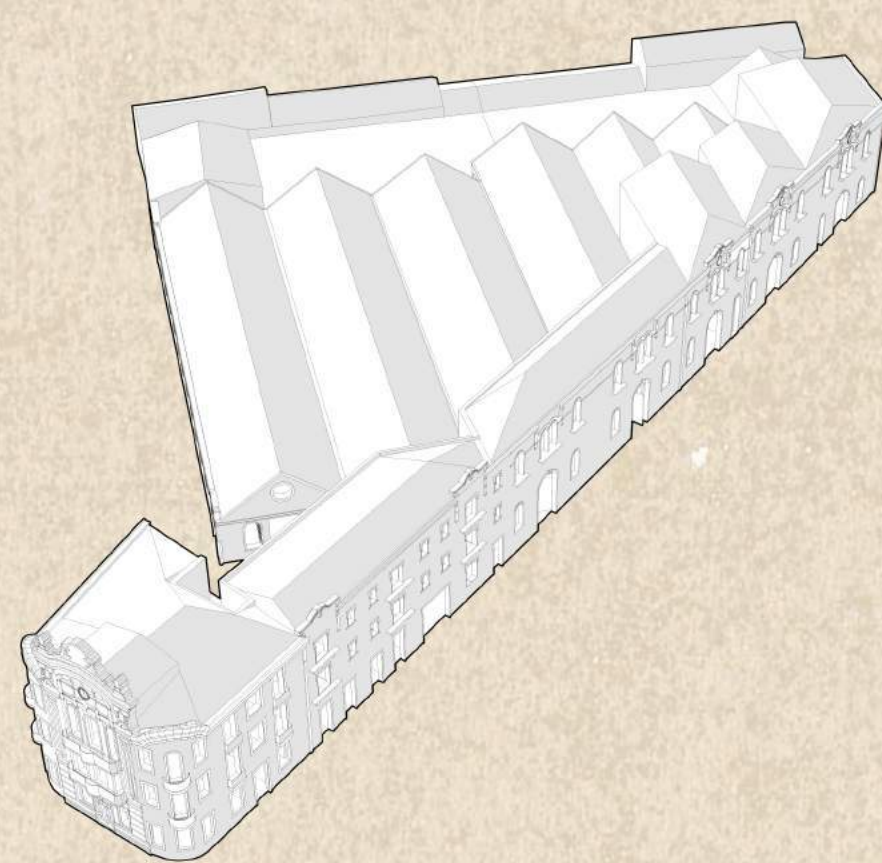




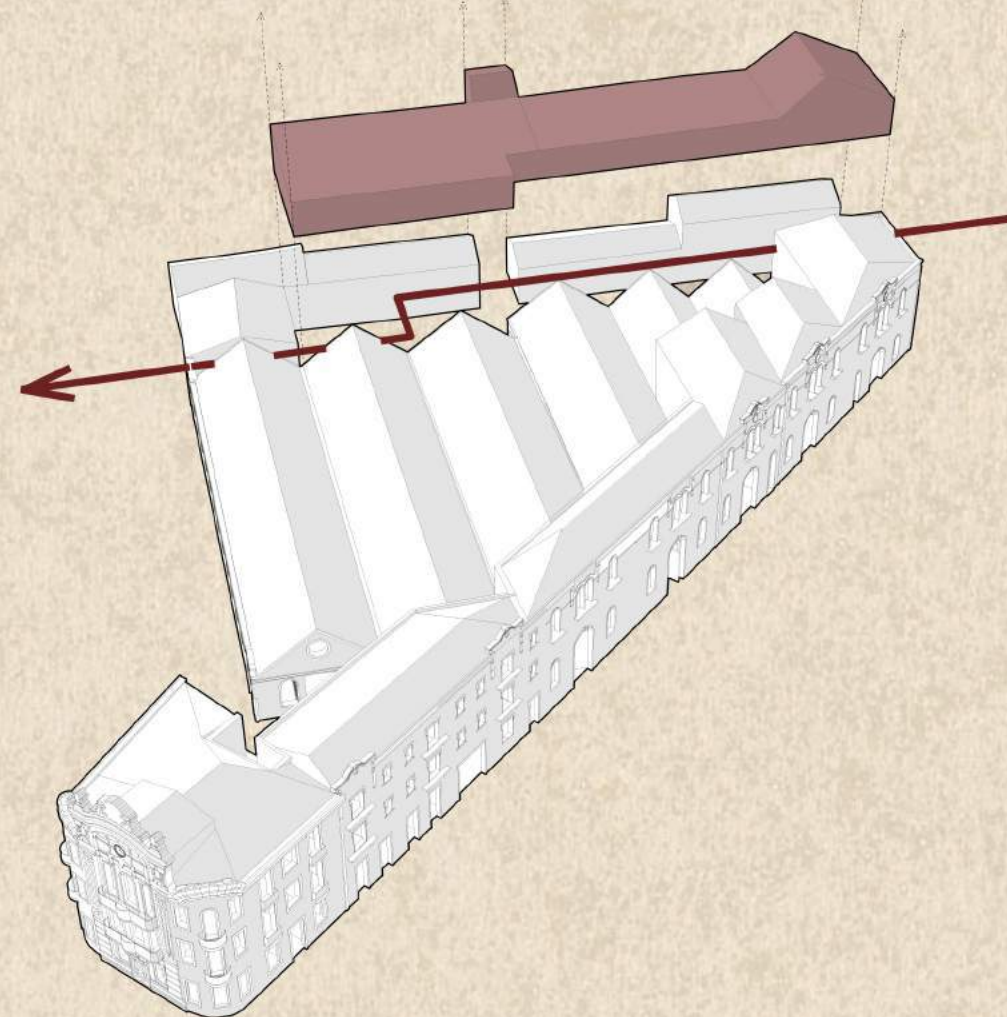
EVOLUÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA

PATRIMÓNIO INDUSTRIAL (CAMINHO DO ORIENTE)

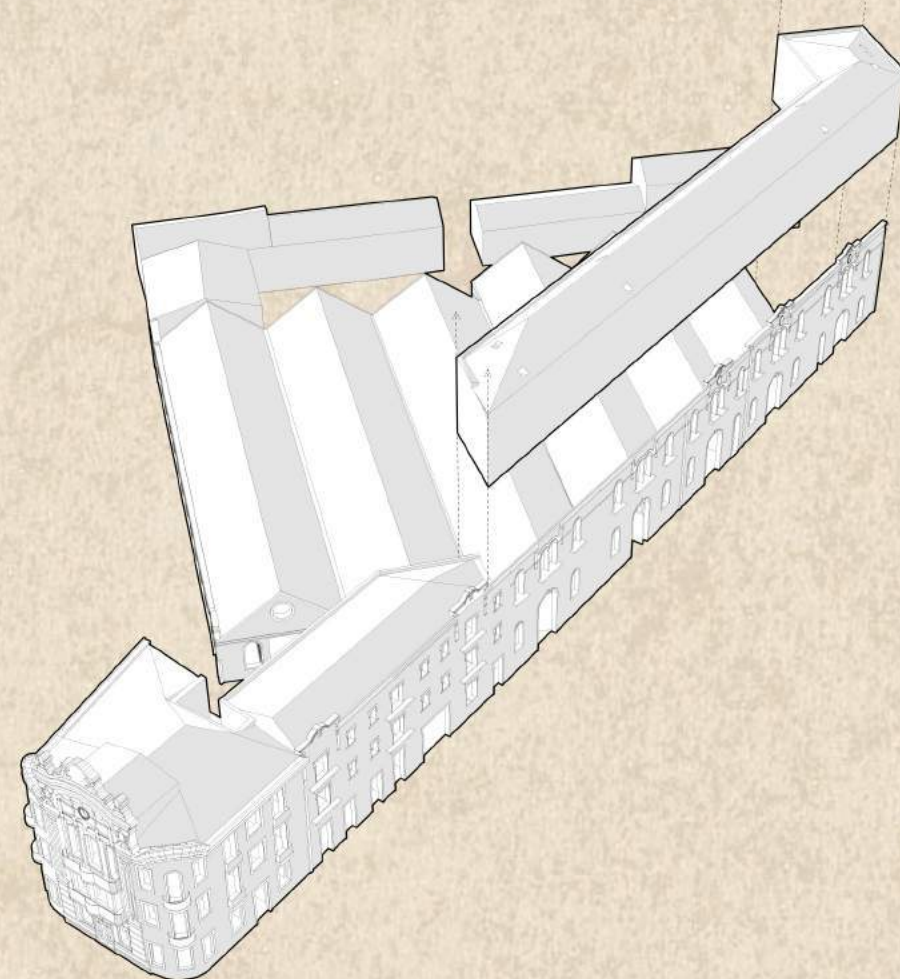
DIAGRAMA DE CENTRALIDADES



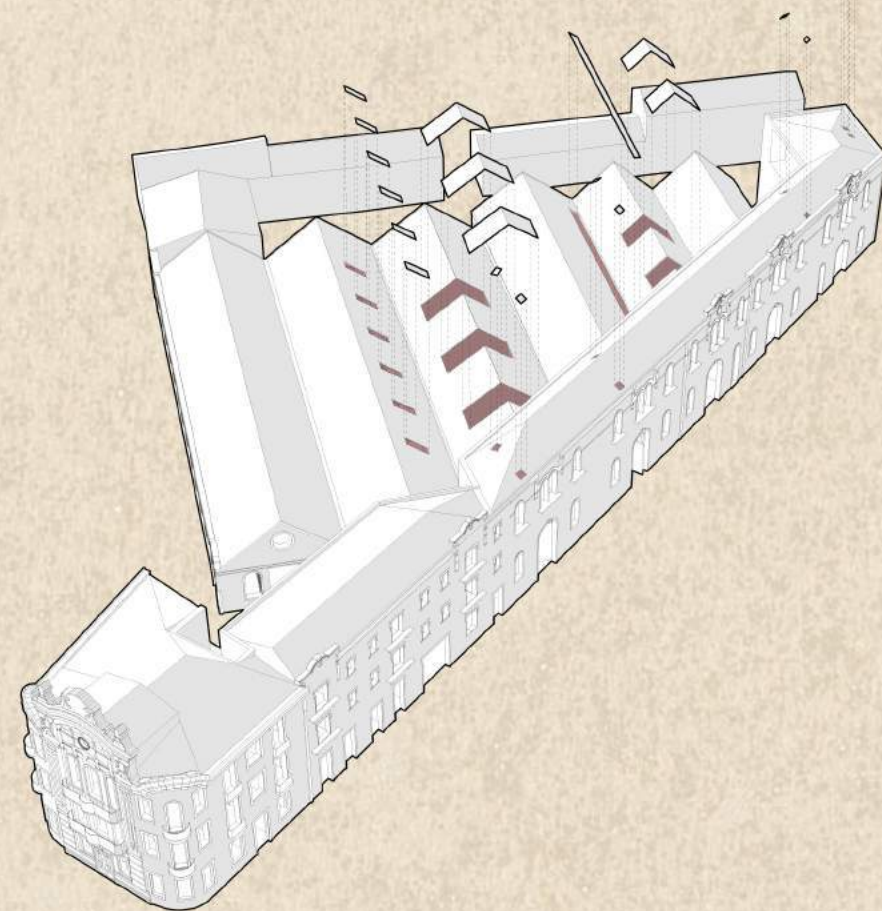
EDIFICADO EXISTENTE



PROPOSTA DE DEMOLUÇÃO DE CONJUNTO
EDIFICADO PARA CRIAÇÃO DE UM NOVO
PERCURSO NA CIDADE



PROPOSTA DE RECONFIGURAÇÃO DA
VOLUMETRIA ADJACENTE À
FACHADA SUL PRÉ-EXISTENTE



PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE POÇOS DE LUZ
NATURAL NAS COBERTURAS DO EDIFICADO
DO QUARTEIRÃO



